



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LITERATURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ANA CLÁUDIA VERAS SANTOS

**REPRESENTAÇÕES DO CALDEIRÃO DO BEATO JOSÉ LOURENÇO NA
LITERATURA DE CORDEL: LEITURAS COMPARATIVAS**

FORTALEZA

2012



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LITERATURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ANA CLÁUDIA VERAS SANTOS

**REPRESENTAÇÕES DO CALDEIRÃO DO BEATO JOSÉ LOURENÇO NA
LITERATURA DE CORDEL: LEITURAS COMPARATIVAS**

FORTALEZA

2012

ANA CLÁUDIA VERAS SANTOS

REPRESENTAÇÕES DO CALDEIRÃO DO BEATO JOSÉ LOURENÇO NA
LITERATURA DE CORDEL: LEITURAS COMPARATIVAS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Letras. Área de concentração: Literatura Comparada.

Orientadora: Profa. Dra. Martine Suzanne kunz

FORTALEZA

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- S233 Santos, Ana Cláudia Veras.
Representações do Caldeirão do beato José Lourenço na literatura de cordel: leituras comparativas / Ana Cláudia Veras Santos. – 2012.
170 f. : il. color., enc. ; 31 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Literatura, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2012.
Área de Concentração: Literatura comparada.
Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Martine Suzanne Kunz.
1. Literatura de cordel brasileira – Cariri(CE). 2. Silva, José Lourenço Gomes da, 1870-1946 – História e crítica.
3. Messianismo – Cariri(CE). I. Título.

ANA CLÁUDIA VERAS SANTOS

REPRESENTAÇÕES DO CALDEIRÃO DO BEATO JOSÉ LOURENÇO NA
LITERATURA DE CORDEL: LEITURAS COMPARATIVAS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Letras. Área de concentração: Literatura comparada.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Martine Suzanne kunz (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Edilberto Cavalcante Reis
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

À Raimunda Veras, Flávio Farias, Cecília e Alberto, pelos exemplos de fé, força, alegria e cumplicidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal do Ceará, instituição que me acolhe há muito tempo, onde pude ampliar horizontes, conhecer tantas pessoas e pensamentos que ajudaram a construir minha trajetória até aqui.

Aos professores do curso de Letras, dos quais relembro os nomes de Leão de Alencar Júnior, Teoberto Landim e Angela Gutiérrez, por suas espirtuosidade, pelos ensinamentos sobre a arte literária e cordialidade, que motivaram em mim a busca por respostas do mundo circundante através da literatura, sua leitura, escuta e escrita.

Ao Programa de Pós- Graduação em Letras, pela oportunidade, aos professores da banca de seleção do mestrado de 2009.2., Neuma Cavalcante, Odalice de Castro e Cid Ottoni, pela credibilidade depositada na proposta de pesquisa deste trabalho. Aos professores que por dois anos nos ajudaram a pensar as ideias de diferentes maneiras, dedico um agradecimento especial ao professor Cid, por suas aulas e por Manoel de Barros. E aos professores que me apoiaram nesse último ano, pela colaboração e compreensão com meu ritmo de trabalho, devido aos problemas de saúde que tive, que impossibilitaram a execução plena das minhas atividades por alguns meses.

Aos colegas de turma e de curso, com os quais dividi as aflições da pesquisa, as conquistas e os tão preciosos cafés nos intervalos das aulas, pelos momentos de descontração bem aproveitados. Obrigada Tiago, colega também de orientação e estudos desde a preparação para a seleção por seu otimismo e Estefânia, por sua generosidade.

Ao professor Domingos Sávio Cordeiro, da Universidade Regional do Cariri, por sua colaboração em nos ter cedido os primeiros cordéis do nosso *corpus*, ainda à época da constituição deste projeto, bem como ao professor Gilmar de Carvalho pelos contatos de pesquisa na Casa de Rui Barbosa, por Ana Pessoa e no Museu do Folclore, por Rosário.

Aos professores Régis Lopes e Irenísia Torres, qualificadores deste trabalho, um particular agradecimento pela importantíssima participação no que considero ter sido o divisor de águas no caminhar desta pesquisa, que após suas contribuições deixou de “engatinhar” e deu passos mais firmes.

À minha orientadora professora Martine Kunz, com quem aprendi a trabalhar valores como o de fidelidade intelectual, por sua postura elegante, ética e direta na condução da orientação desta pesquisa. A ela digo muito obrigada pela paciência e boa vontade diante dos percalços a que nos deparamos durante essa caminhada. Agradeço, sobretudo, pelo empenho de despertar a pesquisadora que há em mim e por acreditar nisso.

Agradeço ao meu pai pelo incentivo da leitura ainda à infância, à minha amada mãe por sua amizade, compreensão e dedicação e aos dois por terem estado ao meu lado em todos os momentos, incondicionalmente.

Aos meus irmãos Vladia e Jorge que foram fundamentais na minha educação formal e pelo apoio nos momentos precisos.

Ao meu companheiro Alberto que é talvez o meu maior incentivador, nesses últimos cinco anos. A ele agradeço imensamente por sua doçura, perseverança, lealdade e admiração. Certamente atribuições ofertadas a quem amamos verdadeiramente e pelas quais realizamos o que há de mais bonito e significativo em nós. Sem dúvida este trabalho é parte desse feito.

Aos queridos amigos, que de longe ou perto são parte desta história.

Àqueles que de que de algum modo colaboraram com este trabalho e com sua autora.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Capes, que contribuiu para esta pesquisa através da concessão de uma bolsa de estudos, possibilitando-me expandir o objeto deste trabalho em outras universidades do Brasil, onde teci relações com pesquisadores, estudantes, professores, na busca do mundo de coisas que há para ser conhecido.

“Poesia não é para compreender, mas para incorporar.”

(Manoel de Barros)

“Trata-se do mais interessante episódio local resultante dos acontecimentos de Juazeiro ao tempo do Padre Cícero e logo depois de sua morte. É o melhor fruto da grande hégira sertaneja. Confirma a tendência das massas rurais sem terra, em certa fase da história do Brasil, ao encontrarem um pedaço de terra para cultivar: sem recursos, sem meios técnicos, falhos até mesmo de enxadas, rasgam a terra com as próprias mãos e, eles sim, obram milagres.”

(Rui Facó)

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo cotejar as *representações* do Caldeirão do beato José Lourenço na literatura de cordel através de um *corpus* constituído para esta pesquisa. Dos dezesseis folhetos catalogados, oito foram analisados e são distribuídos cronologicamente entre os anos de 1935 e 1992. No decorrer desse período se insinuaram três décadas de silêncio da poética popular sobre o fenômeno. Destarte, conjecturações acerca das narrativas foram tecidas sem juízos de valor ou buscas pelas verdades, e sim estabelecendo entre elas relações de verossimilhança e “efeito de real”, conforme apontado por Roland Barthes e Antoine Compagnon (1999). A apreciação se deu pela forma através da qual o poeta cordelista (re)criou sua história sobre o Caldeirão, de modo a compará-la à luz dos aspectos considerados por ele determinantes, como por exemplo: a religião, a política, a sociedade, a história, a cultura, o misticismo ou outros textos. Constatamos ainda que a época escolhe suas verdades e o poeta as desenvolve, confirmando a sentença balizada por Antonio Candido (2006), na qual *texto* e *contexto* são indissociáveis. De modo que temos relatos pautados em aspectos determinados, prevalecendo entre as representações o modelo de “benfeitorias” experimentado por José Lourenço e sua comunidade no início do século XX. Diante disso, a história do Caldeirão vem sendo elaborada, fundamentada, por vezes refutada, e não concluída, visto que está em construção também, por uma geração de cordelistas que “inventa” o seu Caldeirão, seguindo a perspectiva de presente em relação ao passado, em acordo com Durval Muniz (1999).

Palavras-chave: Literatura de cordel. Caldeirão. Beato José Lourenço. Representações.

RÉSUMÉ¹

Cette dissertation a comme objectif l'étude comparative des *représentations* du Caldeirão du Beato José Lourenço dans la littérature de *cordel*, à partir d'un corpus constitué à cette fin. Des seize titres répertoriés, huit ont été analysés. Leurs dates de publication suivent une chronologie qui s'étend de 1935 à 1992. Au cours de cette période, il s'est écoulé trois décennies pendant lesquelles la poésie populaire a fait silence sur le phénomène en question. Soulignons que les hypothèses que nous avons élaborées sur les récits narratifs se tiennent à l'écart des jugements de valeur ou des quêtes de vérités, cherchant plutôt à établir entre les textes des relations de vraisemblance et d'"effet de réel", tel que le conçoivent Roland Barthes et Antoine Compagnon (1999). Notre appréciation porte essentiellement sur la forme choisie par le poète de *cordel* pour recréer son histoire du Caldeirão et vise à mettre en lumière les éléments que celui-ci a considérés déterminants pour l'élaboration de son oeuvre: la religion, la politique, la société, l'histoire, la culture, le mysticisme entre autres. Nous avons constaté que chaque époque élit ses vérités et que le poète les développe, confirmant ainsi la sentence formulée par Antonio Candido (2006), selon laquelle *texte* et *contexte* sont indissociables. De cette façon, nous sommes en présence de rapports fondés sur des aspects déterminés de l'expérience menée par José Lourenço et sa communauté au début du xxème siècle, parmi lesquels prévaut le modèle des oeuvres réalisées au bénéfice de cette dernière. Finalement, nous pouvons affirmer que l'histoire de Caldeirão est encore en élaboration, argumentée, réfutée et non achevée, étant donné qu'elle est en construction dans l'oeuvre d'une génération de *cordelistas* qui *invente* son Caldeirão, selon la perspective du présent en relation avec le passé, en accord avec Durval Muniz (1999).

Mots-clé: Littérature de *cordel*. Caldeirão. Beato José Lourenço. Représentations.

¹ Traduzido pela Professora Dra. Martine Suzanne Kunz.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – (xilogravura “chegada de José Lourenço a Juazeiro).....	25
Figura 2 – (xilogravura “invasão do Caldeirão pelas forças policiais).....	46
Figura 3 – (capa do cordel de Abraão Batista).....	63
Figura 4 – (capa do cordel do padre Geraldo Oliveira Lima).....	97
Figura 5 – (capa do cordel de José Normando Rodrigues).....	123
Figura 6 – (capa do cordel de Francisco Artur Pinheiro Alves).....	124
Figura 7 – (capa do cordel de Paulo Nunes Batista).....	133
Figura 8 – (capa do cordel de Paulo de Tarso B. Gomes)	143

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	O BEATO JOSÉ LOURENÇO E O CALDEIRÃO: REPRESENTAÇÕES NO CORDEL DOS ANOS 1930	21
2.1	Caldeirão: uma irmandade no deserto e uma cruz no meio	21
2.2	A guerra dos Josés: Zé “beato”, Zé “fanático” x José Bezerra, José da “Força”.....	37
2.3	Convergências e divergências dos cordéis remanescentes do Caldeirão: “linguagem social” e “discurso de poder”	48
3	ATOS DE SILÊNCIO E VERSOS DE CORDEL: NARRATIVAS DO CALDEIRÃO TRINTA ANOS APÓS O FIM DA GUERRA	52
3.1	Vozes do silêncio, versos em branco	52
3.2	A ruptura com o paradigma do silêncio	56
3.2.1	<i>O “efeito de real” no cordel dos anos 1970</i>	57
3.3	As “três carreiras” de José Lourenço	63
3.3.1	<i>A intertextualidade das vozes e o apelo social</i>	71
3.4	José Lourenço: do caos à admiração	85
4	CALDEIRÃO DE FÉ E LUTA NA REPRESENTAÇÃO DO CORDEL DE 1970 EM DIANTE	97
4.1	“Caminheiros em busca de terra livre”	97
4.2	Nos caminhos de 1980, o cordel segue o Caldeirão	108
4.3	Novos olhares sobre o Caldeirão: como o cordel acompanhou as mudanças processadas ao seu tempo de produção?	110
4.3.1	<i>O beato Zé Lourenço e o boi Mansinho ou: a chacina do Caldeirão</i>	112
4.3.2	<i>Do barro se construiu o sonho e da fé se realizou a liberdade</i>	125
4.4	Cordel para ler e aprender a história “bonita” do Caldeirão	142
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	150
	REFERÊNCIAS	157
	ANEXOS	162

1 INTRODUÇÃO

“No testemunho da barbárie, a lente comparativa é crucial, no sentido de impedir que se consolidem discursos de monopólio do sofrimento. Cotejar a dor em suas diversas manifestações e contextos é também uma forma de disseminá-la, de torná-la patrimônio de todos e não privilégio deste ou daquele grupo. Assim, viabiliza-se uma outra ética para o processo investigativo, mais solidária, empenhada em estabelecer nexos, pontos de contato, afinidades, na recusa da retórica vitimada.”

(Rosana Bines)

Representações do Caldeirão do beato José Lourenço na literatura de cordel: leituras comparativas traz um conceito chave para o seu desenvolvimento. Entre as múltiplas formas de abordagem que dispomos para realizar pesquisas sobre gêneros literários, em especial, a literatura de cordel, caso de nossa temática geral, escolhemos a de *representação*, pois ela está associada à ideia que formamos ao delimitar o nosso horizonte de estudo.

Determinamos, portanto, que não trabalharíamos com juízos de valor ou buscas pelas verdades, e sim tecendo conjecturações sobre as narrativas, estabelecendo, desde que possível, relações de verossimilhança e de “efeito de real”, conforme apontado por Compagnon (1999). Isso devido ao nosso interesse em apreciar a forma pela qual o poeta cordelista (re)criou sua história a respeito do Caldeirão de modo a compará-la à luz dos aspectos considerados por ele determinantes, como por exemplo: a religião, a política, a sociedade, a História, a cultura, o misticismo ou outros textos.

Sobretudo, as análises basearam-se através da forma pela qual o fato, no caso a história do Caldeirão do beato José Lourenço, foi apropriado posteriormente pela literatura de cordel. Diante disso, percebemos que o fato não é o mesmo de 1936, mas sim o que resultou do seu desenvolvimento e transformação ao chegar aos anos 1970, 1980, 1990, depois, inclusive, de vivenciar três décadas de silêncio. O que certamente fez muita diferença nessa retomada.

Desse modo, acompanhamos o percurso feito pelo poeta ao narrar os fatos ocorridos em Caldeirão, desde 1935 a 1992¹, a partir dos elementos dispostos na própria *narrativa* e na trajetória de vida do *narrador*, valendo-me para isso do seguinte pensamento benjaminiano: “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.” (BENJAMIN, 1994, p. 201).

Partindo dessa reflexão, pensamos que esse poeta aqui visitado, além de artesão da palavra, pode ser considerado um cronista por excelência, porque conta histórias de seu tempo ou mesmo de acontecimentos passados, que ele não conheceu, no entanto “ouviu falar”. Ele atualiza esses fatos, algumas vezes tirando do esquecimento situações que podem ter sido enterradas pelo tempo ou pelas mãos do poder estabelecido.

A maneira como o poeta vai tecer sua narrativa se dá através de uma fórmula particular, cada abordagem requer um olhar diferenciado, pois seus autores são diferentes entre si, o que nos permite dizer que o desafio em contemplar um *corpus* diversificado do ponto de vista da autoria, por exemplo, faz com que mesmo havendo confluências nessas narrativas, a memória em cada uma delas é construída de maneira distinta e impulsionada por fatores também peculiares, de modo a termos em cada cordel uma nova história sobre o Caldeirão, elaborada por teias que se encontram em algum ponto do tempo ou do espaço.

A ação de narrar pela memória ou pela emoção pode ser o reflexo de uma consciência que ora busca por suas raízes históricas, outra necessita comunicá-las aos demais. Acerca das motivações, não cabe generalizá-las, pois cada poeta tem seu motivo específico para compor sua narrativa, que pode ir do ato de contar uma história simplesmente, a fazer justiça através das rimas ou até mesmo “devolver para o povo sua história”, segundo palavras do poeta Paulo de Tarso, autor presente em nosso *corpus* de cordéis analisados.

As informações sobre os conflitos travados em Caldeirão chegaram ao nosso presente, de certa maneira, como notícias velhas de um tempo em que reinava no sertão a desordem, a seca, a fome, o fanatismo religioso e a insubordinação de povos, que se apresentavam como ameaça à civilização e ainda como contraventores partidários de um ideal oposto ao regime político brasileiro, visto que chegaram a ser considerados comunistas.

¹O ano de 1935 se refere à data do folheto remanescente mais antigo que dispomos em nosso *corpus*, conforme legitimidade encontramos em Holanda e Cariry (2007). O ano de 1992 é o do cordel com o qual estabelecemos o limite de recorte para o momento desta pesquisa, ficando fora da análise a relação de folhetos posteriores a esse e que chegam a 2008, ano da publicação do cordel sobre o Caldeirão mais recente de nosso *corpus*. Contemplamos, portanto, cinquenta e sete anos de produção do cordel referente ao Caldeirão, período entre o qual também se manifestam pelo menos três décadas de silêncio da lira, conforme verificamos na investigação do *corpus* de folhetos catalogados.

Portanto, para eles não poderia haver condescendência, foram esmagados em nome da “ordem”, do “progresso”, com a aprovação da sociedade, excetuando uma minoria que ou estava entre os combatidos ou tinha ciência de que os motivos para as retaliações eram bem diferentes dos que foram apresentados.

A narrativa, por outro lado, sobreviveu a esse colapso de informações cotidianas, de acordo com Benjamin: “Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver” (1994, p. 204). É dela, pois, que nosso poeta bebe, é uma fonte que mesmo em terreno árido não seca. Embora perene, por vezes parece também oásis inatingível para a boca abrasada sem “voz” nem “verso”. Nesses momentos o silêncio a alivia e juntos eles vão se misturando, numa metamorfose gerada pelo tempo resultando em um novo estado de coisas.

Caldeirão é o lugar onde a comunidade liderada pelo beato José Lourenço viveu entre os anos de 1926 e 1936, situado nas proximidades do município do Crato. Na época que Lourenço foi para lá, sob as recomendações do Padre Cícero, dono da propriedade, o sítio era um lugar inóspito. De acordo com observações em estudos do tema, os romeiros que chegavam ao Juazeiro do Norte iam em grande maioria fixar moradia junto ao beato e lá passaram a desenvolver benfeitorias e a compartilhar de um regime de trabalho, cujos resultados eram divididos igualmente.

Nesse ritmo a comunidade cresceu e chegou aos anos 1930 demonstrando desenvolvimento e organização quanto aos ritos religiosos e à sua estrutura, de uma tal maneira que na época da seca de 1932, o Caldeirão alimentou diariamente centenas de retirantes que ali recorriam para não morrer de sede ou fome. Porém com a morte do Padre Cícero em 1934, os Salesianos, herdeiros das terras, passaram a reclamar a posse e exigir a saída dos caldeirenses.

A partir disso, em 1936 se deu a expulsão dos trabalhadores do Caldeirão e depois um conflito com mortes de oficiais e camponeses, que culminaria em 1937 no massacre de centenas de pessoas e em uma “perseguição” que durou anos, passando então o assunto a ser proibido, inclusive na literatura de cordel.

Conforme remanescentes, o Caldeirão era lugar de trabalho e oração, alternativa à miséria e à exploração que muitos camponeses viviam no sertão, bem como quando sob a lida com os proprietários de terras.

E assim a vida da gente era essa. Trabalhando. Então, tinha muita fartura. Muito legume. Nada faltava. Tudo que tinha era nosso. Nós vivia em comum. Tudo se comia em comum. [...] Agora, a gente era um povo mais ou menos. Um povo

simples. Um povo que não tinha luxo. Não tinha escândalo. Um povo decente. Se havia qualquer coisa o beato chamava atenção, dava um bom conselho. E, ali aquilo tudo passava (...). (D. MARINA apud LOPES, 2011, p. 68).

A literatura de cordel se insere nesse plano formado por ambiguidades, conservadorismo e opressão, tendo sido em certas ocasiões alvo de censura, perseguição e depredação de seu produto material, que é a própria obra literária e artística ou até mesmo do poeta, seu autor intelectual.

Intuímos estar aí também os motivos da escassez de folhetos acerca de determinados assuntos em períodos recortados da história, onde inserimos o fenômeno desta pesquisa. Outros fatores contribuem para essa carência de títulos que tratam do Caldeirão. Afora os já mencionados, apontamos a fragilidade do material em que são confeccionados os folhetos e a forma como as editoras, tipografias, folhetarias ou mesmo os proprietários guardavam suas coleções, sem muito zelo, na maioria dos casos. Enfim, são explicações que pesquisadores, como Kunz (2011) e Carvalho (2006), alcançaram ao longo de anos de observações em campo. “Além do mais a repressão violenta dirigida contra Canudos e mais tarde contra o Caldeirão não deve ter encorajado o desabrochar da liberdade de expressão dos porta-vozes do povo.” (KUNZ, 1994, p. 29).

Todavia os registros que sobreviveram aos percalços, como o feito pelo poeta José Bernardo da Silva, ainda à época do Caldeirão, dão a cor da fartura obtida pelas benfeitorias desenvolvidas pela comunidade. Aí José Lourenço é retratado como um líder devoto, que perseverava na fé acima de tudo. O discurso do poeta se aproxima ao dos remanescentes, numa demonstração de que o tempo vivido molda a memória.

**Ele ensina a seu rebanho
Devoção e caridade,
Obediência e humanidade,
Contrição, fé e esperança,
Inocência e castidade
Este varão predileto**

**Não perde dia nem hora
Começa nos seus trabalhos
Logo ao romper da aurora
Quem não seguir o seu regime
Desde já pode ir embora.**

**Diz ele: - Meus irmãozinhos,
Tomai os conselhos meus,
Corrijam bem sua vida,
Analise os crimes seus
Pra não serem manchados
Perante os olhos de Deus.**

(SILVA apud CARIRY e HOLANDA, 2007, p. 318 – grifos nosso).

Com o passar do tempo a alusão à liderança do beato continua nos versos de cordéis, mas pelos anos 1970 recebe outra perspectiva, com viés direcionado para o discurso mais político.

A relação entre camponeses ou proletariado com poetas populares ou escritores que usam folhetos ou folhetins para tratar de assuntos que defendam os interesses do povo e iluminam suas histórias é tão antiga quanto os movimentos de bloqueio a essas práticas. Mollier (2008), em *A leitura e seu público no mundo contemporâneo*, faz importante demonstração de como as elites intelectuais, entre as quais incluímos a “publicidade oficial”, teciam artimanhas para que o povo não tivesse acesso ao que acontecia, uma vez que informados e juntos, possivelmente reivindicariam por seus direitos, nem que fosse minimamente, o que já incomodaria aos patrões e senhores.

De certa forma, o que ocorreu entre os trabalhadores do Caldeirão, segundo Facó (1980) e Lopes (2011), foi também por terem aderido à alternativa de trabalhar com justiça de retorno. Isso foi tomado pelos latifundiários como um “crime” que abalou as estruturas de “vassalagem”, conforme reclamou o verso do poeta Alves (1984, p. 5). Tal sentença certamente teria que ter outro fim e o teve.

Para essa resolução os segmentos sociais de decisão da época, como a Igreja Católica, o Governo e outras autoridades, por exemplo, decidiram extinguir a experiência do Caldeirão, como evidencia Holanda e Cariry (2007).

É interessante observar que o sistema de trabalho e distribuição no Caldeirão se diferenciava dos demais, pois ali todos exerciam seu ofício e recebiam de acordo com a necessidade, e não de acordo com suas capacidades.

Entre os caldeirenses a ideologia de que “tudo é de todos e nada é de ninguém” era muito consciente, conforme observamos nos depoimentos dos remanescentes em Holanda e Cariry (2007) e Lopes (2011). De forma que Cordeiro (2004) chamou essa experiência de “comunismo primitivo”, e que em circunstância alguma mantinha vínculos com o ideal político comunista de Karl Max (1999), que naquela época se disseminava pelo Brasil, por exemplo, causando terror entre os segmentos conservadores da sociedade, sendo hostilizado também pela Igreja Católica, que via no Caldeirão tal perigo.

De todo modo, no universo de onde as manifestações populares aparecem, entre as quais se incluem a literatura de cordel, em que não há unidade, nem totalidade na constituição de seus atributos, a forma pela qual essa literatura se apresenta, seja inovadora e rebelde ou também conservadora e resignada, a torna produto de um meio paradoxal,

contrastando entre dois pólos conflitantes: do imaginário popular e das classes hegemônicas, conforme apreendemos a partir de Menezes (1977, p. 51).

O resultado dessa polaridade está nas páginas em que a poesia popular manifesta a ideologia relativa aos interesses sociais de sua classe, como também está na obediência aos absolutismos, sejam eles de ordem social, política, religiosa ou cultural, e além dessas, está representado no silêncio, especialmente. É, pois, que completo esse raciocínio ainda com Menezes, quando ressalta que esses silêncios:

(...) revelam acima de tudo esse medo secular que controla as manifestações das classes populares submetidas às relações de dominação, à repressão institucional, econômica e cultural, e aos processos de inculcação ideológica, que tendem a modelar os mínimos aspectos de sua consciência. (MENEZES, 1977, p. 52).

Certamente o paradigma do silêncio é um fato inquestionável acerca das narrativas sobre o Caldeirão. Ouvir esse silêncio implica uma série de circunstâncias para além das análises comparativas dos folhetos, mas por outro lado compreendemos muito dos seus porquês a partir das próprias narrativas desenvolvidas posteriormente a ele, de onde os ecos desse vazio ecoam um sussurro que pode ser de medo, dor, incompreensão, revolta ou de todos esses elementos juntos simbolizando a rima engasgada, engolida a seco de um verso que resistiu em sua própria ausência. Sobremaneira que pode ser, inclusive, questionado.

Esse fato acompanhou o processo metodológico deste trabalho desde a constituição do *corpus*, seu objeto essencial. Podemos dizer que seu apanhado não foi constituído facilmente. No início quando tive os primeiros contatos com a Prof^ª Martine Kunz, orientadora desta pesquisa, ela já alertava para as poucas narrativas em torno do fenômeno que eu desejava pesquisar. Em trabalho anterior, Kunz (2011) havia feito estudos sobre essa problemática e constatou que de acordo com o *Dicionário Bio-Bibliográfico de repentistas e poetas de bancada* (ALVES e SOBRINHO, 1978), havia apenas dois folhetos aludindo ao Caldeirão.

Diante do problema, senti-me, por assim dizer, curiosa. Estranhava o fato de um episódio recente da nossa história, que havia banhado a sangue o povo e que envolvia tantas questões ser, de certa maneira, omitido pela literatura popular em versos e quando abordado, o era em número mínimo. Acrescente-se a isso o fato do episódio Caldeirão ter acontecido na região do Cariri numa época em que a produção em torno do cordel ali acenava para seu momento de ascensão, com a tipografia São Francisco e os poetas em ritmo de trabalho crescente.

Certamente esses fatores tinham seus porquês e foi através dessa indagação que nosso trabalho respirou e tomou a dimensão de uma pesquisa. Tínhamos a certeza de dispor dos folhetos catalogados pelo *Dicionário Bio-Bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada* (ALVES e SOBRINHO, 1978), sua edição de 1978 me dava algumas esperanças de haver folhetos mais recentes, uma vez que mais de setenta anos se passaram do Caldeirão. As datas e o passar do tempo talvez nos trouxessem algo a mais, como de fato trouxeram. De qualquer maneira havia dois títulos e uma possibilidade de começo.

Ciente da situação e da dificuldade que provavelmente teria, fui a arquivos e acervos públicos e privados em busca do material que constituiria nosso campo de pesquisa. Durante esse trajeto, contei com colaborações, sem as quais a realização de nossa aspiração não teria êxito.

Os primeiros cordéis a que tive acesso sobre o Caldeirão me foram cedidos pelo Professor Domingos Sávio Cordeiro² e por Martine Kunz³. Os demais títulos foram adquiridos no mercado de folhetos em Fortaleza e em outras cidades do Brasil, num período entre abril de 2009 e maio de 2011, bem como os que resultaram da pesquisa de campo⁴, além daqueles catalogados por Holanda e Cariry (2007). De modo que reunimos um total de dezesseis folhetos.

Quanto à questão terminológica sobre a literatura de cordel, é apropriado mencionarmos a posição da qual compartilhamos. Seguimos, portanto, Abreu (2006) em sua distinção entre a literatura de cordel de origem portuguesa e a literatura de folhetos produzida no Nordeste do Brasil.

Embora usemos no decorrer de nosso texto o termo *cordel*, nossa pesquisa está voltada em direção à literatura de folhetos nordestina, que traz especificidades em relação àquela de origem portuguesa, que não possui uniformidade enquanto a outra é bastante codificada⁵. (ABREU, 2006).

Algumas características são fundamentais na distinção referida, como é o caso do uso obrigatório das formas fixas na literatura de folhetos, que ajuda na memorização dos

²Professor da Universidade Regional do Cariri, que anteriormente já havia contribuído com a elaboração do projeto desta pesquisa através do estudo *Um beato líder: narrativas memoráveis do Caldeirão*, (2004).

³Professora da Universidade Federal do Ceará, orientadora desta pesquisa.

⁴A lista de folhetos e autores em sua totalidade pode ser observada no anexo A deste trabalho.

⁵Segundo Abreu, os cordéis lusitanos “não se comportam totalmente como narrativas orais, sobretudo do ponto de vista lingüístico: os textos são construídos com períodos longos, com sintaxe distinta da fala coloquial, sem apoios para a memória, com recorrências sonoras ou ritmos marcados”. (ABREU, 2006, p. 71). Enquanto os folhetos nordestinos “se pautam por regras rigidamente estabelecidas quanto à rima, à métrica e à estruturação do texto, regras estas conhecidas pelos autores e pelo público”. (ABREU, 2006, p. 108). Esse método permite aos leitores, independentemente de serem envolvidos numa cultura oral ou não, assimilar mais facilmente à narrativa.

versos voltados também para um espaço onde a oralidade predomina(va). Nessa literatura, os valores são norteadores da conduta no tempo e no espaço, diferentemente da literatura de cordel de origem portuguesa, onde não há marcação temporal. Outra característica que se sobressai é a presença nas histórias de folhetos de personagens oriundos das classes subalternas, inclusive nosso *corpus* é pautado por esses, enquanto na outra essa participação é mínima.

Podemos inferir ainda que a fórmula *texto e contexto* explica a história narrada nos folhetos nordestinos. Sobre esse último aspecto, na relação entre literatura e sociedade reclamada por Candido (2006), realizamos boa parte de nossa reflexão, visto que compreendemos como inviável analisarmos nosso *campo* desprendido de seu contexto histórico.

No que se refere à divisão dos capítulos, tentamos não segmentar os pressupostos teóricos dos dados empíricos. Destarte, das três seções que constituem este trabalho, a primeira faz um recuo no tempo, voltando à época do fenômeno, de modo que chegamos aos anos 1930, quando estabelecemos o confronto de duas produções remanescentes, *O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto*, título do cordel do poeta José Bernardo da Silva e *A tragédia do bandido Zé Lourenço com o Capitão José Bezerra / A chegada das forças em Socorro*, de José Santana, ambas inseridas em Holanda e Cariry (2007).

De modo que a tessitura foi realizada entre as narrativas em si, bem como com os seus contextos. Investigamos as relações sociais, políticas e culturais dessas produções, e também o lugar ocupado pelo poeta, que em todas as circunstâncias de análise foi um fator determinante na condução da narrativa. Além disso, utilizamos as falas dos remanescentes do fenômeno presentes também em Holanda e Cariry (2007), para desenvolver o diálogo com outras fontes.

No segundo capítulo, tivemos a intenção de ouvir os mais de trinta anos de silêncio, aos quais o Caldeirão ficou submetido pelos versos da literatura de cordel. É um momento em que as reflexões sobre censura, “perseguição” e fragilidade ganharam lugar simbólico e também é quando posteriormente, a rima rompeu com esse silêncio e o transformou em produção de cordel, com *A história do beato José Lourenço e o boi Mansinho*, folheto de autoria do poeta Abraão Batista⁶. Portanto, tecemos uma análise combinatória entre esse cordel o qual atribuímos ter sido o que retomou o Caldeirão pela

⁶Feito provavelmente entre os anos de 1968 e 1973.

literatura de cordel, dentro do nosso *corpus*, com aqueles que o antecederam ainda nos anos 1930.

O capítulo final foi constituído por fatores imprescindíveis à constituição do *corpus* analisado nessa seção. Partimos dos anos 1970, com o cordel *Caldeirão* elaborado por um padre, Geraldo Oliveira Lima, em 1979, dentro do período da ditadura militar. Aí, buscamos perceber de que maneira a fermentação religiosa e política se apropriou da história do Caldeirão e como a literatura de cordel fez a representação de tais fatos, comparando-os de forma a encontrar elementos que explicassem sua abordagem.

Sobretudo, buscamos referência em um fenômeno religioso guiado por setores da Igreja Católica, conhecido por Teologia da libertação, que após os anos 1970 foi responsável por mudanças ideológicas dentro da Igreja, causando rupturas comportamentais condizentes com a maneira de pensar fenômenos de ordem popular como foi o Caldeirão e admitindo que a religião experimentada pelos caldeirenses era fruto da verdadeira religião, aquela que representaria de fato a presença de “Deus no mundo”. (CATÃO, 1986).

De modo que a concepção do movimento ocorrido no Caldeirão se transformaria de estigma de “incivilidade”, “profanação”, “comunismo” a exemplo a ser seguido e inclusive retomado por esses grupos religiosos vinculados a Igreja Católica, na época reconhecidos como grupos de esquerda política⁷.

O fio condutor entre as representações subsequentes a essa de 1979 até a de 1992 é o de uma revelação feita sobre a guerra do Caldeirão pelo cordel do padre Geraldo Oliveira Lima (1979), em que afirma que uma série de bombardeios comandada pela polícia foi cometida contra os caldeirenses em 1937, quando refugiados na Serra do Araripe, após a expulsão do Caldeirão em 1936.

De modo que essa possibilidade foi alimentada nos demais cordéis em análise nesse capítulo, desde *O beato Zé Lourenço e o boi Mansinho ou: a chacina do Caldeirão*, de J. Normando Rodrigues, publicado em 1981, seguindo com o cordel *Pequena história do Caldeirão: à guisa do romance popular*, de Francisco Artur Pinheiro Alves, de 1984, também através da *História do Boi Mansinho e o Beato José Lourenço*, do poeta Paulo Nunes Batista, de 1988 até *O Beato José Lourenço e o Caldeirão*, com autoria de Paulo de Tarso B. Gomes, de 1992.

Elemento igualmente imprescindível na constituição desse bloco de cordéis, por nós denominados de geração de 1980, é o fator de “inspiração” do poeta popular. Todos eles

⁷Desses movimentos surgem por exemplo, a Comissão Pastoral da terra, o Movimento dos Sem Terra, todos, de certa forma, norteados pelo ideal de igreja desenvolvido no Caldeirão.

se utilizaram de fontes de intelectuais para compor suas representações acerca do Caldeirão. Logo o diálogo com Rui Facó, Ralph Della Cava, Rosemberg Cariry, Oswald Barroso, Cláudio Aguiar, Fátima Menezes e Régis Lopes foi uma constante entre as representações do cordel referentes ao Caldeirão nessa época.

Portanto a última seção de análise deste trabalho se orientou pelas relações entre história e literatura, seus diálogos e os diversos olhares sobre a história do Caldeirão do beato José Lourenço, através de narrativas que não se esgotam, que se relacionam também pela intertextualidade e que dão margem para as narrativas do porvir.

2 O BEATO JOSÉ LOURENÇO E O CALDEIRÃO: REPRESENTAÇÕES NO CORDEL DOS ANOS 1930

“Não se pode distinguir
 Este beato quem é.
 Eu digo que é um homem
 De ânimo, coragem e fé,
 Um humanitário profundo
 Em conselho é um Noé.”
 (José Bernardo da Silva)

“Alarmavam em Juazeiro
 Uma notícia de fato
 Que o fanático Zé Lourenço
 Reconhecido beato
 Estava de plano feito
 Para atacar o Crato”
 (José Santana)

Cento e doze anos, aproximadamente, após a chegada de José Lourenço a Juazeiro do Norte, seguindo os rastros de incontáveis romeiros que lá iam em busca dos milagres do Padre Cícero Romão Batista e setenta e seis anos depois de mais uma guerra civil, onde nas terras do Araripe, a Irmandade do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto foi condenada pela Igreja Católica, perseguida pelos poderosos da região e expugnada pela polícia, é que, tentamos através das narrativas da poética popular, recapitular essa experiência agrária e religiosa que fora sucedida nas três primeiras décadas do século XX e, consecutivamente, os crimes contra ela cometidos entre os anos de 1936 e 1938.

2.1 Caldeirão: uma irmandade no deserto e uma cruz no meio

Sistematicamente, ouviu-se falar de José Lourenço em folhetos de cordel, por volta de 1935⁸, através do poeta José Bernardo da Silva, então dono da Tipografia São

⁸Dado retirado da dissertação de mestrado: *Entre o fanatismo e a utopia: a trajetória de Antônio Conselheiro e do Beato Zé Lourenço na literatura de cordel*, 2011. O folheto aludido nesse trabalho apresenta divergência no

Francisco, sediada em Juazeiro do Norte. José Bernardo, segundo o pesquisador Gilmar de Carvalho, foi “o grande editor de folhetos de todos os tempos” (2006, p. 30), além de ser próximo de José Lourenço e ter frequentado o sítio Caldeirão. Portanto, temos um poeta representando a história do beato José Lourenço e de sua comunidade, a partir de sua própria percepção, (con)vivência e memória.

Talvez possamos dizer que José Bernardo da Silva é o poeta presente em nosso *corpus* que representa o universo do cordel em sua tradicionalidade, universo esse que transmite ao leitor e/ou ouvinte certa simplicidade ao retratar suas histórias, envolvidas na maioria das vezes em uma atmosfera mística, onde a moral e os valores cristãos estão presentes. Contudo a simplicidade aludida se refere à condução das histórias, sem rebuscamentos que tornem a leitura ininteligível e sem uso de termos que dificultem a compreensão, mas respeitando à risca a forma e o rigor técnico na feitura dos versos, aos quais o leitor está acostumado, conforme define Abreu (2006).

Igualmente esse poeta trabalha visando articular o seu leitor e/ou ouvinte com o mundo que fazem parte. Ele pode contar “histórias maravilhosas”, mas também elaborar narrativas sobre os acontecimentos a sua volta, que podem dizer respeito a ele, bem como aos que participam dessa convivência coletiva, distraindo e também compartilhando de informações. De maneira que se estabeleça entre eles, inclusive, um código de confiança, através do qual o poeta legitima sua versão sobre os fatos narrados.

Em 1935, o Caldeirão de acordo com o poeta parecia viver seu momento de esplendor, de modo que a comunidade é retratada nessa época por ele como exemplo de organização e desenvolvimento. A trajetória de José Lourenço, segundo os versos de José Bernardo, tem sua culminância na experiência agrária e humanitária, que de certa forma guardava resquícios do que fora Canudos, mas ideologicamente o superaria do ponto de vista da divisão dos bens de consumo, da distribuição do trabalho e dos seus rendimentos.

Certamente, como afirma Facó (1980, p. 200), “o pesadelo de Canudos persistia na mente das zelosas autoridades” e por isso, também, seria um dos motivos que levaram ao atear fogo, um ano mais tarde, àquela comunidade conduzida por José Lourenço, afinal, a

título, em relação ao que dispomos através de Holanda e Cariry (2007), que é *O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto*, enquanto em Braga (2011) é *A Santa Cruz do Deserto*. Todavia, a representação é a mesma, com estrofes e versos idênticos. O fato do cordel de José Bernardo da Silva está inserido em Holanda e Cariry (2007), nos assegura total credibilidade acerca dos dados referentes a essa representação, tais como autoria e data de elaboração. No trabalho de Holanda e Cariry, apenas os versos do cordel foram transcritos e não contamos com as capas do folheto também.

A referida dissertação está disponível através do link:

<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUOS-8FMH5A?mode=full>, conforme recomendado pela Professora Martine Kunz, em orientação desta pesquisa.

memória de Antônio Conselheiro ainda atormentava quarenta anos depois da guerra nos sertões baianos.

*O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto*⁹, título do cordel do poeta José Bernardo, em que une o nome do sítio e a Irmandade liderada por José Lourenço, versa sobre o Caldeirão ainda intocado pelas forças policiais, conserva uma pureza na apresentação daquela comunidade e escreve a beleza que seus habitantes edificaram naquelas terras.

Há nessa narrativa, logo no início, indícios de concordância com a comunidade e com sua ideologia, o que de fato se confirma durante a leitura do texto de José Bernardo. Contudo, como se trata de uma descrição da biografia de José Lourenço e da construção da comunidade, também relata as atribulações que sofreu nesses anos, tecendo um panorama em que a história do boi Mansinho, a expulsão do sítio Baixa Dantas e a seca de 1932 recebem destaque.

**Leitores, eu vou narrar
Com toda pontuação
A vida laboriosa
De um valente varão,
Cumpridor de seus deveres,
Um verdadeiro cristão.**

No ano de novecentos,
Já meu padrinho vivia
Aconselhando os cristãos
Toda noite e todo dia;
Chegavam muitos romeiros
Ouvi-lo com alegria.

No meio destes **chegou**
Fazendo-se **peregrino**
Um rapazinho tão jovem
Mocinho quase menino
Aconselhar-se também
Com o nosso pastor divino.

[...]

**Disse meu padrinho: Viesses
Também ao Juazeiro?**
Ele disse: - Vim, pois
Também quero ser romeiro.
**- Eu sempre te esperava
Para ser meu companheiro.**

**- Agora vou escolher-te
Por seres suficiente,
Para ajudar-me na cruz
Desta nação indolente**

⁹Cordel inserido no livro *Caldeirão*, de Holanda e Cariry (2007) e copiado do manuscrito por Geová Sobreira, em 27/11/1964.

**Visto eu achar em ti
Um coração fielmente.**

(SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 315- grifo nosso).

José Bernardo inicia sua narrativa enaltecendo a conduta de José Lourenço, colocando em relevo a postura do peregrino como “cumpridor de seus deveres” e “verdadeiro cristão” (SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 315).

Tais características possuem distinto valor entre os poetas populares, principalmente à época de José Bernardo, cujos preceitos religiosos eram de suma importância, visto que muitos desses poetas eram romeiros e/ou devotos do Padre Cícero, tendo alguns desses iniciado o ofício, a partir do proselitismo em torno da imagem do referido taumaturgo. O próprio José Bernardo era um fiel cristão e, muito provavelmente, fez da imagem de José Lourenço, o reflexo do que ele acreditava.

A quinta estrofe do folheto, quarta aqui citada, expõe o diálogo entre o Padre Cícero e o jovem romeiro, recém chegado a Juazeiro, José Lourenço.

Há uma idealização na chegada desse último, visto que, segundo a representação do poeta e conforme mencionado em boa parte da bibliografia consultada nesta pesquisa, o encontro entre os dois personagens referidos é colocado como há muito tempo aguardado pelo Patriarca de Juazeiro, de modo que esse fato distingue José Lourenço dos demais romeiros que ali pousavam aos milhares, diariamente, após o milagre da hóstia consagrada em 1889¹⁰.

Este lhe respondeu
Com maior certeza:
- Não sou eu, divino Mestre,
Digno de tanta valia,
- O senhor procure outro
De mais luz e garantia.

Meu padrinho ainda lhe disse:
Filho do meu coração,
Leve esta cruz nos ombros,
Entrego-a na tua mão
Faz com ela o que Deus fez,
E ganharás salvação.

**Achas que eu posso ser
Dessa cruz encarregado?**
Um ser de frágil matéria
Não olhas o meu estado?
Procure outro que seja
Bom e bem-aventurado.
(SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 315- grifo nosso).

¹⁰Para compreensão da chamada “Questão religiosa”, ver *Milagre em Joazeiro*, de Ralph Della Cava, 1976.

José Bernardo conta que José Lourenço recebeu do Padre Cícero uma cruz e uma missão. Tal cruz pode ser conferida juntamente à representação do beato, também na xilogravura abaixo, da artista Erivana, cuja arte converge com os versos que lhe dão sequência:



Figura 1

Fonte: <http://xilobiblio.blogspot.com/>

- Filho, meu irmão de luta
Trabalha com contrição
Para ajudar-nos a vencer
O furioso dragão
 E evitar de não ver-se
 Tão horrenda maldição

[...]

- Quem esta cruz conduzir
Perante a Deus não é réu,
E é a primeira chave
Que abre as portas do céu,
A bandeira triunfante,
O mais seguro troféu.

[...]

Ele pegou seu madeiro,
 Se retirou de repente
 Internou-se nas montanhas,
Foi viver ocultamente,
Fazer suas orações
Na vida de penitente.

[...]

Enfim correu o boato
 Que por noite aparecia
 Um penitente ou beato
Que hora alguma dormia
Só sendo homem encantado
O povo em massa dizia.

(SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 315 e 316 – grifo nosso).

Depois desse primeiro encontro, algumas lacunas com relação à história de vida de José Lourenço são notadas, no entanto a lira popular fez desse vazio de informações, narrativas que se desenvolvem ainda hoje.

Enquanto isso, Juazeiro do Norte se transformava aceleradamente em centro de romarias, ponto de atividades artesanal e comercial, além de importante reduto político liderado por Padre Cícero Romão Batista, que mais tarde contou com Dr. Floro Bartolomeu, seu braço direito, cujas ajuda e liderança foram imprescindíveis para a urbanização e o desenvolvimento da cidade.

Assim passou muitos anos
Pelos bosques internado
Até quando meu Padrinho
Mandou a ele um recado
E ele com muito gosto
Foi acudir seu chamado

Chegando a Juazeiro
Foi muito bem recebido
Por meu padrinho, que disse-lhe
- Meu filho, estás promovido
Para ensinar teus irmãos
Conforme Deus é servido.

Ele foi a Baixa Danta,
Um degredo esquisito,
Fez roça, cercou, fez casa,
Com seu talento bendito
Deixou aquele deserto
Num sítio muito bonito.

[...]

Até certo tempo,
Ele vivia sozinho
Porém depois lhe chegaram
Para ali algum vizinho
Cujo vinha enviado
Por ordem do meu padrinho.
(SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 316 – grifo nosso).

O sítio Baixa Dantas foi o destino que o Padre Cícero deu a José Lourenço. O sacerdote se preocupava também com a chegada diária de multidões de romeiros, muitos deles desvalidos e tangidos de suas terras pelas intempéries e escassez de oportunidades que lhes dessem trabalho digno, o que iam buscar em Juazeiro do Norte, certamente acreditando que teriam ali melhor sorte. De modo que o sítio sob a liderança de José Lourenço passou a ser o pouso “seguro” desse povo que vinha de várias regiões do Nordeste.

Durante esse tempo, o sítio recebeu benfeitorias e as famílias que lá viviam tiravam da terra seu sustento, sem que fossem exploradas ou subjugadas pelas mãos dos patrões e/ou latifundiários, como ilustra José Bernardo:

Ali no sítio plantou
 Jaca, manga e coqueiro,
 Fruta-pão e abacate,
 Condessa, figo e cajueiro,
 Pinha, goiaba e pêssego
 Romã, laranja e umbuzeiro.

[...]

Foram construídos lares,
 Todos ali ao redor
 Obedeciam-lhe todos
 Do pequeno até o maior,
 Pois sua transitória vida
Eu conheço ela de cor.

(SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 316 - 317- grifo nosso).

Não há como afirmar seguramente esse período, todavia Facó (1980) ao trazer à baila o caso do boi Mansinho, seguindo os relatos de Floro Bartolomeu, se refere como tendo ocorrido em 1921 ou pouco após essa data, o episódio em Baixa Dantas envolvendo o afamado boi Mansinho.

[...] em torno de Lourenço, formara-se a lenda de um boi santo, por ele criado, e adorado por muitos como animal sagrado. Floro Bartolomeu, num de seus momentos de ira e prepotência, acossado pelas críticas da imprensa e do Parlamento, mandara abater o boi que era um zebu, em frente à cadeia onde prende Zé Lourenço. [...] Mas, pelo menos até 1921, Lourenço viveu em paz em seu sítio, sem ser oportunado. Naquele ano é que surgiu um conflito nas proximidades de Juazeiro, vindo à tona mais uma vez a ordem dos penitentes. [...] **E acrescenta Floro: “Mandei prendê-lo. [...] Ao mesmo tempo, fiz vir o touro, e, de acordo com o Padre, vendi-o para o corte.”** (FACÓ, 1980, p. 197 - 198 – grifo nosso).

Destarte, a supracitada análise de Facó dá elementos que norteiam este estudo, referentes ao tempo e ao espaço, contudo chama atenção o consentimento do Padre Cícero acerca da sentença no episódio do boi, pelo menos, de acordo com o testemunho de Floro Bartolomeu, fato que parece mais natural ao envolver a postura do Padre político, e menos para as atitudes do “padrinho” do povo. Nessa altura os desígnios da “civilização” se sobressaíram aos demais.

Apesar de que estas cousas
 O mundo não da valia,
 O demônio cegou tudo
 A muitos deixou por guia
 A altivez, o namoro,
 O baile, a moda, a orgia.

(SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 316 - 317- grifo nosso).

Contudo, os boatos e injurias envolvendo José Lourenço e seu povo ganharam grandes proporções, resvalando no projeto político que Floro Bartolomeu tinha para Juazeiro, gerando transtornos em um momento que ele tentava desmistificar perante às autoridades governamentais, principalmente, a condição da cidade ser um reduto de “fanáticos” e “cangaceiros”, pois de acordo com o que se relatou anteriormente, o que diziam é que um ajuntamento de “fanáticos” estavam adorando a um boi e que o consideravam santo. É difícil precisar as origens dessas falácias, e o poeta segue sua história na defesa do beato.

**Agora vou leitor amado,
Vou fazer pontuação
Para tratar de um assunto
Na seguinte condição
Demonstrar-vos quantas vezes
Ele já foi à prisão.**

[...]

**Com certos dias depois
O nosso amado padrinho
Mandou por um portador
Lhe levar um boi mansinho
Dizendo que trate dele
Com muito zelo e carinho.**

**Ele trazia esse boi
Vigiado com cuidado
Sendo de outro qualquer
Quanto mais de seu amado
Quanto mais que ele foi
Muito bem recomendado.**

**Porém existem pessoas
De um instinto infernal
Que vivem de alma presa
Quando não fazem o mal
Praticam por saber o bem
Tragédia descomunal.**

**Foram contar ao Doutor
Que o beato possuía
Um boi que era santo
Que até a urina servia
Por isso ele foi preso
E sofreu dezoito dias.**

[...]

**Naqueles dias os algozes
Iam sempre visitá-lo
Com frases injuriosas
Sempre havia de tratá-lo
E escarnecendo dizia
O boi nós vamos matá-lo**

(SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 316 - 317 – grifo nosso).

Através dos relatos de José Bernardo fica evidente que a boataria em torno de Lourenço e do boi parecia querer atingir a moral do beato. José Lourenço, de acordo com Facó (1980), gozava de prestígio entre muitas pessoas da região, não excluídas as que possuíam melhores condições econômicas, sobretudo, uma vez que havia ali relação de interesses entre as partes. Um lado necessitava de sossego para viver com sua gente e o outro de braços para o trabalho.

E mais uma vez evidencia-se o quanto a escassez de braços continuava a ser um problema no Cariri. Ao espalhar-se a notícia de que Zé Lourenço não mais voltaria ao sítio de Baixa Dantas, foram dirigidas reclamações a Floro Bartolomeu “para que eu não retirasse Zé Lourenço do seu sítio, tal a falta que ele fazia aos proprietários, pelo auxílio que lhes prestava nos trabalhos de agricultura, e em outros préstimos”. Adianta o caudilho caririense: “Consenti na volta do negro ao seu sítio, e assim terminou a história ‘das mil e um noites’ do touro Mansinho”. (FACÓ, 1980, p. 198).

Além dos versos de Bernardo denunciarem a calúnia propagada, a injustiça sofrida por José Lourenço, também proclamam sua grandeza de espírito, resignação e altivez.

**Chegando o dia feliz
Que lhe deram liberdade
Ele prometeu pagar
A grande barbaridade
Com um distinto banquete
Em prova de amizade.**

Fez uma festa e convidou
Seus rivais, subordinados,
E disse perante a todos:
**- Doutor, estou muito obrigado,
O senhor está satisfeito
E eu também consolado.**

**-Doutor Floro, eu nunca
Ofendi a meus irmãos,
Tendo sido vítima do ódio,
Da inveja e da ambição
Pelas calúnias que já fui
Vinte vezes a prisão.**

**Dizendo estas palavras
Com os seus se retirou
Chegando no lar querido
Suas medidas tomou
Como fora antes disso
Na luta continuou.**

(SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 316- 318 – grifo nosso).

José Bernardo a cada rima que fez sobre José Lourenço transparece sua parcialidade com relação aos fatos, ao ponto que em certos versos, como os anteriormente citados, transmitir ao leitor a possibilidade de ter ouvido tais relatos do próprio beato.

O poeta em sua narrativa não desacata nenhuma autoridade, no entanto através da voz que dá ao seu protagonista expõe a indignação que teve com aquela prisão injusta. Mesmo sendo Lourenço um homem conformado e pacífico, pontualiza o “ódio”, a “inveja” e a “ambição” como sendo as verdadeiras causas das “calúnias” que ele sofreu, uma vez que afirma nunca ter ofendido a ninguém.

Por outro lado, sua crescente influência e a prosperidade da comunidade geravam em alguns segmentos sociais, sentimentos aludidos como os próprios pecados capitais, os quais, com certa ironia, os mesmos mentores da sua sentença condenavam, visto que se reconheciam como cristãos praticantes.

A batalha do boi Mansinho foi uma das quais José Lourenço enfrentou ao longo de sua vida, apesar de dura e profana não seria a pior, nem a derradeira.

José Bernardo segue sua representação narrando as atribuições do beato para com a Irmandade, o trabalho e a missão de fé:

**Este varão de que trato
Tem como obrigação
A doutrinar quem procura
A santa paz da união
Fazer de muitos selvagens
Um verdadeiro cristão**

**Ele ensina a seu rebanho
Devoção e caridade,
Obediência e humanidade,
Contrição, fé e esperança,
Inocência e castidade.**

**Este varão predileto
Não perde dia nem hora
Começa nos seus trabalhos
Logo ao romper da aurora
Quem não seguir o seu regime
Desde já pode ir embora.**

**Diz ele: - Meus irmãozinhos,
Tomai os conselhos meus,
Corrijam bem sua vida,
Analise os crimes seus
Pra não serem manchados
Perante os olhos de Deus.**

(SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 318 – grifo nosso).

Inferi-se dos versos acima que havia ordem na comunidade, pois José Lourenço ensinava pelo exemplo, pregando valores humanos, obediência e trabalho. Daí serem autossuficientes de alimentos, vestimentas, utensílios domésticos e materiais para a lida com a terra, visto que confeccionavam os instrumentos necessários para o dia a dia. Além disso, pelo fato de lavrarem a terra livremente, de onde tiravam o sustento das famílias, vislumbrava-se um horizonte mais digno.

Assim o poeta monta a trajetória de José Lourenço e da Irmandade, como uma espécie de caminho com altos e baixos, motivado, talvez, pela facilidade de quem é próximo daqueles. É José Bernardo quem afirma que os “conhece de cor” (SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 316). Quiçá por isso apresente uma linearidade nas circunstâncias, além do jogo da vida que é imposto a todos, não excluiu o beato dos sobressaltos, ao contrário, a trilha que seguiu, cuja representação deixou, mostra o bônus e o ônus que Lourenço teve, sem que esse reclamasse, porém sem temer e tampouco deixando de perseverar na missão que lhe foi incumbida.

Nas primeiras estrofes do cordel, José Bernardo menciona a recomendação que Padre Cícero fez a Lourenço, “trabalhar com contrição”, pois carregaria uma cruz que simboliza “[...] a primeira chave que abre as portas do céu” e que seus frutos ajudariam a “vencer o furioso dragão”. A poesia leva a interpretação de que o beato José Lourenço sabia que o percurso seria árduo, mas recompensador.

E assim ele vivia
 Onde estava sitiado
Cumprindo bem seus deveres
Quando sem ser esperado
Venderam a propriedade
Deixaram-no desarranchado.

O senhor João de Brito
 Que era o dono dali
 Veio e disse: Não sabes
 Esse terreno vendi.
 - Se vendeu, disse o beato,
 Eu me retiro daqui.

[...]

O leitor não ignora
A compaixão e carinho
De um varão predileto
Que só guia ao bom caminho
O pessoal lhe venera
E toma por seu padrinho.

(SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 318 e 319 – grifo nosso).

O poeta popular dialoga com o leitor. Sua história é direcionada para um povo que, provavelmente na época, recebia favoravelmente a José Lourenço. Quando escreve “o leitor não ignora” a boa conduta do beato, dá a entender que seu cordel é feito para a gente da região que comungava daquela situação. Sua narrativa talvez reflita o seu público, uma vez que Bernardo era poeta experiente, além de editor de folhetos e poderia ser sugestionado pelo gosto de seu leitor e/ou ouvinte, o que é comum a esse meio de produção artística. É literatura, mas também é trabalho, fonte de sustento.

Ele se vendo com todos
Do sítio desarrumado
Diziam: - Meu Padrinho, peça
Um dinheiro adiantado
Que possa recompensar
Nosso suor derramado.

Muito mais de cem pessoas
Ali com eles moravam
De vinte a trinta famílias
Junto dele não faltavam
Todos lhe obedeciam.
E a bênção lhe tomavam

**- Trabalhar é um dever
Por perca não faço guerra
O pão Deus não nos falta
Quem confia em Deus não erra
O que vem do céu vai ao céu
O que é da terra é da terra.**

(SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 316 - 319 – grifo nosso).

A imagem que o poeta talha de José Lourenço faz jus a designação literal de beato, que segundo Houaiss, é aquele “que goza da bem-aventurança celeste” (2004, p. 94), ou ainda na definição de Facó, “é um homem casto e honrado.” (1980, p.196).

A forma com que Silva se reporta ao beato é feita cuidadosamente, buscando palavras mansas, talvez condizentes com o temperamento que o poeta via em José Lourenço ou simplesmente de acordo com a ideia que queria demonstrar dele. Inclusive, o trata por José, algumas vezes por Lourenço e poucas vezes por Zé, sendo que neste último caso, o faz respeitosamente, segundo podemos observar pelo contexto da escrita. Zé, aí é apenas o diminutivo de José, nada tem de pejorativo.

É certo que figuram na narrativa palavras e expressões que dão o significado do beato, diante dos olhos do poeta, tais como: “temente varão”, “verdadeiro cristão”, “peregrino”, “companheiro”, “suficiente”, “penitente”, “leão”, “humanitário”, “consolado”, “predileto”, “alegre”, “resignado”, que se contrapõem a “furioso dragão”, “horrenda

perdição”, “inimigos”, “instinto infernal”, “algozes”, “rivais”, “subordinados”, “cruel”, que José Bernardo usa quando trata dos causadores dos percalços do seu protagonista.

Roland Barthes entende a língua ou mesmo a linguagem, (conceitos em que inserimos esses exemplos que foram supracitados), como sendo o próprio social e que “língua e discurso são indivisivos” (BARTHES, 1978, p. 31), de maneira que essa sentença tende a se realizar nesta análise, pois é através da manifestação da linguagem, pela escolha dos termos, que o poeta visa representar não apenas o seu ideal de real, mas sobretudo a categoria social a que ele de fato se vincula ou se associa de algum modo.

Na última estrofe citada, o poeta descreve como percebia a filosofia de vida do beato José Lourenço, um homem pacato, crente na providência divina e dotado de um conformismo próprio dos resignados.

O beato **José Lourenço**
 No trabalho é um leão,
 É um **Jó** na paciência
 No saber um **Salomão**,
 É um **Daniel** na fé,
 Um **Moisés** na oração.
 (SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 316- grifo nosso).

A religiosidade perpassa pela representação de José Bernardo, ao comparar o beato, bem como suas características às personagens bíblicas: Jó, Salomão, Daniel e Moisés. Além de atribuir ao beato qualidades ilustradas através dessas figuras sagradas, o poeta mostra conhecimento com tal liturgia, outro traço que também é comum entre muitos poetas populares: a crença na *Bíblia* e nos santos católicos.

A continuidade da narrativa visa a demonstrar que Lourenço estava certo, respeitando os desígnios que lhe alertara Padre Cícero na primeira entrevista que tiveram, pois mesmo com a desolação de ficar sem rumo junto ao seu povo, após a venda do Baixa Dantas e vendo o trabalho de tantos anos ficar para trás, sem o mínimo ressarcimento, não se revolta em momento algum, pelo contrário, confia na providência.

[...]
 Quando recebe uma carta
 Dizendo desta maneira:

**Meu filho José Lourenço,
 Não aflija o coração
 Eu quero que você vá
 Para o sítio Caldeirão
 Meu pai, seu mestre e amigo
 Padre Cícero Romão.**

Ele recebendo a carta
 Veio ouvir o soberano
 Que lhe disse: - **O Caldeirão**
É meu e seu neste plano
Pelo restante da vida,
Vá lá trabalhar os anos.

[...]

Chegando neste lugar
Solitário e asqueroso
 Cheio de despenhadeiro
 De grutilhões tenebroso
Com seu trabalho formou
Um jardim delicioso.

(SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 319 – grifo nosso).

Nas dez estrofes que seguem à última referida, José Bernardo elenca as inumeráveis benfeitorias que o beato José Lourenço e os seus seguidores fizeram com a força do trabalho nas terras duras e áridas do sítio Caldeirão. Cita o ano de 1932, cuja seca assolou a região, chegando às vias da calamidade, sem que no entanto ferisse de sede, fome ou morte aqueles habitantes da comunidade, nem os que lá recorriam abrigo e/ou um prato de comida.

Fez casa de morada
 Com sala e corredores
 Cozinha, alpendre, varanda
Fez um quarto com louvores
Para venerar Santa Cruz
Onde ora os pecadores.

Findando sua casa
Botou roçado e fez cercado
Fez diversas plantações
Deixou tudo organizado
No sítio de escondido
Fez um açude afamado.

(SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 319 -320 - grifo nosso).

Essa seca foi, segundo Holanda e Cariry (2007), uma das piores do Nordeste e expõem nas vozes de uma autoridade da época o descaso do governo com a situação, procedimento oposto ao tomado pelo beato.

Antônio de Alencar Araripe, prefeito do Crato na época, conta que todos os dias chegavam trens repletos de flagelados [...]. Sem outros recursos, o prefeito mandava colocar essa gente no sítio Buriti, espécie de campo de concentração, que o povo chamava de “Curral do Governo”. [...] Antônio Alencar Araripe confessa: “Eu mandava diariamente abrir grandes covas para enterrar os mortos. Só tinha fome e peste, era um horror.” Para os flagelados que chegavam ao Caldeirão, na seca de 32, o beato José Lourenço abriu os celeiros de víveres da comunidade. Alimentados, os retirantes juntara-se ao trabalho com a irmandade da Santa Cruz do Deserto. Dois grandes açudes foram construídos, tornando possível um sistema rústico de irrigação. (HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 72 – 74 – grifo nosso).

Dando vazão a essa problemática ocorrida três anos antes da criação do seu cordel, o poeta elabora sua observação em concordância com o supracitado relato:

**Como se vê claramente
No ano de trinta e dois
Aquela crise fatal
O nosso cruel algoz
Nada faltou aos seus
Do milho até o arroz.**

**E assim por diante vive
Sem descansar um momento
Alegre e resignado
Para qualquer sofrimento
Aconselhando os seus
Neste mesmo seguimento.**

(SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 319 - 320 – grifo nosso).

Podemos inferir através dos versos do poeta e editor de folhetos José Bernardo da Silva, que ele fez uma espécie de biografia do beato José Lourenço, ou senão um louvor à imagem do homem que contribuiu com a sua fé, trabalho, bem como sua postura altruísta e caridosa, para que o povo desafortunado e abandonado do sertão tivesse junto a ele e à Irmandade da Santa Cruz do Deserto, um trabalho digno que não o escravizasse, e sim o proveesse das necessidades físicas e espirituais, além de reconhecer-se com humanidade e não como estorvo ou mão de obra barata somente.

Quem tomar os seus conselhos
Estando domesticado
É mesmo como um cordeiro
Ligeiro como um veado
É mais sagaz que pombo
Para fugir do pecado.

(SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 320).

José Bernardo encerra sua representação falando da despedida que José Lourenço teve com Padre Cícero, mencionando o ano de 1933, após isso, chega ao ano de 1934, quando alude a morte do Patriarca e de tal período não passa. São trinta e quatro anos de história divididos em setenta e sete estrofes, 459 versos exaltando o Padre Cícero, o beato José Lourenço e a sua missão de fé junto à Irmandade da Santa Cruz do Deserto, que lhe seguiu desde a chegada a Juazeiro em 1900, passando por Baixa Dantas até o sítio Caldeirão.

**Em trinta e três meu Padrinho
Mandou depressa chamá-lo
O beato José Lourenço
Veio logo visitá-lo
E eu vi nesse momento
Meu padrinho abraçá-lo.**

[...]

Daí ficaram cientes
Meu padrinho já foi embora
Sobre o prazo referido
Termina-se a qualquer hora
Depois desta hora trágica
Se um chora outro chora.

Durante toda a sua ausência
Sua alma geme e suspira
Até o dia que eles
Juntaram qual uma lira
Nos braços de um Serafim
Com tudo quanto desfira.

(SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 320 – grifo nosso).

É relevante uma ressalva acerca dos versos nos quais o poeta discorre sobre “o prazo referido termina-se a qualquer hora”, ele pode ter feito alusão simplesmente à ideia de fim que a morte gera ou sobre a duração do Caldeirão, pois na narrativa de José Bernardo consta que no ato da entrega das terras ao beato, o Padre Cícero teria dito: “Pelo restante da vida, Vá lá trabalhar os anos” (SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 319). Contudo em seu testamento o padre deixou as terras referentes ao Caldeirão para a Ordem dos Salesianos e não para os que lá já habitavam. De modo que os versos sobre o “prazo” podem demonstrar uma preocupação antecipada do poeta com relação ao destino do Caldeirão e dos seus moradores.

Igualmente, é pertinente a ideologia que envolve a construção da última estrofe deste cordel, pois nela está a confirmação de todo o crédito que o poeta deposita na Irmandade do Caldeirão, expondo sua fé, cristandade e súplica para que lá haja proteção, talvez porque, também, já em 1935 houvessem especulações sobre o que veio a acontecer em 1936 naquele lugar, ou ainda que como um oásis no deserto, o Caldeirão era a alternativa para tantas vidas sem direção e portanto digno do olhar do “altíssimo”, pelo ponto de vista de José Bernardo.

Agora peça a Deus Padre
 A São Joaquim e Santo Alberto
A Virgem Santa das Dores
 Por nosso auxílio certo
Dê a paz a quem visita
A Santa Cruz do Deserto.

(SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 321 – grifo nosso).

José Bernardo da Silva nasceu em Palmeira dos Índios, estado de Alagoas, em dois de novembro de 1901. Conforme fonte do *Dicionário Bio-Bibliográfico de repentistas e poetas de bancada*, de Almeida e Alves Sobrinho (1978), ele:

chegou a Juazeiro-CE em 1926 quando deixou a agricultura em Alagoas e começou a negociar ervas medicinais, temperos, etc. Só depois voltou-se para a poesia e como poeta popular escrevia, imprimia e vendia seus folhetos nas feiras. (ALMEIDA e ALVES SOBRINHO, 1978, p. 276).

A trajetória de vida do poeta nos leva à hipótese de que talvez ele conhecesse as privações e necessidades que o povo retratado no seu cordel passava, pois chegou a Juazeiro também como romeiro do Padre Cícero. Dessa forma parece natural sua preocupação com seus irmãos de fé, pessoas que pela força das adversidades migravam, como ele, para a “Nova Jerusalém”, onde a promessa da redenção se realizava diariamente.

Possivelmente, são essas experiências que José Bernardo da Silva utiliza na composição de sua narrativa. No encalço desta reflexão, é contundente o apoio benjaminiano:

O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. (BENJAMIN, 1994, p. 201).

José Bernardo foi um poeta que viveu no meio popular, suas histórias são feitas principalmente para o leitor e/ou ouvinte desse meio. Não é um poeta de maior escolaridade. Como vimos anteriormente, trabalhou desde cedo na agricultura e chegou a Juazeiro do Norte na condição de romeiro do Padre Cícero. É sem dúvida o único deste *corpus* que possui tal característica, o que torna peculiar, portanto, a sua produção em relação às demais desta pesquisa. Logo a simbologia da representação que fez acerca do Caldeirão do beato José Lourenço o aproxima desse espaço, do tempo retratado e o faz, de algum modo, cúmplice, visto que além disso foi contemporâneo do fenômeno e seu simpatizante, conforme depreendemos da sua narrativa e das observações feitas sobre esse poeta por Holanda e Cariry (2007, p. 306).

2.2 A guerra dos Josés: Zé “beato”, Zé “fanático” X José Bezerra, José da “Força”

Agora, caros leitores,
Vou findar minha empresa
Contar o resto do caso
Com toda real certeza
Para ficar na história
Do centro até Fortaleza.

Continua o mesmo caso
 A mesma repercussão
Que se deu no Araripe
Sem haver alteração
Cousas que nos produziram
A mais viva impressão.

(SANTANA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 308 – grifo nosso).

Assim começa a narrativa de José Santana, talvez um pseudônimo do poeta que assina o cordel *A tragédia do bandido Zé Lourenço com o Capitão José Bezerra / A chegada das forças em Socorro*. Essa versão foi registrada por Holanda e Cariry (2007) como uma das que foram feitas ao calor da hora pela poética popular, juntamente com a representação de José Bernardo, analisada anteriormente, e que dispomos para apreciação neste capítulo. Ambas compõem os dois folhetos de época que refletem as contradições e divergências do povo e de sua lira, concernentes ao Caldeirão do beato José Lourenço e os seus desdobramentos.

O título de José Santana é sugestivo, logo o leitor terá uma narrativa discorrendo sobre o “bandido **Zé** Lourenço” envolvido em uma “tragédia com o Capitão **José** Bezerra” e a vinda das forças policiais para socorrer as vítimas do embate.

Santana é parcial desde o princípio, assim como foi Silva. Portanto, o “José” que Santana utiliza para falar do Capitão, enquanto usa “Zé” em menção ao beato parece querer mostrar um distanciamento imensurável entre ambos. Zé, neste caso, figura como um ser menor, assim como assinala “beato” de maneira negativa, bem como “fanáticos”, que cita 25 vezes em seus versos, além de “bandidos”, “bandalheira”, “malucos”, “canalhas”, “pior que judeu”, “pagão”. O nome José, muito comum no Nordeste, o mesmo do pai de Jesus, parece ser pela concepção do poeta, digno de ser usado pelo Capitão, senão pelo traço religioso, mas pela formalidade.

Destarte, José Santana inicia sua representação, parecendo justificar os motivos de sua escrita, expondo pelo menos três finalidades para a existência do seu cordel. Primeiramente seria concluir um trabalho, ou usando seus termos “empresa”, através deste folheto. O que nos leva a supor que o autor teria escrito sobre este tema antes, provavelmente narrando os fatos precedentes a esses, talvez a expulsão do povo das terras do sítio Caldeirão, em 1936.

A segunda intenção é que sua “impressão” dos acontecimentos ficasse registrada na história a partir do cordel. Por último, o poeta almeja que sua narrativa se torne conhecida e ganhe espaço, “do centro até Fortaleza.” (SANTANA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 308).

Santana dá continuidade à sua representação justificando os porquês dos novos ataques à gente do Caldeirão, cujo amotinamento na Serra do Araripe trazia, segundo sua ótica, permanente estado de pânico e desordem às castas do Cariri:

Mais de tresentas pessoas
Chefiado por Severino
 Era gente em quantidade
Homem, mulher, menino
Vinham saquear o Crato
 Era este o seu destino.

O Sebastião Marinho
 Nesta mesma ocasião
Correu de cima da serra
Se fazendo de bom cristão
Contando de Severino
A sua situação.

(SANTANA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 308 – grifo nosso).

O episódio do degredo dos habitantes do Caldeirão causou entre eles divergências práticas e ideológicas, estavam acuados, e ao que parece é que a incerteza entre os lados envolvidos naquele drama contribuiu para que surgissem toda sorte de boataria e informações desencontradas, o que culminaria em mais derramamento de sangue.

Internamente já não estavam unidos. Surgiram claras duas tendências entre eles: a dos que eram **partidários da resistência e do revide a mão armada, e dos que pregavam a passividade entre os agressores. O beato Lourenço encabeçava este último partido, que não chegaria a três dezenas de homens. A parcialidade radical ficara sob a chefia de Severino Tavares**, um novo líder que surgira, entre os numerosos imigrantes do Estado de Alagoas. (FACÓ, 1980, p. 204 – grifo nosso).

De todo modo, praticamente tudo que envolvia os romeiros e consecutivamente o povo do Caldeirão era imediatamente associado à figura do beato, que aquela altura dos fatos era alvo das principais instituições clericais e governamentais do Ceará e talvez seu nome fosse até conhecido nacionalmente.

O Capitão José Bezerra
 Quando soube da certeza
 Disse: eu vou pessoalmente
 Acabar esta empresa
 Mas não tinha recebido
 A ordem de Fortaleza.

(SANTANA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 308).

A participação do beato José Lourenço nos planos aludidos por Santana é refutado por Facó (1980) e também por Holanda e Cariry (2007), no entanto confirmam a iniciativa de Severino Tavares no massacre de 1937, como pode ser observado a seguir:

Após a invasão, parte o povo do Caldeirão junta-se ao beato no seu refugio na serra do Araripe. Saindo da cadeia Severino Tavares atravessa os sertões mobilizando seguidores. Chega à serra do Araripe, com mais de 200 homens, sabe do plano da polícia de um ataque iminente para dizimar o que restou do povo do Caldeirão.

Resolve tomar a iniciativa da luta. **Beato José Lourenço discorda do projeto e prega uma saída pacífica até que a verdade fosse restabelecida.** (HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 89-91 – grifo nosso).

Quem de fato iniciou ou quem revidou a luta, quais os reais motivos que ocasionaram tais circunstâncias, se teria sido a polícia com medo de futuros ataques à vizinhança do Araripe ou a Igreja Católica juntamente com a sociedade, ou mesmo os políticos temendo uma insurreição tal como foi em Canudos, se de fato foram os “fanáticos”, aludidos por Santana, liderados por Severino Tavares querendo vingança contra o Capitão José Bezerra, ou se muito do que foi dito não passou de desencontros ou de boatos implantados em busca de propósitos, como quando “os fins justificam os meios”, é uma questão que tem movido muitas versões e olhares diversos da literatura.

Nosso objetivo em torno disso é demonstrar essas versões através da literatura de cordel, de modo que a história venha pontualmente, sobremaneira que a perspectiva defendida pelo poeta, a ideia que fez do fato e a margem do rio que ele escolheu ficar se sobressaiam.

Nas estrofes seguintes do cordel, o poeta demonstra de que maneira se deu sua participação nos fatos, trazendo a tona argumentos, que servem, inclusive, para legitimar sua versão.

Seguiu só com onze praças
Um pequeno contingente
Hia seu filho Anacleto
Um sargento inteligente
O soldado Alves Bezerra
Também hia em sua frente.

[...]

Escrevi toda História
Não fiquei louco nem vario
Para dez me falta um
Que foi a este sucario
Ativo, forte, ligeiro
É o soldado Cezário;

[...]

Essa Força assobiou
Na segunda-feira estão
Ali pelas sete horas
No comando do Capitão
Levando sempre por guia
O fanático Sebastião.

[...]

Onde estão estes fanáticos
Ninguém pode viajar

Sebastião respondeu
 Nós chegamos lá e já
 No lugar denominado
 Baixa do maracujá.

[...]

Foi tirado oito praças
 Pelas mãos do Capitão
 Naquele mesmo momento
 Seguiram na direção
Ficando Eu Cesário
 Guarneendo o caminhão.

(SANTANA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 308 - 309 – grifo nosso).

A narrativa ganha vida pelas mãos do poeta que se diz personagem, pela voz do combatente, que se autodenomina como “sucario” ou seria sicário, “aquele que é sedento de sangue, cruel, assassino pago, facínora”? (HOUAISS, 2004, p. 680). O soldado Cesário, na escrita de Santana, elabora um discurso parcial, onde fala da coragem do Capitão José Bezerra e das artimanhas dos “fanáticos”. Com riqueza de detalhes mostra cada momento daquele fragmento de uma realidade escorregadia, onde restaram poucos para retratá-la.

Pouco momento depois
 Ouvimos a quebradeira
 Era **duas mulheres** que vinham
 Em disparada carreira
 Atravessaram o caminho
 Entraram na capoeira.

[...]

A força se aproximava
 Ao encontro seguia
Para ver se as pegava
 Ficando em casa o guia
O mato era fechado
Quase ninguém rompia.

Dahi a poucos minutos
Ouvimos o fogo romper
Ficamos no caminhão
Sem saber o que vinha ser
 Estávamos cumprindo ordem
 E sem de nada saber

Chegou correndo um menino
E me deu logo um recado
 Que seguisse com pressa
 Levasse o outro soldado
Que o pessoal fanático
Já tinha se entregado.

Achando isso impossível
Também não prestei atenção

[...]

Poucos momentos avistamos
Do mato para o caminho
Vinha um homem sem chapéu
Conhecemos vinha sozinho
Era o **sargento Jaime**
Quase morto coitadinho.

[...]

Eu me pus a indagar
Com a maior atenção
Pelos nossos companheiros
E também o Capitão
E ele me respondeu
Não estão mais vivos, não.

(SANTANA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 309 - 310 – grifo nosso).

Os relatos de José Santana através do seu personagem, o soldado Cesário, impressionam pela vivacidade da ação que transmitem. É o único folheto que temos no *corpus* catalogado para esta pesquisa, que defende claramente o ponto de vista das elites, naquela época sobre o caso Caldeirão.

Ademais a escolha da comunicação da história se fazer possivelmente por um soldado pode sinalizar para algumas situações, como de que ele não teve escolhas, nem no combate nem na condução da narrativa, talvez ainda uma tentativa de legitimidade do relato, dado por quem o teria vivenciado, de forma a despistar também a verdadeira autoria.

São hipóteses que não devem ser desconsideradas, cuja fundamentação vem do contexto da obra e do que ela permite conjecturar. Inclusive a alusão feita na estrofe inicial “Agora, caros leitores, **Vou findar minha empresa/Contar o resto do caso/Com toda real certeza**” (SANTANA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 308 – grifo nosso), nos leva a crer que ele seja um poeta de carreira, ou seja, com outros trabalhos anteriores a esse, e que de fato pode haver um despiste dessa autoria. Quem é José Santana? Não sabemos, não há registro ao seu respeito nem sinal de outros cordéis seus.

Contudo, o fato da atribuição da escrita ser dada pela pessoa de um ex-combatente das forças legais dá a dimensão de como eles se consideravam superiores moralmente e que após a morte do Capitão José Bezerra, houve grande comoção entre a sociedade, repercutindo em todo o Estado do Ceará, que mais uma vez se uniu, agora em nome da honra das vítimas, para acabar definitivamente com aquela gente que ainda restava após as ações de 1936, ocorridas no sítio, que depois de 1934 passa a pertencer aos padres salesianos.

José Santana descreve José Bezerra junto aos seus pares de maneira elevada, assim, qualidades como “inteligente”, “satisfeito”, “disposto”, “ligeiro”, “ativo”, “forte”, aparecem antes da morte de José Bezerra e dos seus soldados, depois, perfilam-se “coitadinho”, “que fazia compaixão”, “Senhores de Galões”, “honrado”, “inofensivo”, “valeroso”, também listando “sucario” e “tirano”.

Os próprios nomes dos soldados também merecem igual destaque: Marcelino, Francisco, Jaime, Benigno, José, Josafá, Assís, Antônio, Cordeiro, João, Afonso, Miguel, Joaquim, Josias, Doroteu, Ismael, Germano, Messia, Baptista, que designam nomes de santos católicos ou que remetem a ações naturalmente atribuídas a eles.

Nesse sentido, o discurso que Santana pretende que fique na história dá indícios de ter sido realizado através de termos que refletem os estereótipos que a sociedade cearense daquela época produziu sobre José Lourenço, o Caldeirão e os seus moradores, bem como a relação entre as denominações do seu protagonista e os seus pares corresponder a imagem que a sociedade de que ele trata tinha dos mesmos. É o que Barthes caracteriza como “A língua trabalhada pelo poder” (BARTHES, 1978, p. 33).

Terminamos com urgência
Dar parte do ocorrido
 E deixar logo no Crato
 Os que estavam feridos
E pedir logo um reforço
Para executar os bandidos

[...]

Ficamos de prontidão
Era horrível a confusão
Disse o corneteiro Dantas
Eu deixei o Capitão
No meio de tanto fanático
Na maior aflição

Eram inumeráveis os fanáticos
Que formaram esta cilada
 Quatro homens de primeira
 Entraram na retaguarda
 O Capitão e o Anacleto
 Foi quem tomaram a vanguarda

[...]

De três para quatro horas
O tenente Assis Pereira
E o Tenente Antonio de Lima
Em busca da cordilheira
Onde existe os fanáticos
Com a sua bandalheira;

**Conduzindo trinta homens
Para o caso justificar
Vinha em um automóvel
Dr. Mozar de Alencar
O Coronel José Fausto
E o escrivão municipal;**

**O tenente Assis Pereira
Nesta mesma ocasião
Trazendo em duas redes
O corpo do Capitão
E do Sargento Anacleto
Que estavam mortos no chão.**

(SANTANA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 310 - 311 – grifo nosso).

A narrativa à medida que avança ganha em dramaticidade e tensão, até chegar ao ponto, que talvez possamos chamar de ápice, que é a morte do Capitão José Bezerra e a condução do seu corpo. O poeta deixa transparecer verso a verso que seu cordel é uma espécie de homenagem a esse homem que, segundo ele, perdeu a vida bravamente para livrar o povo do Cariri do perigo e do “fanatismo” enraizados na gente do beato José Lourenço.

A tragédia do bandido Zé Lourenço com o Capitão José Bezerra / A chegada das forças em Socorro tem um total de oitenta estrofes, os quais foram divididos em duas partes de forma a auxiliar à análise.

A primeira relata o estado constante de insegurança que as famílias carirenses viviam, por conta da presença do “fanatismo”, além da boataria de possíveis saques e demais desordens que os desterritorializados do Caldeirão poderiam cometer, além da abordagem em torno do heroísmo atribuído ao Capitão José Bezerra e à sua dezena de soldados, na tentativa de tolher os “bandidos”, liderados por Severino Tavares. Esses parecem ser representados não simplesmente como sedentos de vingança, a problemática sugere ser maior, pois de acordo com os versos de Santana, simbolizavam o estigma da desobediência a ordem estabelecida, talvez por isso, resolveram atacar.

A segunda parte da narrativa, que pode ser conferida a partir da estrofe quarenta e dois, é um elenar de nomes, patentes e juras de vingança em nome da honra daqueles que perderam suas vidas na luta contra o “fanatismo”. Do Norte ao Sul do Ceará homens seguiram para o Cariri em missão de ordem maior, orientada pelo Governo e apoiada pela sociedade cearense que estava de luto pelas mortes dos seus “heróis”.

Leitores, vou encurtar
Esta declaração
**Vou anunciar os nomes
Dos senhores de Galões**
De cabos e Sargentos
De Tenentes a Capitão.

O Capitão Dr. Cordeiro Neto
Deu as ordens oficiais
A Tenentes e Capitães
 Em geral todos locais
 Que na zona Cariri havia
 Diligencias policiais

Veio o Tenente Cesar Borges
 Da primeira Companhia
Garantindo ao Governo
Pelo motivo que havia
Que usava de violência
Que os fanáticos merecia

[...]

O Tenente Abelardo Rodrigues
Fez logo preparação
Para lutar em armas
Do honrado Capitão
 Como um místico inofensivo
Daquela superstição.

O Tenente Garcia Alves
 Que seguiu na direção
Foi grave o teatro
Do Crato para Conceição
Um caso sem liberdade
Que fez cortar o coração.

O Tenente Alfredo Dias
Que seguiu de avião
 Com o chefe de polícia
 Naquela ocasião
Sobre este grande massacre
Do valoroso Capitão.

[...]

Chegou o cabo argentino
Da capital Fortaleza
A favor do Capitão
 Veio fazer sua defesa
 Sou homem para reagir
Não apresentou fraqueza.

[...]

Isso para mim não é lei
E nem é religião
E por causa desta seita
Morreu nosso Capitão
Por isto não me ficava
Os fanático nem um pagão.

(SANTANA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 311- 314 – grifo nosso).

Santana dá elementos da união que houve dentro da sociedade cearense em torno daquela missão. Cita vinte e cinco cidades de onde saíram soldados para combater no Araripe.

Em uma espécie de tudo ou nada, a polícia deveria lavar a honra de seus oficiais com sangue. E se antes os segmentos sociais descontentes com o comportamento dos herdeiros místicos do Padre Cícero queriam apenas provocar seu êxodo, depois da morte do Capitão José Bezerra, matariam um por um. Agora, possuíam o argumento necessário para usar até bombas, caso fosse necessário. A morte de um número mil vezes maior de pessoas seria justificada em nome da memória de um.

**Às doze horas em ponto
Do dia dez do corrente
O radio noticiou
As autoridades urgente
Contando o que se deu
Na serra instantaneamente.**

**Fortaleza estremeceu-se
Sobre o acontecimento
As notícias ressoou
Naquele mesmo momento
[...]**

(SANTANA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 314 – grifo nosso).

Servindo-se da voz da esposa de José Bezerra, o poeta termina a homenagem ao líder do soldado Cesário, o Capitão, que em 1936 visitou o Caldeirão, alarmando as autoridades de que ali se formaria uma nova Canudos, caso não fosse desarticulada.

Chamando Oh! Meu Jesus,
O que será de mim agora
O meu esposo morreu
Valei-me, Nossa Senhora
Deu uma vertigem caiu
Quase morre nessa hora.

(SANTANA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 314)

José Bezerra foi o estopim das duas guerras contra o povo do Caldeirão, a primeira como delator, a segunda por causa da sua morte (HOLANDA e CARIRY, 2007). Nas duas ocasiões o povo de José Lourenço saiu derrotado, humilhado, morto. Portanto, para nenhum dos dois Josés houve vitória. Um perdeu a vida em combate, o outro perdeu milhares de companheiros, homens, mulheres, velhos e crianças massacrados. Em 1938, voltaria uma vez mais ao Caldeirão, após comprovar sua ausência nos ataques contra José Bezerra, embora fosse novamente expulso, indo definitivamente para o Pernambuco, junto daqueles que sobreviveram à chacina no Araripe. Trabalhou nas terras do sítio União, seguindo o mesmo regime de igualdade e divisão que lhe foi característico até 1946, ano de sua morte.

Uma vez mais recorro à xilogravura da artista Erivana, que traça conforme sua percepção o momento da invasão do Caldeirão em 1936, ilustrando a Força policial em ação¹¹.



Figura 2

Fonte: <http://xilobiblio.blogspot.com/>

No tempo em que houve uma guerra civil nas terras do Araripe, um poeta, que não se sabe ao certo quem é, immortalizou o nome de José Bezerra como espécie de mártir, ressaltando que pela honra da memória deste homem e em nome da paz na região, se formou uma organização policial liderada pelo Capitão Cordeiro Neto.

Transcorrido quase meio século dos massacres, Cordeiro Neto, então com a patente de General, deu seu depoimento sobre os “excessos” cometidos contra o povo do Caldeirão ao filme de Rosemberg Cariry na década de 1980:

Diante disso, não tenho mais nada a fazer a não ser esperar os acontecimentos posteriores. **Em todo o caso, a memória está viva e presente aquilo que fizemos.** E devo dizer uma coisa: **o que fiz não tenho nada que me penitenciar. Achei que cumpri o meu dever, a minha obrigação de zelar pela segurança pública.** (HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 87- grifo nosso).

Assim como as palavras de resistência de Cordeiro Neto refletem uma mentalidade conservadora que não mudou com o passar do tempo, depreende-se da voz do poeta José Santana ou do seu personagem, o soldado Cesário, a importância da abordagem de

¹¹A representação que a artista Erivana fez sobre a guerra converge com os momentos narrados no cordel em análise. A escolha por suas gravuras na ilustração das duas representações deste capítulo tem dois motivos, o primeiro é que as versões que dispomos, inseridas em Holanda e Cariry (2007) não são ilustradas, a segunda é que comungamos da opinião de que há harmonia entre as duas artes: a literatura de cordel e a xilogravura.

um momento específico da guerra contra o Caldeirão e os seus seguidores, que nos chega como uma velha notícia emitida pelo lado “legítimo”, fundamentada pela defesa da moral, da paz e dos bons costumes, preservando uma memória combatida em 1936 e combativa dos anos 1970 em diante.

O que tem relevo é a representação feita, o registro que deixaram para a posteridade acerca de um episódio ainda nebuloso da história do Ceará. A narrativa de Santana se mostra ampla de detalhes, com falas e ações, que levam à reflexão de que memória e imaginação são indissociáveis e imprescindíveis para a criação poética.

2.3 Convergências e divergências entre os cordéis remanescentes do Caldeirão: a “língua social” e o “discurso de poder”

Há entre os folhetos de cordel aqui analisados, o do poeta popular e editor de folhetos José Bernardo da Silva e o do poeta José Santana que conduz sua poesia pela memória atribuída ao personagem do soldado Cesário, uma barreira ideológica, talvez difícil de transpor. No entanto condizente com os lados que defendiam, em uma época em que a busca por direitos e pela divisão do bem comum eram vistos como comunismo e tal ideologia simbolizava o mal tanto para a Igreja Católica como para os segmentos sociais mais conservadores, que se envolveram na questão do Caldeirão.

Se de um lado temos uma representação que defende a comunidade, por haver como sugere o poeta, aproximação entre ele e os seus integrantes, assim como familiaridade com o estilo de vida ali cultivado, temos, do outro, a visão que engloba as castas mais privilegiadas, além de estarem embutidos nos termos usados por Santana, o preconceito contra os moradores e trabalhadores do Caldeirão, tidos como “fanáticos”, liderados pelo “bandido Zé Lourenço”.

O ponto de vista de José Bernardo reflete a imagem oposta de como era concebido o Caldeirão por José Santana. Um simboliza o poeta romeiro, inclinado às “benfeitorias” de José Lourenço, enquanto o outro é traduzido pelo poeta através do personagem do soldado Cesário, cuja procedência etimológica vem de César, analogamente como o General Moreira César, o “corta cabeças” da guerra de Canudos, distantes no tempo e no espaço, mas próximos pelo combate contra o “fanatismo”.

Euclides da Cunha (1993) definiu o personagem de Moreira César como sendo tão “fanático” quanto julgavam ser o Conselheiro, diferenciando-os apenas pelo ideal, pois um era republicano extremista, outro messiânico absoluto.

Talvez não seja prudente estabelecer comparação desse tipo entre o soldado Cesário e Severino Tavares ou entre José Bezerra e José Lourenço, embora haja momentos da história em que a repetição se faz constante, algumas vezes mudando os personagens, em outras permanecendo os mesmos.

O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, de José Bernardo é, provavelmente, da mesma época em que “fervia” no Caldeirão do beato José Lourenço, os princípios da comunhão, da igualdade e do livre trabalho, aludidos tanto nos versos do poeta, quanto nos depoimentos dos remanescentes da Irmandade, como a Dona Maria de Maio, que participaram do filme/documentário de Rosemberg Cariry, cujo título é idêntico ao do supracitado folheto, *Caldeirão da Santa Cruz do Deserto*, de 1985.

Nasci no Caldeirão, fui criada pelo beato Zé Lourenço. Ele me criou muito bem criada, não faltava, nem para mim, nem para ninguém. O povo todo trabalhando, vivendo uma vida boa. Tinha muita fartura, muita fruta. Criava muito, tinha gado, muita criação, muitos pássaros, animais. Vivia tudo muito bem, tinha muito ouro. A polícia carregou, roubou tudo. Carregaram tudo. Minha boneca, eu tinha uma boneca, de presente que ele tinha me dado. Tudo isso eles carregaram, deixaram nós sem nada, destruíram tudo. (HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 88 – grifo nosso).

O segundo cordel, *A tragédia do bandido Zé Lourenço com o Capitão José Bezerra / A chegada das forças em Socorro*, versa sobre um momento subsequente ao anterior. Aqui os habitantes do Caldeirão já tinham sido expulsos daquelas terras em 1936, se esconderam na mata fechada da chapada do Araripe, em 1937, lugar onde ocorreram as mortes dos policiais, entre os quais, o Capitão José Bezerra, sucedendo pouco depois o massacre dos camponeses pelas Forças policiais organizadas pelo Governo.

São, portanto, representações de períodos diferentes, embora próximos. José Bernardo demonstra a trajetória de vida de José Lourenço e a forma como conduzia a Irmandade da Santa Cruz do Deserto, primeiro em Baixa Dantas, depois no Caldeirão. Menciona a história do boi Mansinho e a amizade com o Padre Cícero.

O poeta corrobora claramente sua admiração pela conduta do beato e vê aquela comunidade como um bom exemplo, nos seus versos pede que o Divino e os seus santos de devoção intercedam por aqueles que iam às terras do Caldeirão e neste aspecto se fazem simbólicos os últimos versos do seu cordel: “[...] Dê a paz a quem visita / A Santa Cruz do Deserto.” (SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 321).

A representação de José Santana traz para o leitor a “tragédia” que simbolizou a perda do Capitão José Bezerra, morto pelos “fanáticos” do Caldeirão, liderados nesta ação por

Severino Tavares. Sua narrativa envereda muito mais para celebrar a memória do seu Capitão e a união dos membros da polícia e da sociedade para “vingar” tal morte, do que propriamente para demonizar o Caldeirão. Segundo os versos iniciais do poeta, ele está concluindo uma história, de modo que, talvez, tenha em outro momento escrito direcionando sua lira para o caso do Caldeirão propriamente.

Podemos verificar a apologia feita ao Capitão José Bezerra estrofe a estrofe, principalmente os da segunda parte, em que há referência ao seu nome em praticamente todos os versos, inclusive nas falas dos policiais que foram convocados para o revide, dizem que ali estão: “A favor do Capitão”, “Pensando no Capitão” ou “[...] defendendo a honra do Capitão” (SANTANA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 312).

O cabo Alencar
 Seguiu de Boa Viagem
 Este trouxe um só soldado
 Não vou contar pabulagem
Em favor do Capitão
Veio render sua homenagem.

O cabo velho de São Pedro
 Por nome de Jurumenha
A favor do Capitão
Por si mesmo se empenha
Perseguiu muitos fanáticos
Perdidos naquela brenha.

O velho cabo de Macapá
 Miguel Leite de Oliveira
Botou as armas na mão
Atacou a cartucheira
A favor do Capitão
Não vinha de brincadeira.

(SANTANA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 312 – grifo nosso).

Entretanto, também há entre as representações convergências, pois mesmo que tratem de períodos diferentes, possivelmente uma de 1935, outra de 1937, tendo cada qual suas especificidades, falam dos personagens do Caldeirão, de pontos da história que se sucederam. Documentam o pensamento de uma época, um deles retratando cenas de uma guerra pouco falada. São importantes do ponto de vista da representação que cada um fez da memória que defendem, seja ela desabonada ou abastada, trazendo através da literatura de cordel o retrato que fizeram do fenômeno.

Seus narradores demonstram através dos seus versos o lugar social que ocupam¹², permitem que o leitor recue no tempo e chegue aos anos da década de 1930 e perceba como

¹²Sobre José Bernardo da Silva por se tratar de um importante editor de folhetos e poeta, encontram-se referências suas em diversos trabalhos, inclusive que mencionam sua biografia e bibliografia também, como em

eles construíram seus argumentos, obedecendo a uma lógica textual interna e social externa na composição dos versos do cordel, de acordo com o que reclama Candido (2006), e sem que haja implicação de saber ou de buscar as verdades.

No mais se opõem, afinal cada um teve suas motivações e maneira ao contar como absorveu a história. Ambas, porém, usam de um elemento importante, a verossimilhança, embora a realidade seja algo distinto e cuja discussão não é cabível dentro desta proposta de pesquisa.

Há de ser mencionada também, uma coincidência entre os nomes dos poetas e dos protagonistas dos versos desses cordéis, todos são José: José Bernardo da Silva, José Santana, José Lourenço e José Bezerra. Quatro Josés, quatro homens que tiveram cruzados, de algum modo, seus destinos. Conforme o interesse deste estudo, os dois primeiros registraram pela poética popular as trajetórias de vida dos dois últimos, e esses são imprescindíveis, porque para além de todas as complexidades que lhes envolvem, existiram para virar história aqui representada pela palavra rimada na literatura de cordel.

Essas ressalvas realizadas durante as análises dos folhetos em questão, concernentes aos aspectos da terminologia dos termos usados pelos poetas, fazem jus às reflexões de Barthes (1978), principalmente por sua aceção de que a linguagem é eminentemente social, bem como expressão de poder, a que o homem está submetido.

De modo que a linguagem utilizada pelos poetas coaduna com o sistema social simbólico ou não a que eles se vinculam e, portanto, representam.

Isso foi possível observar desde a escolha do título do cordel, depois as adjetivações para descrever as personagens, o que parece ser um manifesto de que a linguagem, nesses casos, serve também como elemento de distinção entre o bem e mal, o certo e o errado, o que é aceito e o rejeitado etc., além de sinalizar para o leitor o ponto de vista do poeta sobre o assunto tratado e ainda um retrato característico de um tempo e de um espaço específicos, uma vez que determinadas expressões são peculiares a uma dada época e região.

O caso peculiar dessas duas representações remanescentes do fenômeno é transmitir ao leitor e/ou ouvinte dos anos posteriores a sua circulação, duas formas de ver, pensar e propagar a ideia que tinham sobre o Caldeirão do beato José Lourenço em sua época.

Almeida e Alves Sobrinho (1978), Carvalho (2006) e Holanda e Cariry (2007). Em relação a José Santana, não há menção sobre quem é o poeta nem mesmo através da fonte em que está seu cordel. Holanda e Cariry (2007) afirmam desconhecer-lo e trabalham com a hipótese do nome José Santana ser um pseudônimo. De modo que as informações que levantamos sobre tal poeta, seu ponto de vista, lugar social, a estratégia de falar pela voz do soldado Cesário foram levantadas somente pela leitura dos seus versos.

3 ATOS DE SILÊNCIO E VERSOS DE CORDEL: NARRATIVAS DO CALDEIRÃO TRINTA ANOS APÓS O FIM DA GUERRA

“A história de hoje / é do beato Zé Lourenço
um espírito muito forte / me alevanto e puxo o
lenço / grito aos anjos das alturas / paro e ando,
corro e penso.”

(Abraão Batista)

“Deve ter sido doloroso o espetáculo da
primeira noite de ocupação. As suas
inteligências simples nunca poderiam justificar
semelhante violência.”

(Relatório do tenente Góes)

Transcorridos cerca de trinta anos do episódio que culminou com as mortes de centenas de trabalhadores rurais do sítio Caldeirão dos Jesuítas, em 1936, 1937 e 1938¹³, chegamos a 1970, década conhecida pelas ditaduras, guerras e revoluções, que simbolizam, numa análise geral, o subjugo, a intolerância e a violência contra homens e mulheres em diversas partes do mundo.

É nesse contexto que a representação sobre o Caldeirão na literatura de cordel, a qual trataremos a seguir, vem à tona, rompendo com anos de silêncio em torno desse assunto.

3.1 Vozes do silêncio, versos em branco

Após longo período em que a indignação perante a guerra contra o Caldeirão ecoou apenas através da ausência do que não foi dito, na “voz do verso”¹⁴ que não foi escrito, ou talvez pela dor da palavra proibida, surge *A história do beato José Lourenço e o boi Mansinho*, do poeta Abraão Batista, manifestação oriunda da escrita popular para registrar, recontar e até mesmo recriar esse fato que foi transformado em tabu e alvo de repressão pelas

¹³Elencamos os três anos, visto que a invasão à comunidade e consequentemente a expulsão dos trabalhadores do Caldeirão ocorreu em 1936, o combate na Serra do Araripe em 1937 e o massacre de Pau de Colher, envolvendo outra parte dos foragidos do Caldeirão foi em 1938. (FACÓ, 1980).

¹⁴Alusão ao título do livro *Cordel: a voz do verso*, de Martine Kunz, (2011).

instituições de dominação na época dos acontecidos, de modo que este paradigma se estendeu ainda por muitos anos. Ao ponto de não termos, seguramente, pelo menos em nossa catalogação, nenhum cordel sobre o beato José Lourenço ou Caldeirão, que seja posterior a 1938 e anterior a 1970.¹⁵

Destarte, fundamentamos essa reflexão com base nas orientações de Kunz (2011), acerca, principalmente, do silêncio e da escassa produção da verve popular direcionada ao fenômeno Caldeirão, bem como a outros de simbologia semelhante.

No *Dicionário Bio-Bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada*, publicado em 1978 e que menciona mais de 3000 títulos de folhetos, não encontramos nada sobre Contestado ou Pau de Colher, **apenas 3 folhetos sobre Canudos, 2 sobre Caldeirão, 146 sobre Padre Cícero e 83 sobre Frei Damião, o missionário capuchinho considerado outro Padre Cícero.** (KUNZ, 2001, p. 14 – grifo nosso).

É possível que se existissem outros folhetos acerca da temática, durante essas três, quase quatro décadas reclamadas, teríamos tido conhecimento, uma vez que para a composição deste *corpus* de análise foi realizada pesquisa de campo em acervos públicos e privados, bem como nas coleções de instituições agregadoras de trabalhos que se relacionam a este, como a Fundação Casa de Rui Barbosa, Fundação Joaquim Nabuco, o Museu do Folclore, assim como consultas constantes em outros estudos, cujas abordagens se direcionam ao tema em questão, e não nos deparamos com novos títulos desse período¹⁶.

Contudo, não se pode negar a possibilidade da existência de algum folheto fora aqueles catalogados pelo *Dicionário Bio-Bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada*, de Almeida e Alves Sobrinho (1978), que tenham data anterior a 1978, porém não dispomos deste registro oficialmente.

¹⁵Temos a hipótese de *A história do beato José Lourenço e o boi Mansinho*, do poeta Abraão Batista ser próximo de 1968, porém o colocamos dentro de um recorte que vai desse ano até 1973. Sobre esta informação ver tópico 3.2.1 deste capítulo.

¹⁶No trabalho *Entre o fanatismo e a utopia: a trajetória de Antônio Conselheiro e do Beato Zé Lourenço na literatura de cordel*, um cordel é citado como sendo um dos primeiros a falar do tema Caldeirão, *A história do boi santo e o beato Zé Lourenço*, de Apolônio Alves dos Santos, (BRAGA, 2011, p. 104), contudo não há a data do folheto. Encontramos referência desse no acervo Maria Alice Amorim, através do link: <http://www.cibertecadecordel.com.br/detalhe.php?id=4548>, porém também sem data. O autor do folheto, segundo podemos observar através desse acervo, tem vasta produção com títulos dos anos 1960 a 1990. De acordo com pesquisa que fizemos no *Dicionário Bio-Bibliográfico*, ele aparece, no entanto não há menção ao folheto em questão (ALMEIDA & ALVES SOBRINHO, 1978, p. 247). Em todo caso, a “recriação” de Alves sobre o caso Caldeirão parece mais uma continuidade do ponto de vista de José Santana, por exemplo, que segue o ponto de vista das elites, do que propriamente uma nova fala sobre o Caldeirão, (BRAGA, 2011, p. 104 e 105), visto que José Santana é mencionado por nós como o último autor a falar sobre o Caldeirão em cordel, ainda na década de 1930. Outro dado sobre Alves é o folheto *Antonio Conselheiro e a guerra de Canudos*, s/d., cujo exemplar dispomos através da Fundação Casa de Rui Barbosa, em que ele retratou a guerra de Canudos da mesma maneira como fez com o Caldeirão, através de uma postura governista.

Inclusive, os dois folhetos feitos na década de 1930 que representam o Caldeirão neste trabalho, *O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto*, de José Bernardo da Silva e *A tragédia do bandido Zé Lourenço com o Capitão José Bezerra / A chegada das forças em Socorro*, de José Santana, não aparecem no volume, nem nos demais acervos consultados. Ainda que um dos poetas, José Bernardo, tenha sua vida e produção retratadas pela referida obra.

Todavia, os dois cordéis foram abordados e documentados no livro de Holanda e Cariry (2007). A indicação dessa referência feita pelo professor historiador Régis Lopes¹⁷, direcionou esta pesquisa para o contato com fontes mais próximas do fenômeno, permitindo que esses pontos de vista fossem contemplados, juntamente com os mais recentes.

Destarte, a poesia popular sobre o Caldeirão foi submetida a anos de silêncio, seja pelos motivos que forem, é um fato que implica atenção. Ora, Calasans (1997) percebeu que a participação dos poetas é reclamada em situações extremas e em referência a guerra de Canudos, por exemplo, ressaltou que “a lira é arma de combate em muitas oportunidades.” (CALASANS, 1997, p.150).

No caso em apreço, a situação é semelhante, com a diferença que Caldeirão sucede a Canudos, logo o que concerne ao comportamento da sociedade e do poeta contemporâneos ao Caldeirão teve o exemplo do que foi Canudos e suas consequências. Sobremaneira que a experiência do que representou a comunidade baiana, pode ter dificultado a expressão do poeta popular, nos tempos em que a lembrança da guerra contra Antônio Conselheiro ainda estava aguçada na memória da sociedade.

De modo que no registro mais próximo da guerra contra o Caldeirão que temos, *A tragédia do bandido Zé Lourenço com o Capitão José Bezerra / A chegada das forças em Socorro*, de José Santana¹⁸, é possível localizar que a participação do poeta foi feita sob a mão do lado desfavorável à comunidade. José Santana, segundo seus versos, teria participado ativamente da guerra e com sua lira ilustrou o que podia ser dito, sem que isso lhe causasse consequências negativas, até porque sua concepção estava de acordo com o pensamento dominante.

No capítulo anterior observamos que Santana poderia ser uma das personagens da sua narrativa, o soldado Cesário. Contudo, é fundamental apontarmos para a possibilidade de um jogo de “claro-escuro”. Com relação à autoria desse folheto, à participação do autor na

¹⁷Em fala no exame de qualificação deste trabalho em 31/10/11.

¹⁸Conforme consta em Holanda e Cariry (2007, p. 306).

trama e à indicação dele ser uma das personagens. Uma vez que demonstrando pela escrita do cordel, o argumento da autoria se direcionar para a figura do “soldado Cesário”, isso talvez indique um subterfúgio de legitimidade da versão narrada, como conjecturamos anteriormente. Além de “despistar” o leitor e/ou ouvinte de quem de fato escreveu o folheto, tendo em vista que não era muito cômodo falar a esse respeito.

Portanto, trabalhamos com as informações que o folheto sinaliza, pois não encontramos indicação nenhuma acerca do poeta José Santana, inclusive em Holanda e Cariry (2007), no qual está inserido seu cordel, o nome desse autor é tratado como “pseudônimo”.

De modo que conduzimos a análise seguindo os versos em busca da ideia que o autor teria sobre a questão, tentando vislumbrar elementos da autoria também. No entanto, a que está nos seus versos, condiz com sua posição na ação. Ele como soldado também não tem escolhas, mas caso não fosse, hipoteticamente, falar contra o estado de coisas imposto pelas autoridades poderia ser perigoso.

Assim, outros poetas da época, que viviam na região do Cariri e tinham ativa produção, como Manuel Caboclo e Silva, por exemplo, não têm em sua bibliografia nenhum folheto sobre o Caldeirão do beato José Lourenço.

Seguindo Carvalho (2006), encontramos embasamento para a questão da ausência de relatos sobre determinadas questões pela poética popular. Em referência ao próprio Caboclo, o pesquisador ressalta:

A ideologia do produtor popular se tornava clara e sintonizada com o seu público - alvo, deixando bem definida a posição de Caboclo que dizia: “o **governo é meu pai e a Igreja minha mãe**”. Por causa dessa atitude evitava tensões e confrontos. (CARVALHO, 2006, p. 39 – grifo nosso).

O poeta Manoel Caboclo nasceu em Caririaçu, região do Cariri, em 1916, se mudou para Juazeiro do Norte e em 1938, de acordo com Carvalho (2006), passou a trabalhar na tipografia de José Bernardo da Silva. Portanto na época da guerra contra o Caldeirão, Caboclo estava inserido no *metiê* da literatura popular em versos. O assunto não faz parte da sua obra, o que talvez possa ser justificado pela política das boas relações que o poeta e autor de “O Juízo do Ano” estabeleceu para si.

Outra possibilidade, além das hipóteses lançadas acerca do silêncio na poética popular em torno do Caldeirão e do beato José Lourenço, pode se insinuar como ordem natural das coisas. A violência da guerra pode induzir também à apatia, à incredulidade sobre o estado como os fatos se apresentam, até que chegue o tempo em que as barreiras se abrem e o fato é retomado, porém a partir de outra perspectiva, elaborada pela passagem do tempo e

pela distância que há entre o fato e o seu relato.

Assim, o autor de *Os sertões*, lança a ideia, a qual estrutura essa reflexão: “Na apreciação dos fatos o tempo substitui o espaço para a focalização das imagens: o historiador precisa de certo afastamento dos quadros que contempla”. (CUNHA, 1993, p. 213).

De modo que, além do medo e da opressão que possam vir a circundar a narrativa que envolve situações de guerra, a ponto de inibi-la, ela parece pedir tempos de quietude para que possa ser representada, sem que isso implique necessariamente conformismo ou esquecimento.

O eco do silêncio surge alto e seu vácuo mistura-se ao momento seguinte, em que o passado surge na narrativa distante. Em concordância com o autor de *O narrador*, Walter Benjamim, essa narrativa “conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver.” (BENJAMIM, 1994, p. 204).

3.2 A ruptura com o paradigma do silêncio

A história do beato José Lourenço e o boi Mansinho, do poeta Abraão Batista, é um dos dois folhetos¹⁹ catalogados pelo *Dicionário Bio-Bibliográfico*, de Almeida e Alves Sobrinho (1978), que se referem ao tema deste trabalho e representa a poética popular que veio romper com o estado de silêncio em que estava envolvida a memória do Caldeirão do beato José Lourenço e o que simbolizou em termos políticos e sociais.

O folheto, juntamente com suas especificidades, traz à luz a problemática do Caldeirão e é aqui analisado comparativamente, de forma que seu discurso sinaliza a partir de sua representação, a direção tomada por seu autor, seus objetivos, bem como seu ponto de chegada, ou seja, de onde fala e para quem fala.

Respeitando a ordem cronológica das representações, conforme sinalizado anteriormente, aponta-se o cordel do poeta Abraão Batista, *A história do beato José Lourenço e o boi Mansinho*, como o que inaugura os versos da literatura de cordel para a questão

¹⁹O segundo folheto é *O beato da cruz*, também feito por Abraão Batista, editado em 1973. Nesse, o autor mescla as lendas tecidas sobre a juventude de Antônio Conselheiro, antes de iniciar sua peregrinação e aquelas histórias que “o povo conta” sobre as penitências de José Lourenço ao receber a cruz do Padre Cícero e que logo após isso, teria se retirado do convívio com as pessoas e se refugiado “nos matos”. Todavia, mesmo fazendo alusão a essas histórias, Batista não menciona o nome de nenhuma dessas personagens. A personagem de *O beato da cruz* é situada ao leitor como um homem alagoano da época de 1926, que após ter matado a mãe disfarçada de amante da sua esposa, vai a Juazeiro, onde recebe uma cruz do Padre Cícero e depois disso fica conhecido como “o beato da cruz”, vivendo a pedir esmolas e a peregrinar pelo sertão.

voltada para o Caldeirão, após trinta anos de ausência, sucedendo-lhe o cordel *Caldeirão*, do Pe. Geraldo²⁰, feito poucos anos depois da representação de Batista.

São folhetos contemporâneos e divisores de águas, no que concerne às suas ideologias e à produção da poética popular referente à guerra contra o Caldeirão.

3.2.1 O “efeito de real” no cordel dos anos 1970

Juazeiro do Norte, 25 de Agosto de 1973, marca a data do folheto *O beato da Cruz*, do poeta Abraão Batista. Na quarta capa desse exemplar constam os títulos dos cordéis publicados anteriormente pelo autor, entre eles, *A história do beato José Lourenço e o boi Mansinho* é o sexto a aparecer em ordem dos nove que lá estão, além de outros três que ele sinaliza lançar em breve.

Portanto, dois argumentos se esboçam para comprovar que o supracitado folheto foi escrito, pelo menos, no ano de 1973, pois além de constar na lista de títulos publicados pelo autor na quarta capa do *O beato da Cruz*, também foi catalogado, conforme mencionado, pelo *Dicionário*, de Almeida e Alves Sobrinho (1978), além disso, localizamos a segunda edição de *A história do beato José Lourenço e o boi Mansinho*, de 1976²¹, ano do quadragésimo aniversário da invasão do Caldeirão.

Tais dados servem de fundamentação para alcançar o ano que mais se aproxime da primeira edição de *A história do beato José Lourenço e o boi Mansinho*, cujo exemplar que dispomos é uma edição especial de novembro de 1990²². Outro fator é que esse fio conduz ao folheto que seria o mais próximo do pós-guerra pertencente a este *corpus*, excetuando aquele contemporâneo ao fenômeno.

Assim, recuamos à década de setenta, chegamos ao ano de 1978, depois a 1976, 1973 e por fim recortamos o tempo entre 1968 e 1973, pois de acordo com Almeida e Alves Sobrinho (1978), 1968 foi o ano que Batista começou a escrever seus cordéis.

Trinta anos após o massacre dos trabalhadores do Caldeirão, o poeta popular Abraão Batista finda com o silêncio sobre o assunto e traz para o presente sua representação da história do beato José Lourenço e do Caldeirão.

²⁰Esse cordel é analisado no capítulo três deste trabalho.

²¹Informação por via do acervo do Museu do Folclore, conforme pode ser conferido através do link: <http://www.docvirt.com/WI/hotpages/hotpage.aspx?bib=Cordel&pagfis=32645&pesq=capa+a+hist%C3%B3ria+do+beato+jos%C3%A9+louren%C3%A7o+e+o+boi+mansinho&url=http://docvirt.no-ip.com/docreader.net#>

²²O qual não apresenta modificação em relação à edição de 1976, exceto o primeiro verso da primeira estrofe e a diagramação.

Quem não conheceu o beato
 diz ter sido êle ruim
porém quem o conheceu
disse também para mim
que José Lourenço foi homem
duma bondade sem fim.
 (BATISTA, 1990, p. 1 – grifo nosso).

Abraão Batista é poeta nascido em Juazeiro do Norte, em 1935, mesmo ano que seu colega de ofício, José Bernardo da Silva, teceu a primeira narrativa em versos de cordel, a qual temos registro, sobre o beato José Lourenço e o Caldeirão. É provável que Batista tenha convivido com José Bernardo, que até 1972, ano em que o editor morreu, foi o proprietário da maior tipografia de Juazeiro. (ALMEIDA e ALVES SOBRINHO, 1978, p. 276).

De modo que quando Batista começou a escrever cordéis, em 1968, a Tipografia São Francisco estava funcionando a todo vapor. O que nos leva a deduzir que o circuito de produção de cordel em Juazeiro do Norte, na época, era o mesmo, o que talvez facilitasse as relações entre os poetas, xilógrafos e promovesse interferências nas obras daqueles artistas.

Segundo os versos supracitados, foi a partir do conhecimento prévio que Batista teve com quem esteve com José Lourenço que o poeta legitima sua história. Tal recurso converge com o pensamento de Nitrini ao afirmar que: “a vida do autor constitui um fator importante na gênese da obra.” (NITRINI, 2010, p.32). José Bernardo, por exemplo:

[...] não só defendeu como ajudou a esconder em sua própria casa refugiados do Caldeirão e a ajudar na sobrevivência do beato no seu esconderijo na serra do Araripe. Por estes motivos chegou a ser hostilizado pelas autoridades, mas jamais chegou a ser preso, por conta da sua honradez e do respeito que adquirira na sociedade do Juazeiro do Norte. (HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 306).

Assim a teia de relações ganha proporções que dão a dimensão da importância dessa vivência para a elaboração das narrativas e dos seus desdobramentos. Verificamos que em 1935, José Bernardo compôs versos que celebraram a imagem do beato e da sua comunidade, no entanto, após a destruição do Caldeirão, o poeta calou-se²³. Talvez seu silêncio, sob hipótese, represente um ato de protesto, uma vez que Bernardo parecia não temer represálias, conforme a citação acima. De modo que sua postura demonstra mais coragem que omissão.

Todavia, *O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto*, cordel em alusão de José Bernardo, foi retomado em muitos aspectos por Abraão Batista, as convergências são notadas

²³ A representação de José Bernardo é melhor visualizada no capítulo um, cuja análise foi direcionada. Neste segmento sua referência será constante como contraponto de convergência ou divergência com o cordel em análise.

no princípio do folheto de Batista, quando faz a apresentação da chegada de José Lourenço a Juazeiro, destacando suas qualidades e mencionando o primeiro encontro entre o jovem romeiro e o Padre Cícero.

Ele veio pro Juazeiro
atrás de redenção
e aqui **como romeiro**
do padre Cícero Romão
ajoelhou-se contrito
pediu-lhe sua benção.

Padre Cícero disse assim:
há muito que o esperava
você vem pra essa terra
ajudar-me nessa lavra
e cuidar do meu povinho
que a ignorância entrava.

José Lourenço disse então:
meu Padrinho, quem sou eu?
sou feito sem formosura...
mas padre Cícero encareceu
- o menor é o maior
para o pai que está no céu!

Padre Cícero deu-lhe ai
ajoelhado, **uma cruz**
dizendo: José Lourenço
só volte aqui com Jesus
vá descontar as maldades
pra achar a eterna luz.
(BATISTA, 1990, p. 2 – grifo nosso).

Batista reconta a história do beato utilizando praticamente os mesmos dizeres de José Bernardo, conforme o cotejo com os versos abaixo:

Chegando diante dele
Curvou-se muito contrito
Dizendo: bendito seja
Nosso senhor Jesus Cristo
Seja louvado eternamente
O vosso nome bendito.

Disse meu padrinho: Viesse
Também ao Juazeiro?
Ele disse: - Vim, pois
Também quero ser romeiro.
- Eu sempre te esperava
Para ser meu companheiro.
(SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 315- grifo nosso).

A ideia que se deixa transparecer na introdução de ambas as narrativas é que José Lourenço desde jovem era um homem reto, cristão e que chega a Juazeiro na condição de

“romeiro”, em busca de “redenção” e que o Padre Cícero, ao encontrá-lo, o reconhece como “companheiro” e que “há muito tempo o esperava” para ajudá-lo na “lavra” de “cuidar” do seu “povinho”.

Abraão menciona o episódio da cruz, tal como versejou Bernardo, ainda expõe que após o primeiro encontro que o beato teve com o Padre Cícero, se recolheu à solidão até que estivesse pronto para realizar sua missão.

Muito tempo se passou
com Jose Lourenço no mato
rezando, só e contrito
passando fome e maltrato
se escondendo do povo
naquela fuga de fato.

[...]

Nove anos se passaram
em oculta penitência
José Lourenço no mato
a procura de ciência
se um cristão o avistava
não queria assistência.
(BATISTA, 1990, p. 3).

As semelhanças entre as representações continuam com relação ao percurso de José Lourenço depois da chegada a Juazeiro e antes da ida ao sítio Baixa Dantas:

Assim passou muitos anos
Pelos bosques internado
Ate quando meu Padrinho
Mandou a ele um recado
[...]

Chegando a Juazeiro
Foi muito bem recebido
Por meu padrinho, que disse-lhe
- Meu filho, estás promovido
Pra ensinar teus irmãos
Conforme deus é servido.
(SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p 316).

O poeta Abraão Batista retoma a narrativa em conformidade com José Bernardo, como podemos observar nos versos abaixo:

Depois desse tempo todo
Pe. Cícero mandou-o chamar
e com toda a sua brandura
começou a indagar
pra José Lourenço, o beato
o que passo a relatar.

Ele disse pra Lourenço
 não quero mais você assim
 lhe afirmo com clareza
 e responda pra mim
 a penitencia é oculta
 e hoje ponha-a no fim.

Eu pergunto, José Lourenço
 se alguma cousa ensinou
 aos bichinhos daqueles matos
 e se com as pedras falou?
 Zé Lourenço disse: Padrinho
 são tão mudas como estou.
 (BATISTA, 1990, p. 3- 4).

Sobre o fim da penitência dada por Padre Cícero a José Lourenço, a ida ao Baixa Dantas e as benfeitorias seguem as consonâncias entre os dois poetas:

Então meu caro amiguinho
 Não o quero dessa maneira
 Você vem pros seus irmãos
 Vai morar em Baixa Danta
 Orientar a cobroeira.
 [...]

José Lourenço assim fez;
 Foi morar em Baixa Danta
 Ensinando a gente humilde
 Com a enxada e a cruz santa
 Muito querido e amado
 Sem guerra e muita manta.
 (BATISTA, 1990, p. 4 e 5).

Ele foi a Baixa Danta,
 Um degredo esquisito,
 Fez roça, cercou, fez casa,
 Com seu talento bendito
 Deixou aquele deserto
 Num sítio muito bonito.
 (SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p 316).

Esse ponto da narrativa em que os poetas falaram desde a chegada de Lourenço a Juazeiro, a conversa com Padre Cícero, a penitência sofrida e a ida ao sítio Baixa Dantas é recriado de maneira muito próxima, também, pelos remanescentes do Caldeirão, conforme Holanda e Cariry (2007):

Meu padim Zé Lourenço chegou novo, rapaz. O meu padim Ciço, quando viu ele, disse: “Tu vieste, José?” “Vim, meu padim”. “[...] Tu estás avisado há tempo, **pra me ajudar a carregar o peso da cruz pra salvação do gênero humano**”. Aí, entregou a Santa Cruz a ele e botou ele na penitencia oculta. Aí, meu padim mandou chamar ele, ele veio. Meu padim perguntou: “Zé Lourenço, os paus aprendem com você?”. “Não, senhor”. “Os bichinhos do mato, os bichim de cabelo, veados, esses bichos assim aprendem com você?”. “Não, senhor”. “[...] **“As pedras aprendem**

com você?”. “Não, senhor”. “Apois, eu não quero mais você nessa penitência, viu José?”. “Sim, senhor”. [...] Bom, aí ele foi, ele fez a Baixa Danta, de tudo de planta, pra fulô e tudo, tudo. Ficou uma coisa que era um mimo mesmo, um mimo só. **Camponeses nas roças. Na casa de farinha, vários planos de homens e trabalhando. (HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 58 – grifo nosso).**

As memórias desse episódio se misturam, de modo a dialogarem entre si, ao ponto de não sabermos quem interferiu no discurso de quem. É interessante acompanharmos a ideia que têm do Caldeirão do beato José Lourenço, não simplesmente seguir as vozes ordenadas pelo passado ou presente. Afinal, há a voz da lembrança de um passado vivido e outras que representam essa lembrança, associadas numa espécie de cumplicidade, uma legitimando a outra, sem implicação de ordem para isso.

Abraão Batista segue com a ideologia de que o beato José Lourenço era homem pacífico, justo e ordeiro:

Naquele sítio um só pássaro
não se matava no céu
[...]

Todo o trabalho se recolhia
em única sociedade;
[...]

[...]
plantavam, colhiam bem
livre de fome e horrores
(BATISTA, 1990, p. 5 - 6).

A representação dos versos desse poeta tende a valorizar o cunho político e social da conduta do beato José Lourenço diante da sua irmandade. A situação da divisão do trabalho conforme a necessidade de cada um, o uso do dinheiro com “sobriedade”, mais o acolhimento a qualquer um que fosse pedir socorro, ilustram sua narrativa.

Não fazia mal a ninguém
vivia na solidão
ensinando a gente pobre
do Padre Cícero Romão
plantando e colhendo os frutos
que lhe dava o sertão.
(BATISTA, 1990, p. 7).

3.3 As “três carreiras” de José Lourenço

Entre os versos de Abraão Batista, a menção acerca das recomendações que Padre Cícero teria feito a José Lourenço ressalta as dádivas de adivinhação ou mesmo de premonição, que eram atribuídas ao padre pelo povo e ilustradas pelo poeta através das “três carreiras” que José Lourenço se submeteria:

Padre Cícero o orientou
dizendo: preste atenção
**quando mais adiante vir
uma atribulação
dê uma carreira bem grande
e não queira confusão.**

**Quando da segunda vez
a atribulação lhe surgir
dê outra carreira bem grande
sem no passado cair**
toda sabedoria é pouca
para assim não confundir.

**Quando na terceira vez
vir a atribulação
dê outra carreira grande
com a força do seu pulmão
sem confiar nem na roupa
que vestir o irmão...**
(BATISTA, 1990, p. 4 - 5 – grifo nosso).

Certamente, o poeta conhecedor do curso da história, atribuiu às três atribuições aos três episódios de conflito que José Lourenço passou, cada um superando o outro em gravidade. O primeiro seria o caso do boi Mansinho, o segundo a saída do sítio Baixa Dantas e o terceiro se reporta à expulsão do Caldeirão e à guerra.

Cada um desses acontecimentos é reproduzido por Batista, a começar pelo caso do boi Mansinho, o qual o poeta dá distinto destaque. Inclusive, a capa do seu folheto é ilustrada com uma xilogravura, assinada por ele, em que se vê o beato com sua cruz, juntamente com o boi Mansinho, curvado diante de José Lourenço. São vinte e sete estrofes versejando a história do boi e a referida atribuição sofrida por José Lourenço.

A capa do folheto conferida a seguir, é referente à segunda edição de 1976 sendo a mesma xilogravura disponível em todas as três edições da *A história do beato José Lourenço e o boi Mansinho*.

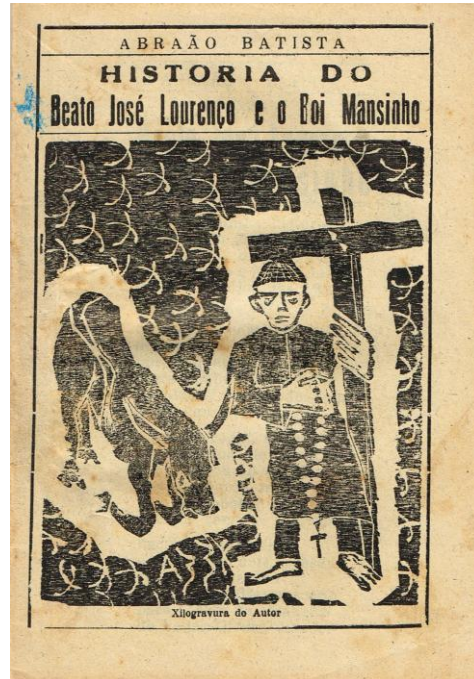


Figura 3- Acervo: Martinne Kunz

Seguimos, então, com a representação da história do boi Mansinho, cujo tema também nomeia o título do cordel de Abraão Batista, *A história do beato José Lourenço e o boi Mansinho*.

Quando foi em certa data
Delmiro Gouveia mandou
um boi de raça luzido
e o Padre Cícero entregou
para ele tirar raça
como assim se manifestou.

Delmiro Gouveia foi
um homem de ter visão
mandou esse boi pro Padre
para ele no sertão
tirar raça para ter
gado bom e com razão.

**Padre Cícero entregou
esse boi pro Zé Lourenço
e ele em Baixa Danta
tratou o boi com incenso
por ser o boi do Padrinho
dispensava carinho imenso.**

O povo da redondeza
trazia capim pro boi
e ele por ser mansinho
“mansinho” o seu nome foi
batizado pelos humildes
que ingenuamente constrói. (BATISTA, 1990, p. 7 - 8).

Concernente a esse episódio, a representação de Batista dialoga em igualdade parcial com a versão de José Bernardo da Silva. Em ambas as narrativas, o fato do presente se dá pela mesma maneira, a diferença é o acréscimo do nome do doador do boi, Delmiro Gouveia, na narrativa de Batista. Fato esse que particulariza sua narrativa em outros momentos, pois o poeta cita os nomes das personagens nas principais ocasiões da sua versão, desde Delmiro Gouveia, passando por padre Agra, no caso da expulsão do Caldeirão, a outras autoridades que figuraram na história do beato.

No caso em apreço, Batista e José Bernardo expõem em seus versos os motivos que culminaram no problema do boi, porém diferentemente, pois enquanto Batista, de acordo com seu ponto de vista, atribuiu a questão ao exagero do povo no trato com o boi, o tendo por “santo”, José Bernardo alega que a adoração ao boi foi fruto de boatos feitos por “pessoas de um instinto infernal” (SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 317). Desse feito, Batista inicia a narração do problema:

Aconteceu que a gente
começou a exagerar
rezando pro boi ‘mansinho
e por baixo dele passar
dizendo que aquele ato
as doenças ia curar.

**Chegaram até a dizer
que aquele boi era santo**
porque santo era o dono
cantavam pra ele um canto
benzendo nas ladainhas
cobrindo-o de sela e manto.

**Até o mijo do boi
gente chegou a beber
porque sofria de mal
do qual ia morrer**
- remédio do pobre é mato
e médico, estou pra ver.
(BATISTA, 1990, p. 8 – grifo nosso).

Comparemos, então, com a versão de José Bernardo da Silva:

**Foram contar ao Doutor
Que o beato possuía
Um boi que era santo
Que até a urina servia**
Por isso ele foi preso
E sofreu dezoito dias.

**Foi bastante maltratado
Sem a ninguém ofender**
Só pelos conquistadores
Da moral e do dever
Que procura desarranjo
Sem a ninguém atender.

(SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p.317- grifo nosso).

Depreende-se daí que além da problemática de Mansinho, os dois poetas selam uma crítica social, enquanto um evidencia a falta de “médico” e “remédio” para os pobres, o outro mostra que aos pobres é cobrado a “moral” e o “dever”, e que os “conquistadores” sabem “ofender”, “sem ninguém atender”.

Os poetas ressaltam ainda o carinho que José Lourenço tinha pelo boi Mansinho, principalmente por ele ser do Padre Cícero. Porém, não julgam o comportamento do beato em momento algum como promotor dos excessos com o trato do boi. Dão sequência às narrativas, evidenciando a coragem que teve ao se apresentar espontaneamente ao Dr. Floro Bartolomeu, que é considerado nos versos dos dois cordelistas, como o algoz do beato José Lourenço nesse caso em questão.

**Dr. Floro Bartolomeu
que era um chefe na cidade**
sabendo dessas conversas
quis saber da verdade
**mandou dizer pro beato
que ia tê-lo na grade.**

Ninguém enfrenta o governo
disse o beato assim
guardo o corpo por hoje
e livro a alma por mim
enquanto a alma é no corpo
rebento terá seu fim.

**Não permito que se mate
por causa de um somente**
num exército todo armado
contra essa minha gente
**portanto vou e me entrego
não dou gosto a serpente.**

[...]

**Vestiu-se de vaqueiro
de perneira, calça e gibão**
no seu cavalo montado
que admira o sertão
chegando a Juazeiro
apresentou-se com decisão.
(BATISTA, 1990, p. 9).

Caso esse que levou José Lourenço à prisão e à morte pública do boi, segundo os versos dos poetas:

À frente de Dr. Floro
disse: pronto aqui estou;
**Dr. Floro com voz fanhosa
de repente perguntou:
- Com quem estou falando?
E o beato assim falou:**

**“Está falando com o beato
José Lourenço, criatura
preto, baixo e desinluxo
insignificante figura
incapaz de estar presente
diante a sua altura”.**

Mais três vezes a resposta
Dr. Floro indagou
e depois de ouvir bem
na prisão ele trancou
numa das salas bem fria
José Lourenço pernoitou.

**O ‘boi mansinho’ do Padre
Dr. Floro mandou matar
com a pancada da morte
o boi fez se ajoelhar
caindo lágrimas dos olhos
gemendo que fez chorar.**

(BATISTA, 1990, p. 10 – grifo nosso).

As narrativas seguem em acordo, mais uma vez, com Henrique Ferreira da Silva, o remanescente do Caldeirão, que relembra o boi presenteado por Delmiro Gouveia ao Padre Cícero, a entrega desse animal aos cuidados do beato, os tratos da comunidade com o boi e a denúncia de práticas heréticas com Mansinho feita a Floro Bartolomeu contra José Lourenço:

Aí denunciaram, denunciaram a dr. Floro que a urina do boi servia de arrelíquia e obrava milagre. Aí, dr. Floro botou nele e quadrou-se no mato... defendia o exército todo. E a força caçando e o povo todo no mato. Aí, meu padim Zé Lourenço disse: **“Ora, mas isto sim, se é de morrer um exército, morra um”**. Aí. Ele entrou pra dentro, **vestiu as vestes de vaqueiro: gibão, peneira, guarda-peito, chapéu quebrado aqui**, assim... Passaram as pernas nos cavalos. De Baixa Dantas praqui foi assim: zuus!!! Chegou. dr. Floro tava sentado. Meu padim falou pra ele: **“Pronto, dr. Floro, aqui estou”**. Ele era fanhoso, um rapaz solteiro: “Com quem estou falando, home?” **“O senhor está falando com o beato Zé Lourenço, de Baixa Danta, preto, baixo, desinlustre, incapaz de estar diante de vossa presença”**. Ele ‘rmitiu’ na cadeira e tal e coisa: “Apois você tâ é preso, home!” (HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 63 – grifo nosso).

Um adendo se faz pertinente nesse momento da análise e se refere à apresentação de José Lourenço. Batista o descreve de duas maneiras, primeiramente através do seu olhar

acerca da imagem física e moral do beato, conforme sugerido nas estrofes um, cinco e vinte e cinco do seu cordel²⁴, e depois pelo valor que ele também teria atribuído a José Lourenço, através da voz do beato, no momento em que se apresentou, com certa humildade, ao Dr. Floro Bartolomeu, conforme visto anteriormente.

Ele era forte e sadio
de alma bem carismática
coração bom e sombrio
de pulso de matemática
sabia muito a ciência
que não ensina a gramática.

[...]

José Lourenço era caboclo
moreno e bem afilado
mantinha sua gente reta
na disciplina de um soldado
trabalhava com retidão
como o faz pouco letrado.
(BATISTA, 1990, p. 2 - 6).

De modo que o poeta ilustra um homem moralmente forte e ativo ao ponto de curvar-se diante do “Doutor da voz fanhosa”, que pelo entender do beato estava acima dele, talvez pensasse que Floro era quem dava as ordens e a ele devia obediência. Fato esse que é descrito, conforme podemos observar, pelas lembranças do remanescente, o que nos faz sugerir que o poeta teve contato com a voz atribuída ao beato, seja através de outros textos ou de outras vozes propriamente.

Em síntese, temos um beato “negro”, “forte”, “afilado” descrito pelo poeta e um José Lourenço “preto”, “baixo”, “desinluxo” e “insignificante”, apresentado pelas palavras atribuídas ao próprio José Lourenço pelo poeta e pelo remanescente também. Apresenta-se uma situação onde ocorre convergência total entre os discursos, inclusive com menção dos mesmos termos em destaque.

Continuando com o caso do boi Mansinho, Batista ilustra seu fim com simbologias que parecem humanizar o boi que no ato da morte se ajoelha e chora. A imagem do boi é especial na narrativa e se complementa à postura atribuída a Lourenço, na ida ao encontro de Floro Bartolomeu. Nessa ocasião, o beato se veste de vaqueiro, retratando o arquétipo daquele que cuida do boi, transformando-se em guerreiro sem armas, José Lourenço, neste instante, parece incorporar a metáfora de São Jorge, com sua armadura de

²⁴A primeira estrofe está citada na epígrafe inicial deste capítulo e as demais nesta página.

couro, montado no cavalo que “admirava o sertão”, ele sai em defesa de seu povo ao encontro do “dragão²⁵”.

No imaginário do sertanejo, vaqueiro e boi são figuras praticamente indissociáveis, tendo sido esse último elemento fonte de sobrevivência do homem do sertão por muito tempo²⁶. (CASCUDO, 1984). “Vaqueiros destemidos iam buscar êsses barbatões, com alardes de afoiteza e destemor”. (CASCUDO, 1954, p. 105).

Batista verseja o beato na condição de homem forte, embora resignado, dispensando qualquer ato de violência, mesmo que em sua defesa. E assinala, como fez José Bernardo, os momentos que ficou na prisão, sem dormir ou se alimentar, recusando a compartilhar da carne do boi:

Jose Lourenço que estava
lá dentro da prisão
não tirou os seus arreios
só usou o seu gibão
para forrar o joelho
da terra áspera do chão.

**Repartiu o boi pro povo
que estava ali presente
e na hora de almoçar
Dr. Floro assim contente
disse; come do boi...
o santo de tua gente!**

**Jose Lourenço calado
do boi ele não quis**
no outro dia seguinte
os soldados, assim diz
eram quem comiam da carne
daquele boi infeliz...

[...]

²⁵O dragão é aludido por José Bernardo no seu cordel através das palavras do Padre Cícero a José Lourenço à época do primeiro encontro que tiveram: - Filho, **meu irmão de luta/Trabalha com contrição/Para ajudar-nos a vencer/O furioso dragão**. (SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 315– grifo nosso). A imagem que simboliza a luta contra o dragão é recorrente nas capas dos folhetos sobre José Lourenço e o Caldeirão, pelo menos dois folhetos de nosso *corpus* a utiliza, além de figurar entre os capítulos do livro *O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto: apontamentos para a história*, de Holanda e Cariry (2007). A xilogravura dessas capas é de autoria de José Normando Rodrigues, xilógrafo e poeta também presente em nosso *corpus* com o cordel de 1981, *O beato Zé Lourenço e o boi Mansinho ou: a chacina do Caldeirão*, em análise no capítulo três deste trabalho. O outro folheto que usa essa xilogravura é *O terrível massacre do Caldeirão do beato José Lourenço*, de Geraldo Amâncio, publicado em 2001, vinte anos depois de Normando Rodrigues.

²⁶Sobre o caso do boi Mansinho, Câmara Cascudo dá destaque ao “Boi Santo” em verbete de seu *Dicionário do folclore brasileiro*, contando sua versão da história do boi, a transformação em boi Ápis, o culto a ele dispensado por anos e o comportamento do beato. “Excremento e urina eram remédios decisivos contra várias moléstias, e comprados em pequeninas doses, em preços altos, ao beato José Lourenço, o sacerdote do BOI SANTO.” (CASCUDO, 1954, p. 105). Cascudo faz uma análise oposta a dos poetas em alusão acerca do caso o boi. Sua postura se aproxima daquela que foi retratada por Apolônio Alves dos Santos na *História do boi santo e o beato Zé Lourenço*, s.d., a qual nos deparamos em estudo de Braga (2011).

Com dez dias sem comer
 Dr. Floro perguntava
 pros soldados que diziam
 que nem dormir se notava
 com o beato sempre de pé
 como uma estátua estava.
 (BATISTA, 1990, p. 10 - 11).

O comportamento de José Lourenço parecia admirar aos soldados, mas causava ainda mais inquietação em Floro Bartolomeu.

**Com 17 dias passados
 Dr. Floro se indignou
 foi a casa do Pe. Cícero
 e em voz alta falou
 que homem é esse ó Padre
 que há tanto tempo almoçou?!**

**Padre Cícero respondeu
 com calma, doce e candura
 pensei que você conhecia
 aquela minha criatura
 mas se você não conhece
 não é lá cousa segura.**
 (BATISTA, 1990, p. 11 - 12).

O poeta popular, Abraão Batista, após mostrar o espanto de Floro e as palavras do Padre Cícero, finaliza esse episódio da trajetória do beato, ilustrando a devolução da liberdade a José Lourenço:

Dr. Floro com a volta
 deu a ordem de soltura
 e o beato José Lourenço
 abraçou com formosura
 dizendo: vá pra casa
 tratar bem dessa figura.
 (BATISTA, 1990, p. 12).

De modo que com esse desfecho, o poeta encerra o que aqui consideramos como sendo a primeira parte da sua narrativa, ilustrada desde a chegada de José Lourenço a Juazeiro, contemplando entre a biografia do beato, a ida para Baixa Dantas, culminando com os últimos fatos referentes ao episódio do boi Mansinho.

As demais estrofes que compõem o cordel foram divididas em mais duas partes, conforme o assunto abordado, tendo cada uma delas, um ápice, o que possibilita uma melhor organização nas análises.

3.3.1 A intertextualidade das vozes e o apelo social

Dando prosseguimento aos versos de Batista, vê-se que o poeta faz uma espécie de pausa em sua narrativa e passa a tecer considerações sobre o contexto social da época em que viveu José Lourenço, evidenciando em oito estrofes seguidas as benfeitorias que, em seu ponto de vista, o beato teria promovido para a gente que o seguia e para o povo dos arredores da comunidade. Ele traz o *contexto* para dentro do *texto*, agora, problematizando a “miséria do sertão”:

**Agora eu faço pausa
numa consideração
da utilidade do beato
na miséria do sertão
só sabe quem conhece
e que sofre precisão**

**Naquela época sem escola
sem assistência social**
o caboclo só vivia
porque tinha o ideal
de lutar contra o pecado
causador daquele mal.

**A mentalidade era outra
sem juventude avançada
quando a seca aparecia**
não queria saber de nada
**o povo morria as tontas
de fome, peste e cansada.**
(BATISTA, 1990, p. 12 - 13).

O problema da miséria era tratado no Caldeirão, segundo a memória remanescente, através do trabalho com a terra e com a divisão igualitária dos seus frutos, já com relação à educação das crianças e dos adultos, a solução apareceu naturalmente e foi aproveitada conscientemente pelo “beato líder²⁷”:

Em 1935, houve uma comoção política no Rio Grande do Norte, e muita gente, muitas famílias se retiraram para o Caldeirão. No meio destas famílias, vieram diversas professoras, moças de família, educadas...e fixaram residência lá no Caldeirão, onde abriam escolas. Durante o dia, a escola para os menores, para as crianças; e, durante a noite, para os adultos. (HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 77).

²⁷Alusão a *Um beato líder: narrativas memoráveis do Caldeirão*, de Domingos Sávio Cordeiro, (2004). Cordeiro é professor da Universidade Regional do Cariri e nos cedeu parte dos cordéis deste *corpus*.

Abraão Batista faz uma leitura voltada para o viés social e político da época, deixando claro que sua opinião sobre a presença do beato era positiva naquela situação, confluindo com a memória de Mário Limaverde, citada acima.

**Não havia o “seu doutor”
que viesse tomar de conta**
teria que usar
material dessa monta
como chefe dessa gente
que no meu verso desponta.

**O beato José Lourenço
era um chefe ideal
falava a língua do povo
entendia o bem e o mal**
era como é agora
um monitor do MOBREAL

Agora, **quando se estuda
essa história sem atenção**
chama-se o beato de fanático
perverso, ruim, ladrão
**mas o beato foi bom
caridoso, justo e cristão.**
(BATISTA, 1990, p. 13 – grifo nosso).

O poeta, conforme se depreende de seus versos, é um partidário de José Lourenço. Ele lança a crítica da falta de assistência ao povo do sertão e alude que se morria de fome na época da seca. Evidencia o cume do problema e, além disto, fala do desamparo da juventude, da falta de escolas, da ausência do “seu doutor”.

De modo que quando afirma sobre essa carência que “só sabe quem conhece”, ressaltando que o beato foi “caridoso, justo e cristão”, e que quem o considera “fanático, perverso, ruim, ladrão”, estudou a “história sem atenção”, quer dizer que quem o conheceu sabe do valor das benfeitorias que ele promoveu, as quais, para muitas pessoas eram alternativa à miséria, no entanto, para outras eram única opção.

Nesse caso, o poeta tenta legitimar sua opinião apontando as circunstâncias que ele demonstra conhecer e converge uma vez mais com o que conta os remanescentes em Holanda e Cariry (2007).

Com efeito, Batista compartilha da opinião de José Bernardo quando este descreve as qualidades de José Lourenço:

O leitor não ignora
 A compaixão e carinho
 De um varão predileto
 Que só guia ao bom caminho
 O pessoal lhe venera
 E toma por seu padrinho.
 (SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 319 – grifo nosso).

Inicialmente, evidenciamos a possibilidade de Abraão Batista ter se inserido no contexto de José Bernardo da Silva, de forma que outra hipótese a essa se soma, a de que o poeta também tenha entrado em contato com o texto de José Bernardo, de modo que a representação que este fez da vida do beato José Lourenço e do Caldeirão tenha sido para o texto de Batista, o que Barthes, de acordo com Compagnon (1999), classificou como “efeito de real”:

A questão da representação volta-se então para a do verossímil como convenção ou código partilhado pelo autor e pelo leitor. [...] A referência não tem realidade: o que se chama de real não é senão um código. (COMPAGNON, 1999, p. 110).

É provável ainda que encontremos nos textos dos poetas a noção de *intertextualidade*, conforme balizada por supracitado autor:

[...] na rede que liga os elementos da literatura, por exemplo, a partir da leitura [...], os outros textos tomam explicitamente o lugar da realidade, e é a intertextualidade que substitui à referência. (COMPAGNON, 1999, p. 110 - 111).

O autor de *O demônio da teoria* desvela que nas relações entre literatura e realidade, “o realismo é, pois a ilusão produzida pela intertextualidade” (COMPAGNON, 1999, p. 110). Dessa forma, compreendemos que há entre os folhetos de cordel em comparação, o *dialogismo* atribuído por Mikhaïl Bakhtin, mencionado por Compagnon (1999), ou ainda “o diálogo entre os textos”, que o autor observa e explica segundo expressão de Julia Kristeva como sendo “o conjunto social considerado como um conjunto textual” (COMPAGNON, 1999, p. 111), o que resolve a ideia que buscamos de intertextualidade.

Logo, as narrativas aqui dialogam entre si, sendo a representação de 1935, do poeta José Bernardo, uma “experiência no tempo” para a outra dos anos 1970, de Abraão Batista.

Desse modo, “o papel do poeta é dizer não que ocorreu realmente, mas o que poderia ter ocorrido na ordem do verossímil ou do necessário” (ARISTÓTELES apud COMPAGNON, 1999, p. 105).

Refletindo sobre a ordem dos referidos conceitos que apoiam as análises dos cordéis em questão, chegamos à segunda parte da apreciação da narrativa de *A história do beato José Lourenço e o boi Mansinho*, que se refere à venda do sítio Baixa Dantas, à mudança para o Caldeirão no período depois que o beato saiu da prisão, ao trabalho desenvolvido na nova morada, culminando com a expulsão dos moradores e o massacre posterior na chapada do Araripe.

Depois do adendo crítico e social que o poeta fez, ele retoma sua história de maneira linear, ou seja, obedecendo a sequência dos acontecimentos, a partir da libertação do beato, quando envolvido no caso do boi Mansinho:

Agora vamos falar
quando saiu da prisão
o beato Zé Lourenço
foi pedir a benção
ao disciplinador querido
padre Cícero Romão.

Padre Cícero disse pra ele:
meu irmão, preste atenção
você vai morar agora
no meu sítio Caldeirão
pois a terra lá é minha
dez anos fique lá são.

Depois seguiu pra casa
e de lá fez uma festa
dando mil graças a deus
fazendo uma cruz na testa
de todos que apareciam
dizendo: a verdade é esta.
(BATISTA, 1990, p, 14 – grifo nosso).

Sobre a saída da prisão, o encontro que Lourenço teve com o Padre Cícero, a festa que o beato fez na sua volta à comunidade e a primeira menção do Caldeirão, os dois poetas mantêm a mesma ilustração.

As análises comparativas entre os dois folhetos até aqui confrontados continuam até certo ponto desse segundo momento da narrativa, pois a representação do Caldeirão e do beato José Lourenço feita por José Bernardo da Silva, só vai até pouco tempo depois da morte do Padre Cícero, em 1934, não chega à expulsão dos trabalhadores que lá moravam, tampouco à guerra, visto ser o cordel do ano de 1935²⁸.

²⁸Esse aspecto da guerra será contemplado comparativamente com o cordel *Caldeirão*, do padre Geraldo, em capítulo subsequente a este.

Todavia, um ponto importante a ser observado é que Batista fala que o Padre Cícero disse para José Lourenço ficar no Caldeirão por exatos dez anos. Já José Bernardo quando trata da venda do sítio Baixa Dantas, diz que o Padre Cícero assim teria falado:

- Meu filho José Lourenço,
Não aflija o coração
Eu quero que você vá
Para o sítio Caldeirão
[...]

Ele recebendo a carta
Veio ouvir o soberano
Que lhe disse: - O Caldeirão
É meu e seu neste plano
**Pelo restante da vida,
Vá lá trabalhar os anos.**

(SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 321 – grifo nosso).

A diferença entre os dois está situada na ordem temporal, Batista sabia o tempo exato que José Lourenço ficaria no Caldeirão, pois tinha às suas mãos a história em sua integralidade, enquanto no momento que Bernardo fez sua composição, em 1935, o ideal do Caldeirão ainda era uma esperança para o poeta, não tinha dia, mês e ano marcados para acabar.

O que se pode deduzir ainda é que José Bernardo, àquela época, tinha receio que algo ruim acontecesse com o povo de José Lourenço, conforme ele exterioriza nos últimos versos da sua representação:

Agora peça a Deus Padre
A São Joaquim e Santo Alberto
A Virgem Santa das Dores
Por nosso auxílio certo
Dê a paz a quem visita
A Santa Cruz do Deserto.

(SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 321 – grifo nosso).

É nítida a simpatia de José Bernardo com o Caldeirão, sua narrativa demonstra verso a verso, as mudanças naquele terreno árido, abandonado, que pouco a pouco se transformou em um lugar “muito belo de se ver” (SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 320).

Igualmente Abraão Batista ilustra a ida para o Caldeirão:

Com sete pais de família
foi para a nova morada
onde só tinha mato
de água, não tinha nada
lá encontrou um velhinho
fazendo sua estada.

Sem ter água muito perto
 começou a construir
 nos grotões umas barragens
 e quando a chuva fez cair
 juntou água em bonança
 sem nunca mais pedir.

E logo quando chegou
 debaixo dum juazeiro
 limpou com todo carinho
 de um pequeno romeiro
 e depositou o presente
 que era um grande cruzeiro.

Neste terreno o beato
 dez anos, ele morou
 plantando e juntando gente
 que a cidade assombrou
 daí surgiram ao fuchicos
 que a polícia infesou.

Passou-se tempo, passou-se
 o Padre Cícero morreu
 deixando o seu romeiro
 como indefeso réu
 e depois da sua morte
 veja o que aconteceu!
 (BATISTA, 1990, p, 15).

Abraão Batista direciona sua narrativa a partir da estrofe setenta e cinco do seu cordel para a explicação dos motivos que levaram ao drama dos trabalhadores do Caldeirão, em 1936. O poeta descreve detalhadamente o momento em que começaram, segundo seu ponto de vista, os boatos que geraram a intolerância contra o beato José Lourenço e o seu povo, os planos da polícia para desarticular a comunidade, a participação da Igreja Católica e da sociedade, no que o poeta definiu como “cena injusta”, a qual colocamos em comparação como texto de Holanda e Cariry (2007):

A fama do Caldeirão e do beato Lourenço corre célebre por todo o Nordeste. **O clero e os grandes proprietários de terra viam com preocupação o avanço econômico e social do Caldeirão.** O tenente José Góes de Campos Barros, então delegado da ordem política e Social, afirmava: “O caso se torna mais grave quando os romeiros de Juazeiro se estavam canalizando para o caldeirão, onde as relações de produção e consumo tendiam francamente para o comunismo”. A Igreja reclama a posse das terras do Caldeirão, deixadas em testamento pelo padre Cícero aos padres salesianos. Ao mesmo tempo, acusam o beato de heresia, comunismo e promiscuidade. Caravanas da Liga Católica varrem os sertões pregando contra o comunismo ateu. (HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 82 - 83 – grifo nosso).

A situação contra o Caldeirão foi articulada de modo que esses setores sociais aludidos gozavam de legitimidade para destruir a comunidade.

**Surgiu um certo boato
que o beato fazia
milagres e penitência**
com muita sabedoria
e a policia na cidade
essa coisa não queria.

**O delegado mandou
fazer uma fogueira
com todas as cruzes que tinha**
e a imensa cabroeira
dos beatos seguidores
acusando-os de ladroeira.

[...]

**Comentavam-se também
que lá, milagres faziam**
e as gentes gracejando
zombando deles sorriam
com os milagres das criança
que aos magotes cresciam!

**Ai, meu caro leitor
veja bem que hipocrisia
“crescei e multiplicai”
obedeceu até Maria**
se dois se querem está certo
é a ordem do dia-a-dia.
(BATISTA, 1990, p, 16 – grifo nosso).

Durante essa sequência de versos, Batista explicita sua indignação perante a lembrança dos maus tratos que aquela gente sofreu, além de evidenciar com suas palavras a vida sofrida dos que nasciam e se multiplicavam através do signo da pobreza, do descaso, da submissão e da falta, principalmente, de direitos.

No ponto seguinte da narrativa, no primeiro verso da octogésima estrofe do cordel, o destaque é dado ao padre Agra, da ordem salesiana, citado como algoz do beato, o qual citamos na íntegra:

O padre Agra também
da ordem salesiana
dizendo não aceitar
fanáticos, gente profana,
foi e expulsou o beato
e nisso ele se engana.

Se engana porque Lourenço
não fazia nada demais
tinha lá suas orações
com medo de satanaz
quem ensinou isso a ele
ficou muito para traz...

A fogueira que fizeram
com as imagens do Senhor
causou grande espanto
e para outros, horror
pois os cristos de metal
saltavam com o calor!

Com aquela cena injusta
para muitos foi alegria
zombando dos miseráveis
muita gente sorria
não se lembrando – o beato
tinha também sua serventia

Dava trabalho e comida
aquela gente sem tino
livrando-a de mil desgraças
de roubalheira e assassino
mas, como paga, teve
e repicar desse sino.

As terras que ele morava
ao Pe. Cícero pertenciam;
os salesianos herdeiros
eles lá não queriam
e com ajuda da polícia
expulsá-los decidiam.
(BATISTA, 1990, p. 17 - 18).

A violência desmedida praticada contra aqueles trabalhadores e suas famílias foi retomada pela memória do algoz como algo que ele considera distorcido, mas necessário à época, conforme declaração do General José Góes de Campos Barros para o filme de Rosemberg Cariry, depois organizado em livro:

Essa decisão que ele²⁹ tomou foi muito em consequência da opinião pública, bem preparada pelas informações que vinham das pessoas do Crato, as pessoas responsáveis do Crato e Juazeiro. Em consequência disso, **eu acreditava que a imagem que se fez do Caldeirão foi muito adulterada, sofreu muitas distorções.** Felizmente eles tinham naquela época um ponto de vista pacífico. Não havia intenção bélica da parte deles. Senão não sei como teria sido. Porque, na verdade, havia muita gente, e **todos nos receberam cavalheirescamente**, inclusive muito bem, nenhuma desobediência. (HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 87 - 88 – grifo nosso).

Na época do ocorrido, Góes era instrutor de polícia e delegado da Ordem Política e Social, participou da diligência contra o Caldeirão e cinquenta anos após aquele “crime múltiplo” (HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 89) procurou justificar a invasão e expulsão dos moradores do Caldeirão, através da preocupação da sociedade com os ideais comunistas que acreditavam que existiam sob liderança do beato:

²⁹O “ele” que o General Góes se refere é o General Cordeiro Neto.

Toda a sociedade de Fortaleza estaria naturalmente preocupada, - quer dizer, sociedade eu me refiro aos segmentos responsáveis pela política de então -, se sentia responsável e tinha medo que viesse o Caldeirão a se tornar num novo foco de agitação, de subversão. Naquela época, tanto o Governo do Presidente Getúlio Vargas, como a imprensa de um modo geral, a Igreja de um modo total, todo mundo combatia o comunismo ateu com muito radicalismo. **A gente interpretava aquilo lá como um fato que podia ser também explorado por agentes comunistas. Você sabe que a perspectiva do tempo é vai trazendo a verdade.** (HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 97 - 98 – grifo nosso).

Abraão Batista narra esse fato histórico, datando precisamente os acontecimentos no seu cordel e aludindo às “carreiras”, associadas aos percalços do beato, discorre sobre a invasão do Caldeirão pela polícia, que seria a segunda carreira, prevista por Padre Cícero no momento da primeira entrevista que tiveram.

Isso foi em trinta e seis
dois anos depois da morte
do Padre Cícero Romão
que expulsaram os sem sorte
das terras do Caldeirão
para morar mais no Norte.

Quando lá apareceu
todo armado, um batalhão
uma moça do Piauí
morreu logo de sugestão
e o beato e o seu povo
saiu sem dizer não.

Note aí, caro leitor
o que se antecedeu
“a primeira carreira”
que o leitor atrás, leu
prevista por Padre Cícero
que lá me ouve no céu.

E essa foi a segunda
que o beato conseguiu
do Caldeirão para a serra
cena triste não se viu
mais do que a retirada
daquele que bem serviu.
(BATISTA, 1990, p. 18).

O que faz o diferencial na representação de Abraão Batista é o adendo na história silenciada. Ele foi o poeta que retomou através da literatura esse momento de guerra, de dor e transformou esse fragmento de realidade ou ideal de realidade em narrativa, desenvolvendo-a numa época, por um lado, não tão distante no tempo, visto que se passaram apenas cerca de trinta anos, mas por outro, longínqua no que concerne à vida propriamente, ao modo de viver,

de receber as coisas, pois os ideais e os referenciais mudaram em três décadas, como a sociedade também se transformou.

Contudo, o Caldeirão não ficou parado no tempo, mas sua história não foi acompanhada naturalmente. Colocou-se, primeiramente, uma pedra sobre ela, e quando foi retomada, neste caso, pela poética popular, por um poeta nascido um ano antes do objeto de sua narrativa, cuja escrita se processa em outro momento, essa história é a história do Caldeirão como foi adquirida e concebida pelo seu autor e dialoga em muitos aspectos com Holanda e Cariry (2007), conforme verifica-se abaixo:

No dia 9 de setembro de 36, parte de Fortaleza uma expedição da polícia militar composta por uma companhia de fuzileiros e uma seção de metralhadora, sob o comando do chefe de polícia capitão Cordeiro Neto e da Ordem Política e Social, tenente Góes de Campos Barros. No amanhecer do dia 10, o Caldeirão é invadido. Avisado do perigo com antecedência, o beato José Lourenço refugia-se na serra do Araripe. Os habitantes do Caldeirão são aprisionados. [...] Capitão Cordeiro Neto ordena aos camponeses que partam levando seus pertences. Eles se recusavam a obedecer, explicam que ali tudo pertence a todos, pertence à Irmandade da Santa Cruz do Deserto. (HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 86).

E o General Cordeiro Neto fala acerca da “resistência” dos moradores:

Todos preferiam ficar, e, como eu receasse que a permanência deles viesse a continuar no mesmo clima de insegurança e de incerteza para as providências futuras, estes casebres realmente nós mandamos incendiar. (HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 86 - 87).

Por seu lado, Batista recria a chegada das Forças policiais e o faz através de uma ótica contrária aquela situação.

A polícia embalada
que era um batalhão
tocou fogo nos casebres
e nas roças de algodão
saqueou os possuídos
e chamou-o de ladrão.

Os soldados assim diziam
que estavam preparados
pra brigarem 5 dias
e ficarem revoltados
por não encontrar resistência
dos “beatos desgraçados”.

Pois bem, eles saiam
com quase seus possuídos
rumo a serra do Araripe
pelos soldados perseguidos
no pé da serra houve encontro
prendendo entes queridos.

O beato Lourenço, então
 correu mais para frente
 se alojando na chapada
 da serra, com aquela gente
 acontecendo a segunda
 carreira que está na mente.
 (BATISTA, 1990, p. 19).

Esse momento da narrativa de Batista é importante, pois o consagra pelo registro, uma vez que é o primeiro folheto que dispomos dedicado a esse recorte da história do Caldeirão datado após 1937, provavelmente o ano que José Santana³⁰ fez seu folheto, relatando também a guerra contra os moradores do Caldeirão, todavia em momento posterior, visto que o cordel *A tragédia do bandido Zé Lourenço com o Capitão José Bezerra / A chegada das forças em Socorro* versa sobre o massacre já na chapada do Araripe em 1937³¹.

Daí a importância do cordel *A história do beato José Lourenço e o boi Mansinho*, por contar a história calada, rompendo com o paradigma do silêncio instituído em torno do assunto, que foi melhor compreendido pelo nosso *corpus* após confronto, principalmente, com o cordel de Santana, no qual as vítimas ali apontadas pelo poeta são vistas como algozes na representação de Batista. Através dessas narrativas é perceptível o embate das memórias retomadas pelos poetas.

Deve-se acrescentar ainda que a linha temporal que rege as representações do cordel referentes ao Caldeirão é muito tênue, cujo alcance só pôde ser vislumbrado depois de idas e vindas ao *corpus*, contudo sua absorção total, talvez não seja alcançada, nem temos tal pretensão, procuramos entender a simbologia da representação de cada cordel dentro do seu espaço temporal, o que foi uma missão que a própria representação nos impôs e através desse caminho tentamos compreender a raiz da coisa.

De modo que os primeiros cordéis sobre o Caldeirão³², aqui analisados, foram os únicos, também, por cerca de trinta anos, talvez um pouco mais ou menos. Essa afirmação pode, inclusive, ser passível de contradição, uma vez que analisamos os dados referentes ao nosso *corpus*³³.

Seguindo esse raciocínio, a versão de Santana, que conta um aspecto da história do Caldeirão, foi também a última, por algum tempo, o que é interessante, pois quem recorresse ao cordel para saber sobre o caso, teria a ideia desse poeta como referência e foi

³⁰ A representação de José Santana juntamente com a de José Bernardo da Silva foi motivo de cotejo no capítulo referente às representações de 1930.

³¹ Como também o fez a representação do padre Geraldo, no seu cordel *Caldeirão*, de 1979.

³² Referem-se aos cordéis de José Bernardo da Silva e José Santana, dos anos 1930.

³³ Cujas constituições, já informada, foi feita também através de outras pesquisas e trabalhos, não aleatoriamente, o que não implica à inexistência de outros folhetos, mas sua ausência nessas catalogações.

assim até a década de setenta, quando Batista dá desenvolvimento à narrativa sobre o Caldeirão, promovendo outras reflexões.

Outrossim, é em relação ao cordel *Caldeirão*, do Padre Geraldo, pois representa também esse momento atroz da guerra que será visto em análise posterior.

As quatro estrofes que seguem desde a última supramencionada do cordel de Batista versam sobre o confronto entre as forças policiais e os refugiados do Caldeirão.

Já na chapada do Araripe
o capitão Zé Bezerra
atacou com os soldados
aquela gente sem terra
 e esta vez houve morte
 como se fosse na guerra

De ambas partes morreram:
o capitão e um filho
morreram também uns beatos
 que eu canto no estribilho
 contando a minha história
 sem desviar do meu trilho.

José Américo correu
 depressa daquele local
 falando pela justiça
 para evitar maior mal
 tendo o beato Lourenço
 ido para outro local.

José Américo falou
“Na conta pela receita”
 morrendo de ambas partes
 está a luta desfeita
 mandou os soldados embora
 e beato a empreita.
 (BATISTA, 1990, p. 19 - 20 – grifo nosso).

Essa sequência é passível de comparação com a representação de José Santana, que apresentou o embate em dois momentos distintos, primeiro versejando o confronto onde houve a morte do Capitão José Bezerra, ao qual aludimos, e o segundo em que a força policial se formou na intenção de liquidar os refugiados do Caldeirão.

Onde estão os fanáticos
Ninguém pode viajar
 Sebastião respondeu
 Nos chegamos lá e já
 No lugar denominado
 Baixa do maracujá.

Dobremos um canto de cerca
 Nesta mesma ocasião
 Num lugar suficiente
 Que parou o caminhão
 Ahi saltamos em terra
 Com ordem do Capitão.

[...]

Dahi a poucos minutos
Ouvimos o fogo romper
 Ficamos no caminhão
Sem saber o que vinha a ser
 Estávamos cumprindo ordem
 E sem nada saber.

[...]

Poucos momentos avistamos
 Do mato para o caminho
 Vinha um homem sem chapéu
 Conhecemos vinha sozinho
Era o Sargento Jaime
Quase morto coitadinho.

[...]

Eu me pus a indagar
 Com a maior atenção
Pelos nossos companheiros
E também o Capitão.
Ele me respondeu
Não estão mais vivo, não.

[...]

Eram inumeráveis os fanáticos
 Que fizeram esta cilada
 Quatro homens de primeira
 Entraram na retaguarda
 O Capitão e Anacleto
 Foi quem tomaram a vanguarda.

[...]

Conduzindo trinta homes
 Para o caso justificar
 Vinha em um automóvel
 Dr. Mozar Alencar
 O Coronel José Fausto
 E o escrivão minicipal;

O tenente Assis Pereira
 Nesta mesma ocasião
 Trazendo em duas redes
 O corpo do capitão
 E do Sargento Anacleto
 Que estavam mortos no chão.

(SANTANA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 309 – 311 – grifo nosso).

O poeta José Santana, em seu cordel, atribui a morte do Capitão José Bezerra a uma “cilada” armada pelos “fanáticos”. Enquanto Abraão Batista canta em seus versos a morte da “gente sem terra” pelo capitão Zé Bezerra. Sutilezas a parte, onde em uma representação a vítima é o José, Capitão símbolo da luta contra o “fanatismo”, na outra é o capitão Zé, o algoz daquela situação.

Sobre o confronto na chapada do Araripe, Batista encerra suas observações. Diferentemente de Santana que fez desse momento o motivo da sua narrativa, que tem continuidade para registrar o que foi a organização para acabar com os “fanáticos” do Caldeirão e vingar as mortes dos policiais naquele confronto inicial.

Outras divergências se inserem entre esse trecho da narrativa de ambos os poetas, concernente a participação das autoridades. No cordel de Batista aparece “José Américo” “falando pela justiça” e após constatação de mortes dos dois lados encerra a luta. Já Santana diz que foram à chapada o “Dr. Mozar Alencar” e “O Coronel José Fausto” e o “Escrivão municipal” “para o caso justificar” e a partir de então planejar o segundo ataque.

Depreende-se das últimas observações que o rumo da narrativa de cada poeta é dado conforme aos interesses que defendem.

Na representação de Abraão Batista não é mencionada a questão dos boatos referentes aos iminentes ataques ao Crato que seriam liderados por José Lourenço, e culminariam com a ida dos policiais à chapada do Araripe, nem cita a participação de Sebastião Marinho como guia na ida do capitão José Bezerra ao encontro de Severino Tavares no esconderijo dos refugiados, conforme ilustrado nos versos de José Santana, tampouco Batista supervaloriza a morte desse capitão.

De posse das palavras de “José Américo”, aludidas na nonagésima sétima estrofe do cordel de Batista, anteriormente reproduzidas, o poeta termina a segunda parte da sua narrativa, cuja continuidade é dada pelos passos de José Lourenço na ida para Pernambuco, conforme a sequência abaixo:

A terceira carreira foi
a que agora eu vou falando
o beato José Lourenço
com o povo quase chorando
foram morar em Novo-Exu
com o seu corpo sangrando.

Chegando em Novo-Exu
no sítio União
fizeram a mesma morada
que havia no Caldeirão
trabalhando com força
pra não morrer sem ação.

Duma lagoa quase seca
 fizeram uma barragem
 que depois que veio a chuva
 transformou-se em açudagem
 com 20 tarefas de água
 sem haver noutra paragem.
 (BATISTA, 1990, p. 20 - 21).

3.4 José Lourenço: do caos à admiração

O poeta segue com sua história trazendo para o leitor o que foi a “terceira carreira” dada por José Lourenço, que havia sido prevista pelo Padre Cícero, de maneira que cada presságio do Patriarca orientou a condução da narrativa sobre a vida do beato, que nesta parte derradeira é ornamentada sem que a lente de Batista seja usada de maneira totalmente maniqueísta.

Destarte, a última parte narra o êxodo que José Lourenço fez com o seu povo para Pernambuco, o restabelecimento da Irmandade no sítio União, os percalços e acertos que lá viveram até a morte do beato em 1946. É também nesse momento que o poeta faz conjecturas sobre a participação de Lourenço no episódio da compra das armas alemãs, cita o encontro com o Frei Damião e finaliza com a volta do corpo do beato para Juazeiro, onde foi sepultado e homenageado por seus admiradores.

Na fuga do Juazeiro
 na bagagem ele levava
 uma centena de pombos;
 e um papagaio que falava
 tinha trinta e seis deles
 que ao povo espantava.

E soltou todos os pombos
 foi a primeira ação
 do beato José Lourenço
 no novo sítio União
 aqueles pombos conduziam
 do sítio Caldeirão.

Os pombos fizeram a volta
 passaram o dia voando
 mas quando à tardinha
 todos eles foi pousando
 em sinal de que da terra
 eles estavam gostando.
 (BATISTA, 1990, p. 21).

Abraão Batista discorre sobre as adversidades que José Lourenço sofreu pelo preconceito gerado possivelmente pela ocasião de sua expulsão do Caldeirão, conforme as estrofes abaixo:

O povo da redondeza
começou a se espantar
porque o beato Lourenço
sabia bem trabalhar
e deram parte da polícia
para a eles, ir maltratar.

[...]

A polícia chegando lá
nos novos apartamentos
exigiu todas as armas
sem nenhum fingimento
eles mostraram as enxadas
picaretas e instrumentos.

Mostraram também sizudos
no pescoço o rosário
abrindo todas as portas
do portão ao armário
dizendo a casa é vossa
do pequenino até o vigário.
(BATISTA, 1990, p. 21 - 22).

E mais adiante, ilustra que a perseguição contra o beato não cessou durante certo tempo:

Passados já, algum tempo
nova denuncia fizeram
dizendo para a policia
que armas lá receberam
vindas da Alemanha
em caixões que temeram.

Um capitão e quatro praças
riscaram como valentes
para tomarem as altas armas
de tão perigosas gentes
dando ordem de prisão
aos que estavam presentes.

José Lourenço disse calmo
estou pronto, seu capitão
estão prontos aqui 3 caixões
o martelo e o formão
por bondade mande abrir
para ver se tem razão.

Ainda bem que não abri
os 3 caixões que chegaram
há muita gente invejosa!

por mal feitor me tomaram
 abra os caixões por bondade
 e veja que se enganaram.
 (BATISTA, 1990, p. 22 - 23).

No momento seguinte a esse trecho da narrativa, o poeta passa a mostrar a superação do beato, o ar de convencimento sobre sua boa conduta diante os seus perseguidores:

O capitão bem depressa
 mandou um soldado abrir
 e dentro dos 3 caixões
 três imagens a luzir
 provocando gargalhadas
 que quase caem de rir.

As imagens que continha
 dentro de cada caixão:
 uma era de santo Inácio
 e Imaculada Conceição
 a outra de São José
 padroeiro do sertão...

Os soldados ficaram amigos
 a partir desse momento
 tomaram café o bolo
 carne e feijão, eu sustento
 voltaram para a cidade
 sem nenhum constrangimento.
 (BATISTA, 1990, p. 23).

Fim diferente dos demais caldeirenses que seguiram rumo contrário, para Pau de Colher, onde não provaram de sorte igual, pois como a história contou, aquelas centenas de dissidentes do Caldeirão se transformaram em mais de 400 mortos.

As autoridades baianas não permitem que se consolidem suas posições. Dois batalhões do exército e uma companhia da Polícia Militar são enviados para expulsar os últimos “fanáticos”. Tropas da polícia pernambucana seguem como reforço. O desfecho era previsto. Em janeiro de 1938, Severino e os seus eram atacados por todos os lados, resistiam, lutavam de armas nas mãos, convidados a render-se, preferiam sucumbir no combate desigual. [...] Termina ali outro episódio da guerra civil do Nordeste, que tivera sua grande eclosão, nos mesmos sertões adustos da Bahia, em 1896. Estava-se em 1938. (FACÓ, 1980, p. 205 - 206).

A situação aludida por Facó (1980) culmina com o estado de coisas estabelecido desde Canudos e com a transformação política no cenário nacional, a partir de 1937, “através do golpe branco de 10 de novembro”, em que a burguesia brasileira se consolida junto ao Estado e onde “o núcleo de cooperados para a lavra da terra” não teria lugar. (FACÓ, 1980, p. 208).

Excetuando o caso do sítio União, que apesar das perseguições, o beato José Lourenço conseguiu fazer aliados e provar que tinha alguma importância, talvez porque lhe serviu a experiência dos conflitos anteriores e os ensinamentos que teve do Padre Cícero Romão Batista, para “não querer confusão” e agir com sabedoria, como representou Abraão Batista no seu cordel.

É interessante notar, ainda, a hipótese levantada pelo poeta de José Lourenço ter realmente o porte das tais armas provenientes da Alemanha, insinuando que o beato usava da referida sabedoria para não mais cair em provação com seu povo.

Se armas o beato tinha
disso, eu não duvido
mas, se não as encontraram
porque era sabido
o beato não era trouxa
as armas tinha escondido.
(BATISTA, 1990, p.24).

O poeta sustenta a teoria do porte de armas em sete estrofes corridas, argumentando com o leitor e se utilizando de fatos de sua própria vida, como maneira, talvez, de comprovar sua suspeita.

**Me perdoe ó Jesus Cristo
se é verdade ou é mentira
eu ouvi de ambos lados
já o meu verso não fira**
se o caboclo não tinha armas
pois me tire dessa mira...

**Mas dizer que a Alemanha
fornecia o armamento
para os beatos do sertão
na guerra eu digo e sustento
e da guerra de quatorze
eu lhe mostro o documento.**

Na rua de São José
numa velha construção
ex-casa de Antônio Flor
**encontraram num porão
mais e duas mil balas**
de fuzil, ó meu irmão!

**E esse achado foi
dia desses, pode crer
eu mesmo peguei nas balas**
o que pode acontecer
mas, dizem que Antônio Flor
guardava-as para vender.
(BATISTA, 1990, p. 24 – grifo nosso).

Há no presente trecho, uma mistura de fatos, onde o poeta recua no tempo chegando à guerra de 1914, conhecida como a “Sedição de Juazeiro”, em que a sociedade foi conclamada a defender a cidade e teve participação maciça dos romeiros do Padre Cícero Romão Batista. (DELLA CAVA, 1976).

**Mas tudo isso passou
são voltas que dá a história**
voltemos a União
com novo tempo de glória
com muito arroz e feijão
e gado sem palmatória.
(BATISTA, 1990, p. 25 – grifo nosso).

Na reta final de sua narrativa, o poeta Abraão pinta com brandas cores os últimos anos da vida do homem José Lourenço, ornando seus versos com “prazer”, “paz”, “amor”, “boa intenção”, onde canta os acontecimentos no sítio União, que mesmo passando por outras ameaças, se fortalece pelo apoio da boa referência que o beato então passa a gozar naquele novo tempo.

Esse novo tempo é trazido para o leitor em versos que transmitem uma atmosfera pacífica, como simboliza o elemento “pássaro”, entoado pelo poeta em momentos significativos, como foi o da chegada ao sítio União:

Da lagoa, os passarinhos
viviam à bem prazer
tinha uma encarregada
para o xerém ir fazer
e soltar pra passarada
que só vendo pra crer.

A passarada era tanta
que fazia nevoeiro
isso lembrava o beato
o querido Juazeiro
do qual foram expulso
por ser um justo romeiro.
(BATISTA, 1990, p. 25).

A caridade é apontada como ação entre os moradores do sítio União e os membros da sociedade, desde os desvalidos aos abonados:

Quando aparecia um pobre
e lhe pedia esmola
dava arroz, dava farinha
enchia a sua sacola
dava roupa aos rasgados
dentro da velha bitola.

Os romeiros de outras terras
também para ele mandavam
gado, roupa e comida
e para ele rezavam
pedindo paz e amor
o que nunca encontravam!
(BATISTA, 1990, p. 25 - 26).

Inclusive, quando mais a frente Batista escreve sobre o encontro que José Lourenço teve com Frei Damião, uma fala que se destaca é a do vigário da paróquia da região:

O vigário da paróquia
devido a multidão
não pode se aproximar
daquele Frei Damião
falou por cima dos outros
que tinham admiração.

Esse aí, missionário
não tem pena de dar
esmolas pra minha igreja
o que me faz admirar
esse homem tem bondade
que ninguém pode acabar.

As esmolas que ele
dá para nossa igreja
está acima de todas
que são peleja
quem é contra esse beato
sofre dele muita inveja!
(BATISTA, 1990, p. 29).

O tipo de relação que José Lourenço mantinha com a Igreja Católica implicava, talvez, a tranquilidade para o beato e o seu povo e era exemplo do que já fazia Padre Cícero com a hierarquia eclesial, no entanto além de sossego, o taumaturgo ambicionava refazer, àquela época, seus votos com a Instituição. (DELLA CAVA, 1976).

De modo que José Lourenço desde a época do Caldeirão buscava agradar aos religiosos da região, conforme Holanda e Cariry (2007) informam através dos depoimentos dos remanescentes. Aqui a memória é avivada por Maria de Maio, quando conta sobre a volta do beato ao Caldeirão em 1938, após os confrontos na chapada do Araripe e de confirmada a inocência de Lourenço naqueles conflitos:

Depois meu Padrinho veio, começou de novo a trabalhar. Fez plantio novamente de cana, fez moagem; mandava cargas de arroz pros padres, os padres salesianos. O padre Dovina e o padre Antônio Agra. Ele veio aqui, achou que tava tudo muito

bem, todo satisfeito. Mas os padres quiseram tomar tudo de novo, queria que a gente sáísse daqui do mesmo jeito da primeira vez. (HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 98).

O conjunto de fatores que o Caldeirão englobava desagradava para além da Igreja Católica e com seu aval foi o que a história contou.

Contudo, José Lourenço depois de sua ida para Pernambuco encontrou alguns entraves, conforme o poeta narrou, mas foi lá que encontrou a paz para trabalhar com o seu povo, usufruindo de prestígio entre as autoridades do local.

O Capitão Manuel Neto
polícia da Bahia
gozava de carta branca
e pelo beato lambia
preparou os seus soldados
para prendê-lo certo dia.

[...]

Chegando em Novo-Exú
limite de União
falou com Dr. Arnaldo
seu Aristides, e não
encontrou o seu desejo
que era má informação.

Pensava que o beato
era triste bandoleiro
expulso do Caldeirão
do santo Juazeiro!
mas, teve a referência
de honesto e hospitaleiro.
(BATISTA, 1990, p. 27 – grifo nosso).

O poeta mostra como se deu a mudança de paradigma em relação a José Lourenço diante da sociedade e o que ele representava para o povo que o seguia. Portanto, de “fanático”, “ruim” e “ladrão”, ele passa a “honesto” e “hospitaleiro”, ao ponto do delegado da cidade em que residia sua comunidade ser seu defensor por considerá-lo ordeiro:

O delegado de Novo-Exú
disse pro capitão:
nós aqui somos a justiça
mas a cadeia, meu irmão
vive sempre cheia
de gente ruim e ladrão

Com Zé Lourenço, meu chapa
sempre aconteceu o contrário
o seu povo não se encontra
arruaça de perdulário
a sua ordem tem mais força
que os dias do calendário

Nem ao Sítio União
 o capitão quis mais ir
 almoçou com os soldados
 que se puseram a rir
 voltando para a Bahia
 para os outros perseguir.
 (BATISTA, 1990, p.28 - grifo nosso).

O caminho árido que Lourenço percorreu não se transformou em terra macia. Os frutos do trabalho que desenvolveu ao lado daquelas pessoas que o recorriam é que passaram a ser apreciados, mesmo que por trás disso houvessem interesses. Contudo o estigma do “bandoleiro” permanecia, mas agora com aliados em sua defesa.

Abraão Batista promoveu o encontro, o qual falamos anteriormente, entre José Lourenço e Frei Damião, que como sugere Kunz (2011, p. 14), é “o missionário capuchinho considerado outro Padre Cícero”.

Outro tempo também
 quando houve missão
 de um frade conhecido
 pelo nome: Frei Damião
 o beato José Lourenço
 fez a sua confissão.

O frade, Frei Damião
 de duas cadeiras puxou
 com panos bem limpinhos
 os dois acentos forrou
 sentou-se numa cadeira
 e o beato, noutra sentou.

Com calma, Frei Damião
 começou a indagar
 do José Lourenço
 que lhe pode explicar
 quando uma multidão
 começou a se juntar.
 (BATISTA, 1990, p. 28).

Por isso, esse momento descrito pelo poeta transmite um significado especial para a narrativa, pois aí ocorre o ato de confissão do beato, que pode ser entendido como a redenção de José Lourenço perante a Deus e ao mundo.

O poeta coloca José Lourenço nos braços do povo e em pé de igualdade com Frei Damião, transmitindo pelos seus versos a comoção que o momento poderia ter causado.

Na mão daquele frade
 o beato se segurava
 e a mão desse beato
 Frei Damião a levava
 por sobre o peito esquerdo
 que o povo admirava.

O mesmo assim fazia
 José Lourenço, o beato
 sob os olhos do povo
 presenciando o ato
 e mais gente aparecia
 que só folha no mato.

Desse modo viveu
 esse beato feliz
 porque abraçou Jesus
 ele assim mesmo quis
 viver, sofrer os insultos
 para gozar do juiz.
 (BATISTA, 1990, p. 29-30).

Certamente, a religiosidade permeia a narrativa de Abraão Batista, o poeta que passou a escrever cordel depois dos trinta anos de idade, em 1968.

Conforme entrevista concedida pelo autor à Editora Coqueiro, revelou que antes mesmo de escrever seu primeiro folheto, “o cordel vivia embutido, de forma telúrica, na minha alma”, e que iniciou o ofício por influência de sua mãe que era leitora assídua de cordel e por ter frequentado a Tipografia São Francisco, conforme foi conjecturado aqui inicialmente, e que pôde ser confirmado através das palavras do próprio poeta, quando responde sobre seu interesse pelo mundo do cordel:

[...] todo aquele mundo eu conhecia, então comecei a frequentar a gráfica de Zé Bernardo, herdeiro de Martins de Athayde, que foi herdeiro de Leandro Gomes de Barros, que é um dos precursores, juntamente com Severino do Pirauá, de Pombal, como também Leandro. (BATISTA, 2006).

De acordo com a trajetória do autor e dos contatos que manteve, podemos compreender a formação de seu ponto de vista sobre a história do Caldeirão do beato José Lourenço. A mãe de Batista era pernambucana e talvez tenha vindo a Juazeiro em busca dos milagres do Padre Cícero, ação frequente à época, de modo que há condolência com a figura do romeiro e do seguidor do beato em sua representação.

Abraão Batista, farmacêutico formado, professor e poeta, recriou essa história usando atributos que o aproximam desse horizonte retratado, pois o poeta que teve acesso ao meio intelectual, acadêmico e a outras formações, traz em sua bagagem a herança da convivência com o mundo do cordel e seus autores, onde as ideias eram compartilhadas nas conversas de “pé de parede” e viravam versos de cordel impressos nas tipografias caseiras.

Daí, talvez seja possível ao leitor e/ou ouvinte de *A história do beato José Lourenço e o boi Mansinho* contemplar uma representação provavelmente influenciada por

essas conversas, pelo “ouvi dizer”, em que o poeta se apropria da memória transmitida e incorpora elementos consentidos pela verossimilhança, resultado em uma nova história.

Batista termina sua narrativa refazendo o caminho de volta ao Juazeiro, versejando a morte de José Lourenço e ilustrando a conduta das autoridades para saber a causa da morte do beato do Caldeirão:

Morreu em quarenta e seis
de morte natural
aos 12 de fevereiro
sobre um grande vendaval
trouxeram pro Juazeiro
para o seu canto sepulcral.

Antes de darem a ordem
para aqui se enterrar
os médicos da saúde
fizeram examinar
o cadáver do beato
antes de o liberar.

Examinaram o corpo
sem doença perigosa
naquela época a malária
matava e fazia prosa
e não encontraram doença
que fosse contagiosa

Disseram para os presentes
que o beato morreria
de desgostos acumulados
pelo muito que sofrera
ou de desgosto ou não
desculpas pra mim “já era”.
(BATISTA, 1990, p. 30).

A morte do beato José Lourenço foi lembrada por Henrique Ferreira da Silva, remanescente do Caldeirão, como “um dia de juízo”:

No dia 12 de fevereiro, das cinco para as seis, Nosso senhor levou ele. Aí foi um urro só do povo, foi um urro só e choro, foi um dia de juízo, pra nós foi um dia de juízo... (HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 100).

Nas oito estrofes finais do cordel, José Lourenço é acolhido pelo povo e levado à “terra santa”, onde descansou seu corpo e teve rendidas homenagens em sua memória. No entanto: “Seus seguidores, de acordo com a tradição, tratam de providenciar uma missa. Quando se dirigem ao vigário de Juazeiro, monsenhor Joviniano Barreto, recebem a seguinte resposta: “Eu não celebro missa para bandido!”.” (LOPES, 2011, p. 167).

Em uma distante comparação de fatos e situações entre o beato José Lourenço e o Padre Cícero, quanto às relações pós-mortes entre eles e a Igreja, por exemplo, observa-se que nem o “Padrinho” refez seus laços com a instituição e nem o beato conseguiu ser aceito pela igreja de Juazeiro do Norte. Em contrapartida foram em dimensões particulares acolhidos pelo povo, que fez de um o Santo do Nordeste e do outro um exemplo de trabalho e devoção, condizentes com os ensinamentos da *Sagrada escritura*.

Trouxeram o beato
a 14 léguas do Crato
uma grande noite de chuva
desprezando o maltrato
rasgando a noite escura
pisando naquele mato.

24 horas depois
Zé Lourenço não fedia
só um pouco de sangue
do seu nariz escorria
tendo o seu semblante
a aparência que sorria.

O beato foi coberto
de flores de toda cor
os seus amigos chorando
amargurados em dor
choravam grandes suspiros
daquele que tinha amor.

Na Igreja de São Miguel
foi exposto para povo
quem viu disse-me sincero
e eu digo de novo
que ele não almiscou
com odor que reprovou.

Uma branca neblima
no seu enterro caía
como se a Natureza
chorando assim sorria
ao abraçar o beato
que para o infindo seguia.
(BATISTA, 1990, p. 31 – grifo nosso).

O cordel de Abraão Batista contempla a história de José Lourenço integralmente, menciona do seu nascimento à ocasião da sua morte, discorrendo em detalhes a vida do jovem romeiro do Padre Cícero transformado no beato do Caldeirão. Nas 157 estrofes que o poeta dedicou *A história do beato José Lourenço e o boi Mansinho*, os pontos altos foram atribuídos às “carreiras” pressagiadas pelo Padre Cícero e através delas, se orientou esta análise.

A estrutura do cordel permitiu também a comparação imediata com os outros cordéis que o antecederam cronologicamente, cada um abordando um momento particular da história, além de trazer aspectos que podem sugerir o cotejo com as demais representações do *corpus*.

Além disso, identificamos semelhanças pontuais e ideológicas entre a representação do poeta com o pensamento remanescente daqueles que foram atores da história do Caldeirão e trazidos para cena do dia também por Rosemberg Cariry em seu filme *O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto*, de 1985, transformado em livro posteriormente, com edição de 2007, havendo entre essas duas representações um diálogo perene, abundante como foram as águas do Caldeirão.

Findo minha história
e agradeço a atenção,
fica nela um exemplo
de como age um bom cristão
romeiro que tem o exemplo
do Padre Cícero Romão.
(BATISTA, 1990, p.32).

4 CALDEIRÃO DE FÉ E LUTA NA REPRESENTAÇÃO DO CORDEL DE 1970 EM DIANTE

“E todos os que criam estavam juntos, e tinham tudo em comum. E vendiam suas propriedades e bens, e repartiam com todos, segundo cada um havia de mister. E, perseverando unânimes todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus, e caindo na graça de todo o povo. E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar.”

(Atos 2:42-47)

“Aviões então voaram/As terras do Caldeirão,/
Bombardaram lugares,/Trouxeram a confusão
/Prá quela gente ordeira,/Que fugiu sem
direção.”

(Pe. Geraldo Oliveira Lima)

“O Beato entendeu o assalto a Caldeirão como um crime, e, nesse crime a igreja institucional tem sua parte de responsabilidade.”

(Eduardo Hoornaert)

4.1 “Caminheiros em busca de terra livre”³⁴

No final da década de 1970, mais um cordel traz à luz a história do Caldeirão do beato José Lourenço. *Caldeirão*, do padre Geraldo Oliveira Lima, foi publicado em dezembro de 1979, em Crateús, cidade cearense do Sertão Central, distante 354 quilômetros de Fortaleza, onde a partir do ano de 1964 instalou-se uma nova proposta de atividade religiosa

³⁴De acordo com Oswald Barroso (1989, p. 49), esse título estampava as faixas da II Romaria da Terra, numa “Igreja entupida na tarde quente de 12 de outubro, em Juazeiro do Norte”, onde cerca de 30 mil pessoas, quase 50 anos depois da destruição do Caldeirão, participavam daquele ato litúrgico “diferente”, cujas “as últimas imagens do filme “O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto” estão sendo captadas.”

vinculada à Igreja Católica, alicerçada no Concílio Vaticano II. Tendo por finalidade a aproximação dos pobres e o desenvolvimento de ideais de libertação pela recusa à opressão dos tradicionais donos do poder, estimulando entre os camponeses a consciência da luta de classes, o que pela reflexão de Fragoso era o mesmo que “incentivar o povo a ser agente da sua própria história.” (GONÇALVES, 2005, p. 82).

A Igreja de Crateús representa, portanto, a ruptura com as “velhas” práticas religiosas e nesse período era liderada por Dom Antônio Batista Fragoso, importante ativista na luta contra as desigualdades e pela implantação de um sistema de distribuição de rendas e terras mais justo. (FRAGOSO, 2005).

Caldeirão é o 21º título de uma série tematizando, entre outros, a problemática popular. É importante que não percamos de vista que seu autor, “padre Geraldinho”, estava situado na constituição das circunstâncias acima mencionadas, pois essa conjuntura de fatores talvez tenha corroborado para que ele trouxesse o exemplo do Caldeirão para uma literatura, cujo acesso é favorecido pela sua estrutura, a grupos sociais com pouca ou nenhuma escolaridade como os camponeses assistidos pela Igreja de Crateús.

O cordel é composto por 19 estrofes, o que de certa maneira o distancia de um folheto tradicional, de oito páginas com cerca de quatro estrofes em cada uma delas, no entanto na capa da obra em questão, o que de imediato pode ser observado é a expressão “Cordel número 21”, seguida de uma ilustração³⁵ e do título *Caldeirão* abaixo, conforme a seguinte ilustração:

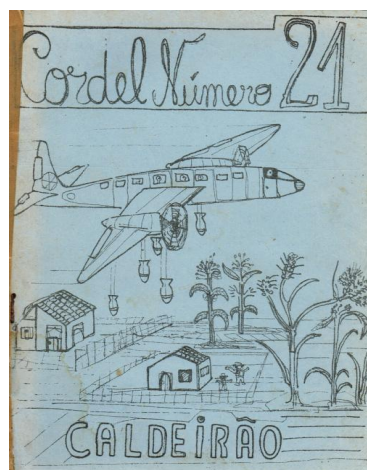


Figura 4 – Acervo: Estefânia Martins

³⁵Inclusive a ilustração é particularmente interessante, pois retrata o bombardeio que teria ocorrido na Serra do Araripe em 1937 contra os caldeirenses, tal possibilidade é o filão do cordel de Lima.

Portanto, seu autor nos leva a crer que atribuiu a sua narrativa a designação de cordel porque assim a concebia, mesmo que não fosse poeta popular de ofício. Uma vez que utilizando esse formato poderia alcançar um público mais amplo e provavelmente inserido em uma cultura predominantemente oral.

Concernente à estrutura dessa história versejada para a literatura popular em versos, ela segue rimas com formato em sua maioria “ABCDBD” e é parte de um livreto feito artesanalmente pelo próprio Pe. Geraldo, de acordo com apontamento do professor historiador e pesquisador do fenômeno Caldeirão, Régis Lopes³⁶.

A obra em sua totalidade é composta por reflexões que norteiam para a boa conduta do beato e o exemplo ideal de comunidade que simbolizou o Caldeirão ao seu tempo, bem como a exposição dos responsáveis pela destruição daquela “gente ordeira”, sob a ótica de um religioso católico, quase quarenta anos após os episódios ocorridos no Cariri.

É interessante observar que o padre Geraldo publica sua representação em Crateús, conforme salientamos anteriormente, essa cidade tem uma simbologia peculiar no universo da religião popular, de promover a consciência do povo e do ativismo de alguns setores da Igreja Católica que a partir dos anos 1960 dão as mãos aos pobres, especialmente os trabalhadores rurais, rompendo a aliança tradicional com os segmentos civis de prestígio.

Certamente havia muitas dificuldades naquele campo onde a nova proposta de igreja vinha se instaurar. Não muito diferente do cenário que abrigou o fenômeno do Caldeirão nos anos 1930, com a população desassistida socialmente, analfabeta e morrendo a míngua. Os trabalhadores rurais temiam, de certa forma, a repressão que vinha junto à assistência religiosa, afinal o ambiente e a conjuntura política nacional não favoreciam as esperanças³⁷.

Logo, a representação de Lima tem um fator de predisposição determinado em sua gênese, que é falar sobre um movimento, cujos preceitos baseavam-se no catolicismo popular e na igualdade de direitos, que foi o Caldeirão. Seu exemplo em 1979 daria ao povo (de Crateús e adjacências) a dimensão de que a união, a fé e o trabalho comunitário podem possibilitar ao homem a experiência de uma vida digna, livre e participativa.

Esse cordel nos parece ter fins como os outros de denunciar os desmandos das autoridades, mas sobretudo é uma representação em que o ideal didático sobressai aos demais. O padre Geraldo Oliveira Lima provavelmente desejava “ensinar” através do exemplo do

³⁶A observação referente ao cordel do padre foi feita pelo professor em fala na banca de Qualificação deste trabalho ao dia 31 de outubro de 2011.

³⁷Para uma melhor projeção acerca da Igreja de Crateús, ver Fragoso (2005).

Caldeirão, um novo caminho para conduzir o povo a conhecer sua história e assim ser agente do seu destino.

Mas agora eu vou contar
 Uma história interessante
 Que se deu no Ceará,
 Lá num sítio bem distante:
 Foi no Sul do nosso Estado.
É um caso bem chocante.

Neste lugar bem distante
 Que se chama Caldeirão,
O Beato Zé Lourenço,
Reuniu a multidão:
 Eram ao todo 2 mil homens,
Sem nenhuma confusão.

Todo esse pessoal
Começou a trabalhar
Nas terras do Padre Cícero
 E aí foram lavrar
Cultivando a terra boa
 Gostaram daquele lugar.

Sem quase ferramenta
Sem auxílio de ninguém,
 Este bando de pessoas
 Que não havia nem vintém,
Trabalhava em comum
 Sem molestar a ninguém

Trabalhava em comum
 No roçado que faziam
O produto que lucravam
Para todos pertencia.
Viviam como em família
 E ninguém se maldizia.
 (LIMA, 1979, p. 2- grifo nosso).

Os versos de Oliveira Lima comungam de opinião similar com a leitura feita pelos poetas José Bernardo da Silva (HOLANDA E CARIRY, 2007) e Abraão Batista (1990), em relação à ideologia de vida regrada e ao trabalho comunitário desenvolvido no Caldeirão através da liderança de José Lourenço.

Entretanto, Batista³⁸ critica e condena a Igreja Católica como responsável também pela perseguição ao beato e sua comunidade, Lima, por sua vez, a exime de qualquer culpa sobre os atentados de 1936, visto que não há em seu cordel qualquer menção sobre opinião ou postura manifestada por essa ordem religiosa naquele tempo sobre a questão. O que talvez possa ser uma medida de precaução contra possíveis “perseguições”.

³⁸Conforme vimos em análise no capítulo dois.

Destarte, nas décadas iniciais do século XX muitos dilemas sociais apresentaram-se à Igreja Católica. Com base em Miranda (1987), o pensamento da instituição emerge e é possível vislumbrar o significado de uma comunidade como o Caldeirão:

Nessa terceira década, já uma nova relação é enfatizada na base da argumentação desenvolvida pela Igreja, como forma de explicar a realidade e apontar soluções para os impasses. Como consequência do agnosticismo implantado pelo novo regime, vê agora a hierarquia, no comunismo ateu, o perigo iminente contra o qual é necessário tomar posição. É interessante notar como, no texto que se segue, na origem da luta contra o laicismo e o comunismo dele decorrente, permanece explícita a crítica ao Estado Liberal. “Proclamado pela Revolução de 1789 o princípio de independência, a lógica das paixões tirou daí suas conclusões naturais. Depois contra a insurreição contra a autoridade da Igreja de Nosso Senhor, vem a insurreição contra toda forma de autoridade [...] A sociedade civil, qualquer que seja sua forma de governo, não é possível senão por meio de uma hierarquia [...] mas o radicalismo socialista, em virtude de tal princípio de independência, proclamado pelos mais responsáveis do bem social, para logo reivindica a perfeita e inalienável igualdade de todos, destrói todo direito de comando, toda obrigação de obedecer [...] E a esta primeira consequência do princípio revolucionário dos Enciclopedistas do evangelho moderno, o comunismo, sob o império da cobiça [...] acrescentou uma outra: **fazendo substituir aquela lei natural que o senso comum de todos os séculos e de todos os povos civilizados sempre reconhecem, assegurando aos cidadãos a posse e a transmissão dos bens adquiridos pelo talento, pelo trabalho, pela economia, por aquilo que eles chamam de direito de partilha igual, é que não é mais do que a espoliação dos proprietários**”. (MIRANDA, 1987, p. 60-61 – grifo nosso)³⁹.

Tendo em vista esse argumento, o Caldeirão representava para a Igreja Católica, a insubordinação, a incivilização e a espoliação advindas do comunismo, mas sobretudo o comunismo, do qual a sociedade tomou horror e a Igreja Católica também. (MIRANDA, 1987).⁴⁰

De qualquer maneira, parece natural que o padre Geraldo conduza suas opiniões a partir de outro alçômetro, como veremos a seguir, evitando retaliações, até porque ele estava abordando um assunto delicado, remexendo em feridas ainda abertas, uma vez que mesmo com o processo de mudança de paradigma dado posteriormente por alguns setores da Igreja Católica sobre o Caldeirão, ele não poderia mudar a participação da mesma no caso. Dessa forma, talvez não fosse conveniente retomar o passado por este ângulo e sim por caminhos condizentes com sua perspectiva de presente, quando o catolicismo se volta para ideais, de certa forma, populares. Visto que nessa altura “a Igreja é o povo de Deus”, e todos os seus membros são chamados para a “questão social”. (CATÃO, 1986, p. 20).

³⁹A fala citada por Miranda (1987, p. 60-61) é de MIRANDA HENRIQUES, Dom Adauto A. de, Arcebispo Metropolitano da Paraíba, Carta Pastoral de 8 de dezembro de 1928.

⁴⁰Ressaltamos que a religião e a Igreja Católica são assuntos paralelos ao tema deste trabalho, para uma visualização mais abrangente desses, procurar Miranda (1987), (1995).

Provavelmente estava ao alcance do padre Geraldo, o pensamento que a Igreja Católica tinha sobre o Caldeirão naquele tempo, contudo o autor escolheu partir de um novo estado de coisas, da mudança de comportamento da Igreja Católica diante das intervenções promovidas pelas classes populares, inclusive suas práticas religiosas. De modo que ele recria o Caldeirão seguindo possivelmente uma nova tese organizada nos anos 1970, que fundamentou a Teologia da libertação, pregando que “a libertação dos oprimidos é [...] a realidade da salvação de Deus presente no mundo.” (CATÃO, 1986, p.68).

A representação de Lima pode, portanto, ser considerada como exemplo de que o lugar que o autor ocupa interferirá de algum modo em sua obra. Creio que a preocupação do autor não seja de simplesmente retratar a memória do Caldeirão de 1936, mas sim trazer para o leitor e/ou ouvinte a experiência popular daquela comunidade.

O padre Geraldo na época em que fez sua representação do Caldeirão comungava com os ideais dos setores da Igreja Católica contrários a opressão, exploração do trabalho e próximo aos anseios do povo na luta pela reforma agrária, pela educação e alfabetização dos pobres.

O lado que Geraldo representa é o da “nova igreja”, que está virada de frente para os fiéis mais necessitados de apoio espiritual e direcionamento em suas vidas. O fato dele não mencionar as atribuições da Igreja na situação do Caldeirão em 1936, talvez se configure também como uma demonstração de ruptura com esses setores. A ideia que ele parece querer transmitir é que a religião pode ajudar o homem a organizar-se e a transmissão da culpa às forças militares reflete a postura de quem conhece o horror da retaliação, da prisão e da tortura.

O padre Geraldo Oliveira Lima sentiu na pele o que significa está do lado oposto do poder estabelecido. Sua memória do Caldeirão deixa transparecer nuances de mágoa com os militares. Ele também foi perseguido por estar ao lado dos pobres, pois caminhava com a Igreja de Crateús ao lado de Dom Frágoso e do padre Alfredinho, sendo taxado de “subversivo” e “comunista”, segundo Frágoso (2005).

De 1964 a 1984, as Forças de Segurança amedrontaram os trabalhadores do campo, com repressões, prisões, expulsões das Frentes de Trabalho, interrogatórios, etc. [...] acusaram padres de “subversivos”, prenderam e torturaram Pe. Geraldo de Oliveira Lima, sequestraram o Pe. José Pedândola na Casa Paroquial de Tauá, detiveram-no na sede da Polícia Federal de Fortaleza e o expulsaram do Brasil sem lhe considerarem o direito de defesa. [...] Acusavam-me de “agitador”, de utilizar a metodologia marxista, de “pró-cubano”... (FRAGOSO, 2005, p. 320).

Com extrema distância no tempo e no espaço entre os acontecimentos, que não permitem qualquer tipo de comparação, o Caldeirão do beato José Lourenço em 1936 foi perseguido e destruído, com mortes de centenas de pessoas porque simbolizava de certa forma a resistência do povo ao subjugo dos segmentos sociais detentores do poder, em que se incluem também setores da Igreja Católica. Por isso também foram classificados entre outras coisas de “comunistas”.

Algumas décadas mais tarde, a composição dos atores se altera em certa medida, mas a “perseguição” se dá pelos mesmos fatores, a grupos de religiosos e leigos que não compactuavam com as velhas tradições e motivam o povo a se organizar para mostrar sua força, voz e vez na luta por melhores condições de trabalho e vida. É desse lado que o “padre Geraldinho” elabora seus versos sobre o Caldeirão.

O cordel do padre Geraldo também pode ser entendido como vanguardista, no que confere ao tema Caldeirão, pois dentro do *corpus* catalogado para esta pesquisa, composto por dezesseis folhetos distribuídos cronologicamente entre os anos de 1935 e 2006, ele é o primeiro a mencionar o episódio do bombardeio aéreo atribuído às forças policiais contra os caldeirenses quando refugiados na Serra do Araripe em 1937, como uma possibilidade real.

Seguramente não há acordo acerca da possibilidade do bombardeio, nem da parte dos poetas nem dos pesquisadores. Mas para nossa proposta, a exposição de tal acusação por si é relevante, seja verdadeira ou não, pois se trata de um novo elemento que surge dentro da representação feita pelo cordel sobre o Caldeirão em nosso *corpus*. Se de um lado obscurece ainda mais o episódio configurado em massacre promovido pelos militares contra centenas de trabalhadores, segundo Oliveira Lima, de outro, leva à dúvida, provoca discussões, consonâncias e dissonâncias sobre a ideia aqui lançada em forma de versos.

Tudo estava nesta base
Na maior satisfação
Todo mundo trabalhando,
 Comendo de sua mão:
 Acabou-se a malandragem
 Ali naquele rincão.

Pois a roça era comum
Não se via malandragem,
 Ali só tinha lugar
 Pró quem vinha com coragem.
 Vagabundo não ficava
 De bem naquela paragem.

Mas a notícia correu,
 Pelo Sul do Ceará,
 Foi bater em Fortaleza,

Percorreu muito lugar.
E logo a gente grauda:
Começou a chafurdar.
 (LIMA, 1979, p. 3).

Lima de Oliveira atribui a hostilidade que se criou em torno do estilo de vida exercido no Caldeirão, por conta do crescimento da população do local, seu desenvolvimento e independência que sobretudo geraram desagrado na “gente grauda” da região. De posse do termo em destaque, esse se configuraria para a Teologia da libertação como os “opressores”, dos quais o povo anseia se libertar. De modo que quando Lima alude a “satisfação” presente no Caldeirão, com o trabalho comum, ele retoma o tema da libertação que aquele modo de viver significava:

um esforço que o povo faz para sobreviver, para conquistar os seus direitos: ter o que comer, o que vestir, onde morar, um trabalho digno, uma possibilidade de fazer valer o seu ponto de vista [...] esse processo se chama libertação porque a sensação que tem o povo é de estar oprimido, escravizado, dominado, por poderes mais ou menos anônimos, que o exploram, reprimem, impedem que tenham voz e vez. (CATÃO, 1986, p. 70, 71).

Nesse sentido, conforme observou Facó (1980, p. 198 - 201), os segmentos sociais de importância da época toleravam em certa medida o Caldeirão, pois o beato prestava serviços de mão de obra a muitos fazendeiros vizinhos, sem nada cobrar, contudo, o latifúndio também perdia essa mão de obra para a comunidade do beato, que agregava sem explorar.

Consequentemente, a “boa vontade” dessa sociedade acabou com a morte do Padre Cícero, protetor imediato do beato e dos romeiros que chegavam diariamente ao Caldeirão.

Nada se explicava, nada se justificava. Simplesmente arrasava-se um núcleo de trabalhadores rurais, cujo único crime era terem rompido relações com o regime latifundiário, não mais se submetem a ele como semi-servos. Havia outro crime: tudo ali lhes era comum, todos os bens que produziam. Como violar impunemente as leis da propriedade privada burguês-feudal? E aqui vemos, uma vez mais, o quanto o Padre Cícero havia servido, em toda a sua existência, de frenador das lutas das massas campesinas concentradas em Juazeiro e vizinhanças. Inadvertidamente, as autoridades cearenses confessavam isto quando constatavam: **“O caso se tornara mais grave quanto as romarias a Juazeiro se estavam canalizando para Caldeirão”**. (FACÓ, 1980, p. 203 – grifo nosso).

As autoridades de quem fala Facó⁴¹ acima podem ser resumidas em três ordens sociais: o Clero, o Latifúndio e o Governo.

⁴¹Facó (1980) recorreu a *Ordem dos penitentes*, de José Góes de Campos Barros, um dos líderes do comando no desbarate ao Caldeirão. É do então tenente Góes, a fala mencionada e denominada de confissão pelo autor.

Partindo de um ponto de vista próximo ao de Facó (1980), o padre Geraldo prossegue sua representação ratificando a responsabilidade dos latifundiários e dos governistas nos desígnios que levaram o Caldeirão às ruínas.

A notícia se espalhou
Que ali no Caldeirão
O Beato Zé Lourenço
Só fazia confusão.
Era perigo bem grande
Prá quela população.

**De Fortaleza partiu
Um esquadrão de Soldado**
Pra falar com Zé Lourenço
E acabar com este bocado
De gente que trabalhava
Sem querer ser agregado...

**Quem comandava esta tropa
Era um homem de exército
Capitão Cordeiro Neto.**
Que é um homem bem quieto,
Mas chegando ao Caldeirão,
Já trazia tudo certo:

**Convidar aqueles homens
A deixarem o Caldeirão**
E logo depois queimar
Toda casa e barracão
**Foi a ordem que ele trouxe
Para evitar “confusão”.**

**Sem esperar por mais nada,
A tropa logo queimou
As casas do Caldeirão
E tudo que encontrou.**
Zé Lourenço então fugiu,
Sem pensar no que deixou...
(LIMA, 1979, p. 4 - grifo nosso).

É importante que não percamos de vista alguns aspectos contextuais do cordel *Caldeirão*. Primeiramente ele foi feito numa época em que o Brasil vivia sob o regime ditatorial imposto pelos militares, logo falar sobre o Caldeirão nos termos utilizados por Lima, acusando os militares, dando nome aos que participaram daquela situação poderia se configurar como um ato de subversão, porque o tema remetia a uma liderança popular estigmatizada, e porque os versos do padre Geraldo culpam quase que totalmente os militares pelo massacre ao Caldeirão⁴².

⁴²Diante dos anos bárbaros impostos pela ditadura até aquela época, 1979 já acenava para a abertura, que se deu cinco anos depois, aproximadamente, no entanto, o período era difícil.

Essa última observação nos direciona ao fato de que nessa época a Igreja Católica não estava em sua totalidade articulada politicamente com o Governo, ou seja, com os militares, dentro de um período que se estendeu de 1964 a 1984, aproximadamente.

Marco Antonio Coelho resume o percurso de transformação ideológica da Igreja Católica, dos anos 1920 aos anos próximos ao Golpe militar:

O relacionamento dos comunistas com a igreja ele atravessa, digamos assim, duas etapas, quer dizer, na década de 20, na década de 30 a igreja travou contra os socialistas, os comunistas, os anarquistas, uma campanha terrível, não é? ... mas já a partir de 1950 a postura da igreja começa a mudar. Note-se que em 1952 foi organizada a CNBB, Confederação Nacional dos Bispos do Brasil e a CNBB começa a levantar desde essa época uma série de denúncias. E aí começam a surgir alguns bispos da hierarquia, como é o caso de D. Hélder Câmara, que começam a postular essa guinada. (COELHO apud ALVIM e SALOMÃO, 2006).

A mudança de paradigma da Igreja Católica, suas relações com o Governo seriam observadas através dos “novos rumos” que a instituição estabeleceria a partir daquele momento com a sociedade, defendendo outros interesses, que não os confirmados com a “velha tradição”. Com o descompromisso, de certa forma paradoxal, em agradar aos militares, a Igreja Católica era chamada para outros acordos com o povo desassistido.

Em 1964 a Igreja Católica apoia o golpe da ditadura, mas paulatinamente se afasta do Governo e se aproxima das entidades que defendiam os direitos humanos. Parte da Igreja Católica rompe com as velhas tradições de poder e configura-se um estado novo de coisas. A junção entre fé, política e liberdade animaria o setor responsável pela Teologia da libertação que repercutiu com força no Brasil durante esse período até os anos 1990, segundo vimos entre outras fontes em CATÃO (1986), ALVIM e SALOMÃO (2006).

O feijão e a mamona
Com o milho e o algodão
Tudo isto virou cinzas
Nas terras do Caldeirão.
**E o pobre do Zé Lourenço
Fugiu dali como um cão.**

**Esta história foi verdade.
Se passou no Caldeirão.
Nas terras do Padre Cícero
Não faz muito tempo não:
Foi no ano 36.**
Foi aqui neste rincão

**Acabou-se a experiência
Do Beato Zé Lourenço
Que queria trabalhar
Prá fazer independência
Do povo que lá vivia
Numa eterna dependência** (LIMA, 1979, p. 4 - grifo nosso).

As últimas estrofes do cordel trazem o que de certa forma é inovador na representação do padre Geraldo Oliveira Lima, são versos que não têm o rigor que os poetas populares tradicionais reclamam, nem quanto à rima ou à métrica, mas traduzem para a linguagem que o povo se acostumou a ouvir e a entender o sentimento de tormento que a guerra causou. Afinal, é um sentimento que pode ser vislumbrado numa situação desse tipo. Gozo talvez nem o lado vitorioso sentisse.

**Aviões então voaram
As terras do Caldeirão,
Bombardaram lugares,
Trouxeram confusão
Prá quela gente ordeira
Que fugiu sem direção**

**O general Gaspar Dutra,
Sendo ministro da guerra,
Ajudou na cobertura
Nesta luta contra a serra
Da gente do Caldeirão
Que faz parte dessa gleba.**

**Acabou-se o que era bom,
Acabou-se o que era doce,
Nas terras do Caldeirão
Para ali quem quer que fosse.**
O pobre do Zé Lourenço
Saiu dali sem encosto.
(LIMA, 1979, p. 4 - 5 - grifo nosso).

Outro dado importante refere-se ao suporte deste cordel e foi mencionado igualmente pelo professor Régis Lopes, que salientou que a impressão do livro em que está inserido o cordel *Caldeirão* foi feita com ajuda de Lúcia de Alencar, sobrinha de frei Tito de Alencar⁴³, preso e torturado pelos militares na época da ditadura. De modo que é de valia constatar que houve uma junção de forças para falar sobre o Caldeirão do beato José Lourenço, trazendo à cena novos elementos, até então não mencionados pela poética popular, mas que fizeram trilha com os demais folhetos da década de 1980⁴⁴.

A partir daí, observa-se uma culminância de fatores atrelados ao viés da missão da “igreja no mundo” representado por uma mudança de paradigma ideológico da parte de alguns grupos religiosos pertencentes à própria Igreja Católica, como foi o caso da Teologia da libertação, num período em que os movimentos sociais deixam de ser estigmatizados por essa Igreja e passam a ser estudados, assistidos e orientados como modelos a serem seguidos.

⁴³Sobre frei Tito, ver LOPES e KUNZ (2005).

⁴⁴Inclusive, além do cordel *Caldeirão*, mais dois folhetos foram feitos sob o regime militar, o de Rodrigues (1981) e Alves (1984). Anteriormente a esses três, e também nesse contexto, temos a produção de Batista feita entre 1968 e 1973.

Em contato com os trabalhadores, os pobres e os oprimidos, a Igreja percebeu que sua luta tinha sentido. Os movimentos libertadores passaram a constituir um desvio à sagacidade dos cristãos. Era preciso provar os espíritos e reconhecer os sinais dos tempos, discernir os caminhos efetivos da salvação de Deus no mundo. (CATÃO, 1986, p. 84).

Destarte, esses movimentos sociais⁴⁵ e a própria Igreja Católica (com as Pastorais sociais e Comunidades Eclesiais de Base), juntamente com os movimentos culturais de ordem popular e intelectual de diversos segmentos artísticos, literários etc., passam a partir de um ponto de vista “novo” a representar o Caldeirão do beato José Lourenço e o seu ideal, cinquenta anos depois da destruição da comunidade da Santa Cruz do Deserto.

A retomada se faz através de um passado ao mesmo tempo presente, no que se refere à forma com que os dominantes agem em relação aos dominados, todavia com a especificidade da solução encontrada por José Lourenço para lidar com os desmandos da natureza e do homem.

Esses termos dão a medida às “novas” representações do Caldeirão.

4.2 Nos caminhos de 1980: o cordel segue o Caldeirão

Após a representação feita pelo padre Geraldo Oliveira Lima, em 1979, sobre a história do Caldeirão convertida para o cordel, uma série de outras manifestações culturais seguirá sua trilha.

Foram muitos os movimentos artísticos imbuídos pelo ideal de liberdade de expressão, busca pela abertura política, retomada da direção de suas ideias, que promoveram a volta do Caldeirão ou do que o Caldeirão representou em seu tempo e naquele momento para o centro das atenções da sociedade cearense.

Talvez numa tentativa de fazer justiça aos caldeirenses, que ficaram conhecidos pela ótica da “publicidade oficial” como “fanáticos”, “comunistas”, ou ainda visando “devolver a história do povo cearense para o povo cearense”, como salientou o poeta popular Paulo de Tarso⁴⁶.

Certamente há muitos motivos para a retomada do Caldeirão, sejam de ordem religiosa, social, política ou cultural. O fato é que a década de 1980 simboliza a força que esses setores sociais fizeram para “resgatar” a memória do Caldeirão e do beato José Lourenço.

⁴⁵ Como o Movimento dos Sem Terra, MST, por exemplo.

⁴⁶ A partir de um comentário feito pelo poeta ao Régis Lopes, que nos revelou em banca de Qualificação.

Em 1982, Cláudio Aguiar fez o romance *Caldeirão*, nesse mesmo ano Rosemberg Cariry e Oswald Barroso lançam *Cultura insubmissa*. Em 1985, Rosemberg Cariry estréia o filme *Caldeirão da Santa Cruz do Deserto*, despertando nos espectadores sentimentos de toda ordem e promovendo em alguns o interesse em conhecer mais essa história, como ocorreu com o Régis Lopes, que mais tarde, em 1991 lançaria *Caldeirão*, com depoimentos de remanescentes e também influenciando outros estudos e produções, como foi o caso do poeta Paulo de Tarso, que escreveria sua representação no cordel um ano depois. De modo que são alguns exemplos relevantes do que se produziu na época sobre o Caldeirão, além é claro dos estudos que citamos ao longo deste trabalho.

Fato é que essas iniciativas foram fundamentais para a elaboração dos cordéis dessa geração. Dispomos de quatro títulos desse período, todos tendo como ponto comum, além da temática, o argumento de terem sido feitos à luz de outro trabalho, como os acima citados.

É de 1981, o cordel *O beato Zé Lourenço e o boi Mansinho ou: a chacina do Caldeirão*, de J. Normando Rodrigues, que traz na quarta capa, a seguinte explicação:

Crato, junho de 1981. Além das histórias ouvidas da boca de quem viveu essa aventura, pesquisei os livros, CULTURA INSUBMISSA - Rosemberg Cariry e Oswald Barroso. CANGACEIROS E FANÁTICOS - Rui Facó - MILAGRE EM JUAZEIRO - R. Della Cava. NAÇÃO CARIRY - Revista nº 9/83 - Edições Folha de Piqui - Distribuição Bolart (Jackson Bantin) - agradeço o apoio de Eloi Teles e Expedito Sebastião da Silva (Poetas Cordelistas). Impresso na Gráfica ABC - Juazeiro do Norte. (RODRIGUES, 1981, p. 16).

Dessa forma procede Francisco Artur Pinheiro Alves com o cordel de 1984, *Pequena história do Caldeirão: à guisa do romance popular*, onde diz nos créditos iniciais: “Inspirado na obra “CALDEIRÃO” de Cláudio Aguiar” (ALVES, 1984).

Igualmente, o poeta Paulo Nunes Batista, com a *História do Boi Mansinho e o Beato José Lourenço*, de 1988, ressalta em nota: “Estes versos foram inspirados no trabalho “O Beato José Lourenço, o boi mansinho e o problema social do Caldeirão”, de Fátima Menezes” (BATISTA, 1988, p. 20).

Completando o conjunto de cordéis em análise neste momento, temos *O Beato José Lourenço e o Caldeirão*, 1ª edição de 1992, com autoria do poeta cordelista Paulo de Tarso B. Gomes, que na última capa traz a seguinte explicação:

O Caldeirão, de Régis Lopes, resgata um momento importante da história dos movimentos populares do Ceará. É um livro definitivo que coloca na ordem do dia este tema de tão escassa bibliografia. A partir do trabalho de estréia de Régis Lopes,

o poeta e estudante de história Paulo de Tarso Bezerra Gomes transpôs para os códigos da literatura popular em verso o relato da comunidade do beato José Lourenço. **É uma forma de levar este episódio de resistência a um público mais amplo.** A ADUFC apoia esta iniciativa cultural que considera de maior relevância. (GOMES, 1992 – grifo nosso).

Conforme podemos observar as representações do cordel que fazem parte desta seção têm um ponto de partida em comum, foram inspirados por produções de ordem intelectual, que por sua vez tiveram provavelmente outras forças motoras lhes impulsionando para celebrar o Caldeirão.

E, a partir dessa constatação e do que os próprios autores falaram acerca de suas produções, o ponto de chegada também pode ser vislumbrado, ou seja, a ideia é que os acontecimentos que envolveram o beato José Lourenço e suas comunidades chegassem, segundo Gomes (1992), ao conhecimento de “um público mais amplo”, que caso não tivessem acesso à literatura erudita ou às demais artes anteriormente citadas, se deparariam com a leitura ou audição dos versos populares sobre esse fenômeno, de modo que esta performance acompanharia o entendimento das pessoas sobre a realidade assistida no Caldeirão.

Portanto, percebemos dois discursos definidos nessas cinco representações aqui dispostas, desde 1979, com o cordel do padre Geraldo até 1992, com Paulo de Tarso. Vimos aquele pautado sob a ótica religiosa fundamentada no ideal de liberdade, salvação, fé e política, juntamente com o discurso de levar para o povo a história do povo, com influências sistematicamente associadas ao seu contexto histórico e condizentes com o lugar ocupado pelo seu emissor.

4.3 Novos olhares sobre o Caldeirão: como o cordel acompanhou as mudanças processadas ao seu tempo de produção?

Vemos no decorrer deste trabalho que a história das comunidades lideradas pelo beato José Lourenço, sobretudo o Caldeirão, atravessou praticamente um século de transformações, se considerarmos a perspectiva de presente.

De 1900, ano estimado da presença de Lourenço em Baixa Dantas, 1936, ano da destruição do Caldeirão, 1937, massacre na Serra do Araripe, a volta ao Caldeirão em 1938, passando pelos anos 1940, período em que residiu no Sítio União em Pernambuco, até sua morte em 1946 e o retorno do seu corpo a Juazeiro do Norte, nos deparamos, nesse período, com uma produção ínfima da literatura popular sobre o tema, representados por dois folhetos

contemporâneos ao fenômeno, cujos dados de ambos são assegurados pelas pesquisas de Braga (2011), referente ao folheto de José Bernardo, e por Holanda e Cariry (2007), acerca tanto do folheto José Bernardo quanto ao de José Santana⁴⁷.

No entanto, após mais de três décadas de silêncio, os anos 1970 chegam acenando para uma nova situação, onde a ausência de versos de cordel sobre o Caldeirão se transformaria em pelo menos duas produções distintas, cujas trariam associadas à situação de ruptura, novas cenas que se desenvolveriam na poética representada na geração de folhetos dos anos 1980 e 1990⁴⁸.

Por conseguinte, são aproximadamente cem anos de história se processando, com mudanças ideológicas e comportamentais nos agentes sociais dessa história, tanto naqueles envolvidos diretamente como indiretamente e na sociedade como um todo. Logo, o Caldeirão dos anos 1970, 1980, 1990, não é o Caldeirão de 1930.

É essa nova perspectiva de representação do Caldeirão do beato José Lourenço que dá o ritmo do cordel dessa geração⁴⁹, com denúncias, buscas, encontros, diálogos e vivências que fizeram da trajetória do Caldeirão muitas outras histórias de vida e maneiras de olhar essa(s) história(s).

É pois como alude Menezes (1977), quando afirma que

a literatura popular em versos, embora contribua no conjunto para a estabilidade e continuidade de uma cultura, pode atuar também, e de fato o faz, no sentido de favorecer a mudança social, assim como pode constituir um meio de ação política, programada e intencional, ou meramente implícita. (MENEZES, 1977, p. 33).

⁴⁷Nosso trabalho confere total credibilidade especialmente às pesquisas desenvolvidas por Holanda e Cariry, que dedicaram muitos anos de investigação *in loco* a essa temática, bem como estabeleceram outras parcerias com interessados no Caldeirão, de forma a levarem essa história à visão da sociedade, contada por diversos olhares, sobretudo daqueles que foram os seus atores reais.

⁴⁸Atualmente há crescente produção acerca da temática feita pela literatura de cordel, com novos títulos e reedições de folhetos de outras épocas. Por uma questão de método, estabelecemos para este momento da pesquisa, uma análise direcionada às primeiras produções, referentes ao nosso *corpus*, como vemos no cap. 1, perpassando pela que celebra a retomada do tema nos anos 1970, conforme cap. 2, até a primeira representação dos anos 1990, através da qual fecharíamos um ciclo, ou a ideia representada pela geração de folhetos da década de 1980, disposta no cap. 3. De modo que contemplamos cerca de sessenta anos de produção da poética popular sobre o Caldeirão, de 1935 a 1992, excetuando aos folhetos que dão sequência a produção dos anos 1990, posteriores ao mencionado cordel de 1992, do poeta Paulo de Tarso, até aos anos da década de 2010, os quais participam em análise de dados referentes à produção da literatura de cordel que representa o Caldeirão do beato José Lourenço, ficando, dessa maneira, cerca de duas gerações a serem estudadas posteriormente.

⁴⁹A escolha pelo singular de geração, mesmo quando citamos 1970, 1980, 1990, se dá ao tempo decorrido entre 1979, data do cordel do padre Geraldo a 1992, ano do folheto que encerra a análise, ou seja, pouco mais de dez anos, além disso, consideramos a ideia comum que há entre os folhetos, por serem próximos os impulsos em retratar o Caldeirão.

4.3.1 *O beato Zé Lourenço e o boi Mansinho ou: a chacina do Caldeirão*⁵⁰

Assim é que é a vida
 é triste **a condição**
de quem perder uma guerra
batalha ou revolução
o Deus de um povo vencido
passa a ser diabo temido
 destrutado e um ser pagão

Não é só no estrangeiro
 onde não vive cristão
 que essa coisa acontece
 também **no nosso sertão**
houve um erro que carece
justiça prá quem merece
pros ruins condenação

Passo agora a relatar
o fato como se deu
foi no Juazeiro do Norte
onde meu Padim viveu
lá pelas eras de trinta
o sangue serviu de tinta
porque o destino escreveu

Lá vivia em oração
 um homem bem penitente
 chegando lá bem menino
respeitado como um crente
JOSÉ LOURENÇO o seu nome
 veio fugido da fome
 de uma seca inclemente

E por todos ser bem quisto
o Padre Cícero lhe deu
uma tarefa importante
de guiar os filhos seus
 lá no sítio Baixa D'Anta
fundasse uma terra santa
prá viver em paz com Deus
 (RODRIGUES, 1981, p. 1 - 2 – grifo nosso).

A representação do poeta se apresenta em equivalência às demais que vimos até então, excetuando apenas aquela feita por José Santana. Em relação ao cordel *Caldeirão*, do padre Geraldo, podemos apontar como diferença, o fato desse não mencionar a biografia de José Lourenço ao que se refere à chegada do beato a Juazeiro do Norte e o encontro com o Padre Cícero. Todavia segue em acordo quando faz menção à situação de penitência, ordem e agregação de pessoas em torno do líder do Caldeirão.

⁵⁰Título do folheto de J. Normando Rodrigues, com edição de 1981.

É perceptível, já no início do cordel, que Rodrigues tem a intenção de fazer justiça a “quem merece”, condenando pelos seus versos os “ruins” envolvidos no fato do Caldeirão.

**Por volta de novecentos
recebeu nova incubência
zelar por um boi de raça**
pela sua inteligência
de DELMIRO era um presente
que o Padrinho era crente
aí começou sua penitência

[...]

**Surgiu então a credence
daquele boi milagroso
que recusou o capim
dum romeiro mentiroso
seu mijo curava doença
e o estrume era na crença
remédio maravilhoso**

**Corria o mundo a notícia
espalhada com desdém
que o Juazeiro adorava
o boi sagrado também
eram os inimigos do Padre
dando aos jornais falsidade
e o que a maldade convém**

**Logo vem da capital
um mandado de prisão
que se prendesse o beato
e pro boi consumissão**
foi triste o povo assistir
o boi morrer sem mugir
a carne ninguém quis não.

**De volta a Baixa D'Anta
Zé Lourenço trabalhou
por mais vinte e dois anos
sua fama prosperou
rezava e fazia o bem
Bondoso como ninguém
nem um inimigo deixou**
(RODRIGUES, 1981, p. 3 - 4 – grifo nosso).

Observamos que o caso do “boi milagroso” recebe na representação de Rodrigues um motivo muito mais político do que religioso. Aí, o poeta atribui a “perseguição” por conta da falácia promovida dos inimigos do Padre Cícero, que levavam aos “jornais falsidade que a maldade convém”.

Não podemos perder de vista que o Padre Cícero foi importante figura, com larga influência nas resoluções políticas do estado do Ceará ao seu tempo, e que juntamente com Floro Bartolomeu tiveram divergências de interesses com outros políticos adversários. Apesar

de gozar de grande prestígio, Padre Cícero não era unanimidade dentro da sociedade, o era entre os seus romeiros. (DELLA CAVA, 1976), (FACÓ, 1980).

De modo que o caso do boi se configurou, pela representação de Rodrigues, como um problema implantado por esses adversários do Padre Cícero, mentor de José Lourenço. Não à toa, o poeta utiliza esse episódio para nomear seu cordel, devido à importância que ele atribuiu ao fato e às associações do contexto político.

Lopes (2011) segue raciocínio semelhante, em trabalho desenvolvido com remanescentes do fenômeno, que asseguram em seus depoimentos que José Lourenço não acreditava que “o boi fizesse milagres”. Inclusive, o pesquisador sistematiza a situação da seguinte forma:

O próprio Floro sabia que o que diziam do Boi Mansinho era apenas uma rede de boatos. Não havia provas convincentes sobre as adorações ao boi: “quando se procurava apurar a verdade, ninguém sabia informar...”. Mas, ele não estava muito interessado em saber a verdade. O seu objetivo era eliminar aquilo que pudesse colocá-lo diante da opinião pública como deputado dos fanáticos. (LOPES, 2011, p. 53).

Esse problema foi o primeiro que o beato passaria, relatado pelo poeta, outros viriam trazendo tumulto, mas com a apresentação de José Lourenço resignado e com capacidade de reconstrução.

**Na revolta de quatorze
não teve participação**
mesmo assim a soldadesca
lhe moveu perseguição
uma mulher foi esquartejada
por ter ficado calada
e não dar viva ao capitão

**Como todo camponês
que vive em terra arrendada
a gente de Zé Lourenço
em vinte e seis foi despejada
perdeu tudo que plantou
a terra dos outros enricou
para si não sobrou nada**

Como em Juazeiro não cabia
**o povo que ali chegava
fugindo da seca grande
que o Nordeste assolava**
Padre Cícero então mandou
e o beato concordou
e pro Caldeirão se mudava

**O lugar era ingrato
pois água ali não havia**

era um socavão de serra
 dos piores que existia
**seu povo então trabalhou
 com muita fé e amor**
 fez ali sua moradia

**Em novecentos e trinta
 o povo em mutirão
 fez um açude e barragem**
 para aguar a plantação
**mais de mil ali morava
 e todo mundo se ajudava
 era tudo como irmão**
 (RODRIGUES, 1981, p. 4 - 5 – grifo nosso).

Rodrigues estabelece a contagem do tempo apoiado nos acontecimentos históricos que envolveram sua personagem central, servindo de elo para chegar ao outro episódio fundamental do seu cordel: “a chacina do Caldeirão”. Contudo, faz um percurso como os poetas partidários da proposta do Caldeirão fizeram, relatando as benfeitorias desenvolvidas na comunidade e o ideal de igualdade na divisão dos frutos do trabalho, o que sem dúvida é apresentado pelas representações aqui analisadas, como o grande mérito de José Lourenço.

Tinha engenho de rapadura
 plantio de algodão
 nas baixas plantava arroz
 na serra milho e feijão
 guardava o que se colhia
 num armazém **repartia**
prá todos uma ração

**Em trinta e dois quando a seca
 devastou todo o sertão
 lá ninguém morreu de fome**
 ou se passou precisão
**repartiam o que sobrava
 com todos que ali chegavam**
 cresceu a população

**Para o pobre retirante
 que da sequidão fugia**
 procurando água no Crato
curral do Governo havia⁵¹
**era um chiqueiro prá gente
 morrer ou ficar demente**
 só maldade acontecia

**Os poucos que escapavam
 fugiam pro Caldeirão**
 sabendo que lá na serra

⁵¹“Curral do Governo” é como os camponeses se referiam aos campos de concentração reservados aos chamados flagelados da seca. Sobre o assunto ver RIOS, Kênia Sousa. **Campos de concentração no Ceará: isolamento e poder na seca de 1932**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2001.

recebiam proteção
em troca do seu trabalho
 receberiam agasalho
 comida, água e oração.

[...]

Depois de repartir tudo
 e guardar pra precisão
 o que sobrava vendiam
 nas feiras da região
 tinha tudo pra dar certo
 o povo pobre é esperto
 e sabe ter decisão
 (RODRIGUES, 1981, p. 5 - 6 – grifo nosso).

Lopes (2011) sugere que o bom comportamento de Lourenço era sua tática de sobrevivência. Segundo os depoimentos que o autor coletou, depreende-se sobre o beato que:

Sua postura era a de ter, com todos, um relacionamento amistoso, inclusive com os donos de terras. Apesar de praticar um *modus vivendi* diferente (e de ser, por conseguinte, uma forma implícita e pacífica de proteção contra a exploração), a comunidade não tinha intenção de hostilizar o governo, a polícia ou os latifundiários. Aliás, “respeitar o alheio e as autoridades” era um dos conselhos do beato. (LOPES, 2011, p. 123).

Desse modo, Rodrigues segue ilustrando a vida dos trabalhadores do Caldeirão, a rotina dos caldeirenses, os hábitos resignificados e as práticas religiosas desenvolvidas na comunidade sob a liderança do beato, bem como o supracitado “relacionamento amistoso” que desenvolvia com a vizinhança e com as personalidades da região.

Depois de todo o trabalho
 oficiava a novena
 então o Beato pregava
 a penitência e as penas
 prá quem não andasse direito
 de Deus a lei e o preceito
 e o que a justiça condena

No dia de Santa Cruz
 fazia uma procissão
 com os Doze Pares de França
 na frente da multidão
 o seu cavalo enfeitado
 o Trancelin amado
 causava admiração

[...]

Seus vizinhos o respeitavam
e o tinham na condição
de homem bom prestativo
 que vivia na oração
e se ajuda lhe pediam

**a força de mil homens viam
ajudar na plantação**

Porém como tudo que
aos outros chama atenção
**sempre que um pobre sobe
um rico cresce a ambição
assim foi com aquela gente
que o bote duma serpente
distribuiu sem compaixão**
(RODRIGUES, 1981, p.7 - 8 – grifo nosso).

Nesse ritmo chega à metade de sua narrativa, onde a partir da estrofe trinta e dois, (p. 8), inicia o relato do que culminou na destruição da comunidade. Se até este momento, o poeta deu vazão ao exemplo da comunidade constituída no Caldeirão, sob o ponto de vista do trabalho, planejamento, divisão de bens e ordem, ele passa a tecer críticas aos opositores do beato. São trinta estrofes participando ao leitor e/ou ouvinte da “perseguição” que a sociedade cearense organizou contra os moradores do Caldeirão em 1936.

**Em trinta e quatro morria
o Padre Cícero Romão**
o protetor dos romeiros
vestiu luto o sertão
**pro beato e sua gente
se iniciou cruelmente
terrível perseguição**

**As terras do Caldeirão
tocaram por testamento
pros padres Salesianos**
que já possuíam um convento
das terras não precisavam
mas **os romeiros expulsavam
com base num documento**

**Criou-se tal reboiço
pregou-se a revolução**
expulso por duas vezes
já era perseguição
**como os padres não queriam
pagar o que lhes deviam
disseram: não saio, não**

**Os padres então começaram
a grande difamação
prá derrotar os posseiros
se apossar do Caldeirão
convenceram autoridades
que viviam de maldades
tudo fanático e ladrão**

Que o beato era devasso
vivia na perdição
tinha mais de dez mulheres

e vendeu a alma ao cão
 o povo se preparasse
 depois da missa se armasse
 que vinha a revolução.
 (RODRIGUES, 1981, p. 9 - 10 – grifo nosso).

Esse ponto da narrativa de Rodrigues é fundamental porque se confrontarmos com o cordel de Abraão Batista (1990), por exemplo, vemos que há um consenso sobre a posição da Igreja Católica na retomada das terras do Caldeirão, sendo os Salesianos os algozes da comunidade nessas narrativas. Inclusive, como será observado posteriormente, os cordéis dos anos 1980 sobre o Caldeirão também se referem à Igreja Católica ou a alguns segmentos dela, no caso os Salesianos, como parte mentora da destruição do Caldeirão.

Trinta anos após o cordel *Caldeirão*, de Oliveira Lima, Dom Fernando Panico, bispo da Diocese do Crato declara em documentário realizado pela TV Assembleia que a Igreja foi uma das partes que “perseguiu” o beato José Lourenço e o Caldeirão:

Ele sofreu bastante perseguição da parte dos poderosos, da parte das autoridades, da parte dos políticos e também da própria Igreja, que consideravam este homem e a experiência que ele vinha realizando como uma ameaça para a ordem pública. Na época do beato **Zé Lourenço, a experiência que ele viveu** com milhares de pessoas **foi mal interpretada**, mas hoje podemos dizer que a experiência dele foi uma experiência alicerçada sobre um paradigma, uma forma de vida que vem da Sagrada escritura. (PANICO apud ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO CEARÁ, 2009 – grifo nosso).

É interessante notar ainda que a Igreja além do exposto, não teve interesse em “conhecer” a experiência realizada no Caldeirão na época, segundo aponta Lopes (2011):

A Igreja, no caso Caldeirão, não teve nem a atitude de mandar um representante para “evangelizar os fanáticos”, como ocorrera em Canudos. O desprezo foi total, mesmo diante dos apelos do beato no sentido de pedir algum sacerdote para fazer a desobriga no sítio. Existiam condições (materiais e simbólicas) para a Igreja dominar os seguidores do beato e até desorganizar aquela “vida estranha”. O crime, entretanto, acabou sendo concretizado pela opressão policial e não pela via da dominação ideológica. (LOPES, 2011, p. 176).

Conforme as narrativas, a partir desse estado de coisas, selava-se o destino do Caldeirão, que tempos depois seria resignificado por muitos olhares, às vezes próximos, às vezes distantes, através da memória, da voz, da letra do verso do cordel.

A representação de Rodrigues guarda, de qualquer maneira, convergências com o cordel de Oliveira Lima, conforme veremos mais a diante. Por agora, seguimos com o momento de *O beato Zé Lourenço e o boi Mansinho ou: a chacina do Caldeirão* ornamentado

pelos detalhes do que teria sido a articulação arquitetada por membros da Igreja Católica para acabar com a comunidade instalada no Caldeirão.

**O advogado dos padres
fez uma reunião
com o interventor do Estado
e todo alto escalão
presente o Bispo do Crato
ali ficou decretado
a morte do Caldeirão**

**O Sargento Zé Bezerra
foi mandado em missão
de espionar a cidade**
fazer uma avaliação
de quantos homens armados
viviam entrincheirados
pra iniciar a invasão

Disfarçado em viajante
**ali foi bem recebido
não viu bandidos nem armas
nem comunista temido**
mas ao ver o algodão
e a safra de feijão
foi de ambição possuído

Setembro de trinta e seis
com a tropa de meganha
**invadiu o Caldeirão
com crueldade tamanha**
destruiu todas as casas
da igreja ficou só brasas
roubaram o resto na manha

O povo foi juntado
num curral de criação
**roubaram tudo que havia
botaram o resto no leilão**
o cavalo Trancelim
Zé Bezerra deu um fim
de tanta judiação

Quando viu a bagaceira
o Beato se escondeu
contratou advogado
e a um juiz recorreu
que o governo pagasse
devolvesse ou indenizasse
tudo que o povo perdeu
(RODRIGUES, 1981, p. 10 - 12 – grifo nosso).

Os argumentos que J. Normando Rodrigues utiliza para compor suas denúncias condizem, significativamente, com as fontes que ele diz ter usado como inspiração. Além de legitimarem sua produção artística, o diálogo com Facó, Cariry, Della Cava, leva ao leitor, na

forma de versos, o discurso desses estudiosos, de forma a popularizá-los. De maneira tal, que vislumbramos passagens de *Cangaceiros e fanáticos* e dos depoimentos dos remanescentes nos versos acima aludidos.

É interessante notar que cada cordel tem suas especificidades ao representar a história do Caldeirão, no caso em apreço, temos uma lira comprometida em apontar a participação da Igreja como uma das partes responsáveis na destruição da comunidade liderada por Lourenço. Vemos também um narrador indignado com a injustiça da cena ocorrida em 1936.

Como a Justiça é cega
 pros ricos e pros ladrões
 José Figueiredo foi preso
 por defender o Caldeirão
 e o governo entregou
 pros padres o que sobrou
 depois da devastação
 (RODRIGUES, 1981, p. 12).

O poeta transcreve a “perseguição”, depois da saída do sítio, quando os trabalhadores refugiaram-se na Serra do Araripe, nesse momento, sua narrativa recebe novo fôlego, pois é quando suas rimas versarão a “chacina do Caldeirão”, recriando a participação de Severino Tavares naquela situação e o embate com Zé Bezerra.

Sabedor dessa tragédia
 Severino disse: eu morro
 mas isso não fica assim
 vou ao Crato dar socorro
 juntou sua gente na serra
 agora só mesmo a guerra
 derrotaria seu povo

No meio da mata densa
 da Serra do Araripe
 fizeram casas de palha
 parede de pau a pique
 com espingarda e facão
 revolta no coração
 pras balas ir ter repique

Novamente Zé Bezerra
 em expedição foi mandado
 guiando dezoito praças
 não tomou nenhum cuidado
 pensou que ia ser moleza
 já conhecia a fraqueza
 daquela gente acoitada

Só teve tempo de ver
 quando a roçadeira subiu

não se valeu da pistola
 pois a cabeça caiu
 foi bala pra todo lado
 seu filho foi degolado
 só escapou quem fugiu
 (RODRIGUES, 1981, p. 12 - 13).

Nota-se que Normando Rodrigues não retrata um povo fraco e conformado, o ângulo que ele ressalta da gente que habitava o Caldeirão, sob a liderança do beato, é de um povo trabalhador, que diante das intempéries perseverou pelo trabalho, pela ordem e pela fé na conduta de José Lourenço, contudo mostra um povo sabedor dos seus direitos que os reclamou quando necessário, na época do episódio da venda do Baixa Dantas, depois com relação às benfeitorias realizadas no Caldeirão. Entretanto, as urdiduras do poder não lhes atenderam, ao contrário foram aos grotões da Serra finalizar o que faltava àquelas alturas.

Nos versos que seguem, observamos que o poeta elaborou uma crítica sutil ao comportamento do beato que “rezava”, enquanto seu povo era assassinado. Rodrigues demonstra as divergências entre os dois líderes, Lourenço e Tavares, e conseqüentemente a divisão daquele povo. Além disso, a narração da devastação que a guerra teria causado naquelas pessoas é chocante.

Enquanto o Beato rezava
 Severino comandava
 prá mais de trezentos homens
 para uma morte honrada
**pois melhor morrer de pé
 defendendo a sua fé
 do que viver humilhado.**

**Chegou um trem de samango
 com armamento pesado
 três aviões de guerra
 até com bombas armados
 foi grande a carnificina
 morreu mulher e menino
 até quem era aleijado**

Quem escapou da explosão
 foi por terra perseguido
 furado de baioneta
 só se ouvia o gemido
**mais de mil é chacinado
 com gasolina queimado
 prá não deixar um vestígio**

[...]

E quem não pode escapar
 Foi passado na espada
 Muita gente teve o couro
 da cara a faca esfolado
só num monte de esqueleto

**dezenove bebês de peito
foram depois contados**
(RODRIGUES, 1981, p. 13 -15 – grifo nosso).

Temos nas últimas estrofes as cenas reconstruídas pela ótica de Normando Rodrigues, que ficaram ausentes por mais de quatro décadas da literatura de cordel, até 1979, quando o padre Geraldo através do cordel *Caldeirão* fala sobre o bombardeio que teria acontecido. O fato é que o assunto Caldeirão foi silenciado por muito tempo, e após a ruptura do silêncio, é interessante que a poética popular afirme que houve o bombardeio e ainda mais interessante é que quem iniciou o assunto foi um padre.

As circunstâncias dessa acusação importam menos à proporção que através delas se ilustra a cena da guerra representada. Por outro lado, a proveniência ser de um padre dá outro peso à acusação, independentemente das relações com o Governo, com a política, do seu contexto e da época do fenômeno, a assinatura de um padre apresenta certa distinção com relação às demais, pois se trata de uma autoridade religiosa, que goza do prestígio atribuído à instituição.

De qualquer modo, os poetas que mencionam o bombardeio são artistas, profissionais da educação, funcionários públicos, todos inseridos no meio intelectual, o que de imediato os separa daquele “mundo do cordel” a que pertencia José Bernardo da Silva, por exemplo. A condução da memória feita por esses dois universos não pode ser a mesma, visto que as atribuições dos autores são peculiares e condizentes com o meio que representam. Por isso, talvez o olhar de José Bernardo sobre o Caldeirão reflita o que seria o mais próximo que o doromeiro naquela época, assim como a veia poética de Rodrigues vibre através da conduta do beato José Lourenço voltada para o ideal socialista e assim por diante. De modo que o contexto é determinante.

Destarte que depois do cordel do padre Geraldo Oliveira Lima, a menção ao bombardeio aéreo se tornou uma constante nos demais cordéis que retratam o episódio do Caldeirão, como foi o de J. Normando Rodrigues e os outros da geração dos anos 1980, que dão continuidade a esta análise.

Ainda em referência a *O beato Zé Lourenço e o boi Mansinho ou: a chacina do Caldeirão* é de valia ressaltar que Normando Rodrigues direcionou o exemplo do Caldeirão do beato José Lourenço em sua representação, ultrapassando a condição religiosa da comunidade, associando-a a ideais políticos, fazendo valer sua opinião sobre aquela situação, de modo que a figura do beato não é a mais importante, mas o comportamento dos membros do Caldeirão como um todo, o conjunto fez a força nos versos de Rodrigues.

E assim foi o destroço
daquele povo ordeiro
que só fazia rezar
trabalhar o dia inteiro
que só puderam viver
até meu Padim morrer
e proteger os romeiros

Quando o rico fazendeiro
que a pobreza explorava
se juntou o falso padre
que só dinheiro buscava
foi destruída a cidade
e o sonho de liberdade
que nosso sertão criava

Foi uma dura lição
pro povo pobre aprender
que não é só com santo e reza
que ele vai se valer
além de muita união
trabalho e organização
CORAGEM pra se defender
(RODRIGUES, 1981, p. 15).

A narrativa termina com um recado ao leitor, ao povo que quando diante de uma situação de submissão ou de exploração deve seguir o exemplo de Lourenço e do Patriarca de Juazeiro:

Morreu o Beato Lourenço
no ano de quarenta e seis
cercado de sua gente
mostrou o caminho a vocês
**pobres do meu sertão
só lhes resta a UNIÃO
na luta do camponês.**

**Quando forem a Juazeiro
não deixem de visitar
o túmulo desse beato
que em vida soube lutar
um exemplo de Justiça
seu viver SOCIALISTA
o povo deve imitar**

**E quando o sertão tiver
a união conseguido
do camponês explorado
sem terra desassistido
Padre Cícero sorrirá
E pro beato dirá:
“NOSSO EXEMPLO FOI SEGUIDO”.**
(RODRIGUES, 1981, p. 16 – grifo nosso).

O poeta usou letras maiúsculas para destacar expressões que quis evidenciar ao longo do texto, que talvez condigam com a movimentação política e ideológica do seu meio

social. Juntas essas expressões formam a seguinte ideia: “JOSÉ LOURENÇO CORAGEM UNIÃO SOCIALISTA “NOSSO EXEMPLO FOI SEGUIDO””.

José Normando Rodrigues além de cordelista era xilógrafo e tem suas ilustrações tanto em seus folhetos, como também nos de outros poetas. Segundo Nicodemos, criador de um blog sobre o poeta⁵², a vida de Rodrigues se desenvolvia entre “Desenhar, pintar, tocar e inventar instrumentos, esculpir, gravar em madeira, fazer conjecturas sobre a Arte, a Política, Filosofias e Ideologias.” (NICODEMOS, 2011). O poeta que estudou Artes plásticas no Rio de Janeiro fez resplandecer através da sua obra um ideal demarcado, que ele usou para narrar a história do Caldeirão do beato José Lourenço, tendo nascido e vivido muitos anos região do Cariri, provavelmente usou suas lembranças para contemplar um momento específico da trajetória da história do Ceará que condizia, em alguns aspectos, com o contexto do poeta já nos anos 1980, cujas “coragem” e “união” eram reclamadas também por alguns grupos sociais.

Rodrigues era também um artista de rua, conforme contou Nicodemos, sugerindo um homem atuante no seu tempo e espaço, que compôs versos tratando de uma história considerada “maldita”. Ademais, o poeta juntamente com seus colegas de ofício podem ser considerados como parte daqueles que elabora(ra)m a história do Ceará pela literatura de cordel e tornaram-na mais acessível ao povo cearense.

Abaixo, a xilogravura talhada por ele para seu cordel e que usamos na capa deste trabalho:



Figura 5 – Acervo: Martine Kunz

⁵²Tive a oportunidade de entrevistar Nicodemos por e-mail, onde falou que o poeta havia falecido e que o conheceu quando trabalhavam juntos no Banco do Brasil.

4.3.2 *Do barro se construiu o sonho e da fé se realizou a liberdade*⁵³

Nessa seção, optamos em dispor comparativamente dois cordéis, um de 1984, de Francisco Artur Pinheiro Alves e outro de 1988, de Paulo Nunes Batista. Ambos os folhetos guardam suas especificidades, uma vez que Alves ressalta a organização da comunidade e Batista o aspecto místico do Caldeirão. Contudo também confluem quando retratam a ideologia de compartilhamento ali praticada e o episódio da guerra a partir da hipótese do bombardeio.

São representações que também guardam diferenças quanto ao estilo, visto que Batista fez uma espécie de romance da história do beato José Lourenço, enquanto Alves elaborou uma breve demonstração de que o Caldeirão não era o amontoado de “fanáticos” e “comunistas” conforme acusavam à época.

O cordel *Pequena história do Caldeirão: à guisa do romance popular*, de Francisco Artur Pinheiro Alves é um folheto que mescla sextilhas e septilhas⁵⁴ em trinta e duas estrofes. A capa é ilustrada por Antonio Ribeiro, com desenho de uma pequena cidade, bem organizada, habitações dispostas próximas a uma casa grande, uma capela, um cruzeiro, ruas coligando esses elementos e um cemitério em um plano mais recuado.

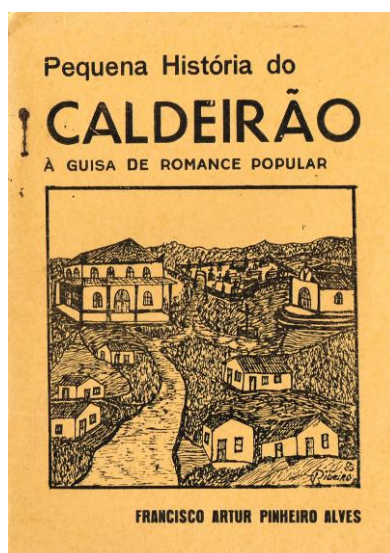


Figura 6 – Acervo: Martine Kunz

O desenho feito em analogia à comunidade liderada por José Lourenço remete o leitor a um lugar bem sucedido do ponto de vista da estrutura e do planejamento, longe de

⁵³Esse título foi sugerido a partir de interpretações das capas dos folhetos de Alves (1984) e Batista (1988).

⁵⁴Sextilhas são estrofes formadas por seis versos cada, enquanto as septilhas têm sete versos em sua composição.

assemelhar-se a uma “cidadela-mundéu”, segundo definição do arraial de Canudos pelo olhar de Euclides da Cunha (1993)⁵⁵. Pelo contrário, o que se destaca na capa do cordel de Alves é um conjunto arquitetônico harmonioso, resguardando a simplicidade do local e dos seus moradores.

Tal adendo se faz pertinente à medida em que a aproximação entre as duas comunidades teria sido um dos argumentos para a dispersão dos trabalhadores do Caldeirão e conseqüentemente sua destruição. Contudo havia semelhanças entre ambas, mas com diferenças, principalmente, do ponto de vista das “intenções bélicas⁵⁶”, o que poderia vir a desmistificar os argumentos que conduziram ao fim do Caldeirão. Porém, os motivos foram além desse, conforme os poetas e historiadores narram.

O cordel de Alves segue a influência da leitura do romance *Caldeirão*, de Cláudio Aguiar. O folheto feito semelhante ao modelo tradicional de cordel, com oito páginas e quatro capas, se dedica integralmente à história do Caldeirão propriamente, ou seja, narra os anos que o beato José Lourenço liderou a comunidade, entre 1926 e 1936, aproximadamente. De modo que ficam de fora da representação do poeta, os episódios anteriores à ida para o Sítio Caldeirão, como o caso do boi Mansinho, a prisão de José Lourenço, a guerra de 14 e a venda do Baixa Dantas. Alves faz da *Pequena história do Caldeirão* um elogio à experiência agrária comunitária organizada nessa localidade.

O relato é breve, se compararmos a outros cordéis que renderam ao beato Lourenço e ao Caldeirão, dezesseis, vinte, trinta e duas páginas, por exemplo. Outro dado interessante mencionado por Vicente Martins é referente à elaboração com finalidade educacional desse cordel sobre o Caldeirão e consecutivamente seu objetivo:

Temos notícias, hoje, através da imprensa local, de que Caldeirão é projeto de Revisão Histórica do Ceará, sob a égide do MEC. Daí, a valiosa contribuição e destino desse trabalho. Este livrinho é de um cordel agradabilíssimo. Decerto, um “tijolinho” à edificação da memória cearense. (VICENTE MARTINS apud ALVES, 1984).

Passados trinta e um anos da publicação desse folheto, notamos que a história do Caldeirão certamente ainda precisa ser revisitada, contudo o otimismo de Martins chega aos nossos dias, estendendo-se a setores do Governo do Estado do Ceará preocupados em vestir o

⁵⁵Cunha durante a narração de *Os sertões* dá a medida de suas impressões de Canudos com asco, horror e o espanto característico de uma visão etnocêntrica ao primeiro instante. Para ele Canudos era o oposto do ideal de civilização e a cidade simbolizava o atraso que reinava entre os “jagunços” e “fanáticos” que ali habitavam.

⁵⁶Em Canudos havia uma espécie de guarda armada. No Caldeirão, segundo os depoimentos dados a Holanda e Cariry (2007), a única arma era uma espingarda de caça do José Lourenço e os utensílios de trabalho dos moradores, foices, enxadas etc.

Caldeirão de rota turística⁵⁷, mas que independente da história que se conte, permitem que o Caldeirão seja apresentado às crianças, jovens e adultos, setenta e seis anos depois do momento em que o Caldeirão vinha através da “publicidade oficial” como perigo à sociedade.

No caso em apreço, para uma narrativa cujos fins são didáticos, Alves dá a medida da situação, usando expressões que ilustram o drama vivido no Caldeirão naquele tempo. Sua linguagem é cortante assim como causa inquietude a narrativa de Rodrigues (1981). Ambos oferecem ao leitor e/ou ouvinte uma carga pesada em forma de versos sobre o que foi para eles a história do Caldeirão.

Leitores prestem atenção
A história que vou contar,
É uma história muito triste
 Que aconteceu no Ceará
 Nos idos dos anos trinta
Faz vergonha até lembrar.

Primeiro devo explicar
 Que o Padre Cícero Romão
 Homem de muito respeito
 Líder e “Santo” do Sertão,
 Cedeu a José Lourenço
 As Terras do Caldeirão.

Pro Caldeirão, meu irmão
 Foi Zé Lourenço e amigos
 Eram dezenas de famílias
 Que a procura de abrigo
 A este se encostaram
 Pois eles sempre lutaram
 Contra os seus inimigos.

Me refiro aos inimigos
 Muito comum no sertão...
 É a fome, a falta e terra,
 Além da ingratidão
 De trabalhar de sol a sol
 Numa semi-escravidão.
 (ALVES, 1984, p.1).

Após introdução em que o poeta expõe a ida de José Lourenço para o Caldeirão e as críticas ao sistema de exploração a que os trabalhadores eram submetidos naquela época, passa a relatar as benfeitorias e mudanças na vida dessas pessoas.

⁵⁷Desde 2003, alguns órgãos e instituições juntos à Secretária de Turismo de Estado do Ceará visam colocar o Caldeirão na rota do turismo religioso, conforme informação proveniente do site do próprio Governo do Estado do Ceará, cujo acesso pode ser feito através do link:

http://www25.ceara.gov.br/noticias/noticias_detalhes.asp?nCodigoNoticia=10410 acesso dia 01/04/12

**Estando no Caldeirão
 Todos iam trabalhar
 E o que produzissem
 A todos ia beneficiar,
 Sendo bem distribuído
 Para todos ia dar.**

[...]

Com poucos meses então,
 Já se via a mudança
 A terra estava plantada
 Todos com muita esperança
 De um inverno criador
 Mandado por Nosso Senhor
 Tamanha era a confiança.

[...]

E vivendo como irmãos
 Vários anos se passava,
**A produção do Caldeirão,
 Cada vez mais aumentava
 E cada vez mais pessoas
 Lá no Caldeirão chegava.**

**E o povo que lá morava
 Liderado pelo Beato,
 Pessoa de bom coração
 E que sentia no tato
 A problemática dos pobres
 A procura de amparo.**

(ALVES, 1984, p. 2 - 3 – grifo nosso).

Um dos diferenciais da representação de Alves é o destaque que o poeta dá a organização funcional no desempenho das atividades praticadas na comunidade e o planejamento da estrutura desde o material ao espiritual:

Tamanha organização
 No Caldeirão existia
 Não importava a profissão
 Nem o tamanho da família
**A cada um era dado
 O que era necessitado
 Com amor e alegria.**

O que lá não havia
 Era fome e precisão
 Produziam a rapadura,
 Arroz, milho e feijão.
 Além de aplicadas rendeiras
 A fazerem seu rendão.
 (ALVES, 1984, p.4).

Ponto comum entre as narrativas do cordel referentes ao Caldeirão, após romperem com o silêncio de tantos anos, é a menção à seca de 1932. Nessas representações o episódio é lembrado como momentos de grandes dificuldades acrescidas pela falta de assistência dos órgãos públicos. No entanto, quando se referem a esse mesmo tempo vivido no Caldeirão, o discurso é de que lá havia amparo tanto para os moradores da comunidade, quanto para aqueles que recorriam diariamente ao beato José Lourenço.

**Em trinta e dois no sertão
Houve uma grande seca
Que expulsou muita gente
E a coisa ficou muito preta
No Caldeirão, não faltou.
Comida não, meu senhor,
Mesmo com a coisa estreita.**

**Amigo aquela receita
Difícil de ser aplicada,
Pelos “Coronéis” do Sertão
De incompetência provada
Para o trabalho com o povo,
Com aquele estilo novo,
A consciência foi tocada.
(ALVES, 1984, p.4 – grifo nosso).**

Nesse ponto há concordância também com a memória do Sr. João Silva, remanescente entrevistado por Lopes:

A seca de 32... é que tudo quanto ele (beato) tinha, desde o Caldeirão, que tinha plantado até a Serra do Araripe, tinha 600 tarefas de mandioca, isso aí tudim, foi pra o povo se alimentar. [...] Graças a Deus, nós que tava lá com ele nunca foi preciso vir pra esse Curral do Buriti. É, esse pessoal aqui (Juazeiro), coitado dos pobrezim, tudo iam pro Curral do Buriti morrer empambabo com a suruina da Bahia, com aquela farinha. (LOPES, 2011, p. 80).

A situação retratada de que José Lourenço promovia melhorias na vida daquela gente, especialmente, no período da seca, o diferenciava dos responsáveis “legítimos”, o que finalmente repercutiu negativamente contra o beato.

**Com a vassalagem abalada
Pelo exemplo do Caldeirão,
Começaram a inventar
Histórias sem proporção,
Diziam que o Beato
Tinha no seu amparato
Regime de escravidão.**

**Espalharam no sertão
As calúnias e maldades,
A ponto de incentivarem
Até as autoridades,**

E passaram a colocar
 Pessoas pra observar
 A todas as atividades.
 (ALVES, 1984, p.5 - grifo nosso).

De acordo com Rodrigues (1981, p. 6), as pessoas que recorriam ao Caldeirão durante a seca de 1932, “em troca do seu trabalho/receberiam agasalho/comida, água e oração”, de modo que o que José Lourenço fazia não era propriamente caridade, tampouco “escravidão”, visto que o poeta fala que as pessoas trabalhavam e recebiam por isso.

Hoornaert (1988) confirma essas ressalvas, quando menciona a ocasião da seca de 1932, em que o Caldeirão mostrou seu valor entres os “camponeses pobres do Cariri”, alimentando-os diariamente: “Essa façanha, não só de caridade, mas de operacionalidade e organização, foi mantida durante 23 meses, por todo o tempo em que a seca assolava o sertão e o vale do Cariri.” (HOORNAERT, 1988, p. 100).

Lopes (2011) ratifica o *modus vivendi* da comunidade liderada pelo beato:

A produção era dividida. Isso, obviamente, era uma das motivações para o trabalho, pois quem estava na labuta percebia que a coisa estava dando certo. O dinheiro não circulava, porque existiam armazéns, onde os produtos eram guardados e distribuídos de acordo com a necessidade de cada um. Em síntese, viviam do trabalho e orações. [...] A religião motivava o trabalho e inspirava uma vida de solidariedade. (LOPES, 2011, p. 64).

Dessa forma, segundo podemos constatar através desses relatos, o argumento dos “Coronéis” de que no Caldeirão havia escravidão seria para deslegitimar o sistema de trabalho e rendas coletivas empregados na comunidade. Pois se o camponês vinha de anos de exploração, como os poetas aludem, que se agravava com as secas, quando surge a oportunidade dele trabalhar e receber “conforme sua necessidade”, como salienta Lopes (2011), ele tende a valorizar sobretudo essa alternativa que conseqüentemente abalaria o velho método da “vassalagem”.

De qualquer maneira, os “Coronéis”, como defende Alves (1984) a “gente grauda” da região, como diz Lima (1979), os “salesianos”, no entender de Rodrigues (1981), trataram de mudar aquela situação que só favorecia ao povo pobre da região e de alguns estados vizinhos, a maioria do Rio Grande do Norte, conforme dados de Facó (1980) e Lopes (2011).

**Foi enviada para lá
 Uma Patrulha da Milícia,
 Que tinha como ordem
 A mais terrível malícia,**

De prender e expulsar
O povo que tinha lá
Sob as garras da Polícia

[...]

**Sem resistir a poderosa
Força que os maltratava,
Mas sem saber o porque
Do que acontecendo estava,
O povo do Caldeirão
Obedeceu com atenção
Aqueles que o mandava.**

**O Caldeirão triste estava
Com aquela violência.
Casas pegando fogo
Na ação da diligência.
Que tirava para si
O melhor que havia ali
Sem a menor consciência.**

Após a triste ocorrência
No Caldeirão do Beato
Tudo estava destruído...
O povo fugiu pro mato
Da Serra do Araripe.
Num total desamparato.
(ALVES, 1984, p. 5-7 - grifo nosso).

Outra característica recorrente nas representações é o poder de reconstrução, recuperação que o beato José Lourenço tinha depois de passar pelas adversidades. Abraão Batista (1990) já apontava essa observação no seu cordel, de que o beato através da força do trabalho resignava-se diante da opressão, mas não se desmotivava e retomava ao ofício, às vezes da estaca zero⁵⁸, conforme também relata Francisco Artur Pinheiro Alves:

Com o lema “**Nós não cansa
De trabalhar neste chão**”,
Arranjaram um terreno
Pra fazer uma plantação
Que lhes deu no fim do ano
Uma boa produção.

E os invejosos, como são
Estavam ainda contentes,
Arranjaram uma Esquadra
Guiada por um tenente,
E subiram a chapada
Mas antes de sua chegada
Foram barrados pela gente.

⁵⁸Essa impressão foi causada pelas “três carreiras” que José Lourenço seria submetido ao longo da vida, mas se reerguendo quantas vezes fosse necessário.

Pois o povo tinha em mente
 O massacre já sofrido,
 Tratou de defender
 Por mal não ter cometido
**Houve uma grande batalha
 De foice, machado e navalha
 E muitos foram abatidos.**
 (ALVES, 1984, p. 7 - 8 - grifo nosso).

Notamos acerca desse último aspecto, confluência entre Rodrigues (1981) e Alves, pois ambos retratam a luta na chapada como travada com ciência pela parte dos caldeirenses, que vitimados nas terras do Caldeirão, no novo ataque se defenderiam da maneira que fosse possível.

Um dado importante é a menção aos “invejosos”, utilizados frequentemente nas narrativas. Desde 1935, com José Bernardo da Silva, que os poetas atribuem aos algozes do Caldeirão do beato José Lourenço tal alcunha. Inclusive, pela recriação do poeta-editor, Lourenço já justificava as “perseguições” que sofria, por conta “do ódio, da inveja e da “ambição” (SILVA apud HOLANDA e CARIRY, 2007, p. 318).

Alves finaliza sua narrativa sobre o episódio do Caldeirão aludindo ao bombardeio aéreo, da mesma forma que fizeram Lima (1979) e a geração de cordéis, referente à década de 1980, catalogada em nosso *corpus* sobre o fenômeno.

Com o fato acontecido
 Pois a Polícia perdeu,
 Tratou-se de planejar
 Uma ofensiva que deu
 Numa varrida de bombas
 Sobre os filhos de Deus.

**O povo recebeu
 O bombardeio de avião
 Num plano diabólico,
 De homens sem coração
 Era uma gente inocente
 Não merecia tal maldição.**

Diante da condenação
 Imposta pelo mal
 A serra do Araripe
 Virou palco teatral
 Do maior genocídio
 Ocorrido no local.
 (ALVES, 1984, p. 8 - grifo nosso).

O cordel de Francisco Artur Pinheiro Alves inspirado na obra de Cláudio Aguiar, cujos fins didáticos, como sugeriu Martins, ou qualquer outro que seja, superam o descritivo e caminham para os olhos e ouvidos do leitor e/ou ouvinte curioso sobre a história do

Caldeirão, aqui contada de forma comprometida com a verossimilhança compartilhada pelos poetas cordelistas da sua geração ao retratarem o Caldeirão e o beato José Lourenço.

Sobre o autor, sabíamos pelas informações inseridas no próprio folheto, que é professor, e em pesquisa, descobrimos que também é político. Em uma página da internet, Alves elabora uma breve descrição:

Sou professor de História da Universidade estadual do Ceará, fui candidato a vereador pelo PV de Capistrano, minha terra natal, onde sou presidente do Partido. Milito na área da Cultura e estou escrevendo minha tese de doutorado sobre os mestres da Cultura do Ceará. (ALVES, s/d.).

Esses fatores colocam Alves num patamar que se diferencia dos demais poetas, sua representação visa outros fins que não simplesmente os de “devolver a história para o povo”, por exemplo, ou ainda aproximar a experiência desenvolvida no Caldeirão de um determinado grupo, como provavelmente fez o padre Geraldo, mas sim transmitir seu conhecimento como meio de promover a memória do Caldeirão como um acontecimento histórico que requer divulgação entres os ambientes onde a informação circula e ganha rumos.

Igualmente, o cordel *História do Boi Mansinho e do Beato José Lourenço*, de Paulo Nunes Batista segue a lógica de Alves (1984) e Rodrigues (1981), servindo-se de outros textos para compor sua narrativa, conforme ressaltamos anteriormente. No caso de Batista (1988) são os estudos de Fátima Menezes que o nortearam.

Eis aqui mais uma estória
feita da história afinal:
é romance sertanejo
e exemplo nacional
do heroísmo camponês –
provando mais uma vez,
a Injustiça Social.
(BATISTA, 1988, p. 1).

Esse cordel é composto por vinte páginas e setenta e nove estrofes de sete versos. A capa é uma xilogravura assinada por JL (talvez o xilógrafo José Lourenço), através da qual se percebe a valorização da conduta religiosa da comunidade liderada pelo beato. Há a ilustração da cidade ao fundo, o boi Mansinho e os penitentes em celebração seguindo Lourenço que conduz a cruz de madeira, juntamente aos trabalhadores em um segundo plano.

De modo que a ilustração contempla as atividades realizadas no Caldeirão, com elementos-chave que representariam a trajetória do beato: a cruz, a ordem dos penitentes, o trabalho e o boi Mansinho.



Figura 7 – Acervo: Martine Kunz

É uma composição longa, a qual dividimos em três partes de forma a contemplar o tema de mais ênfase em cada sequência da narrativa. São trinta e três estrofes em que o poeta faz um recuo na história até chegar aos nomes emblemáticos do misticismo popular tendo por finalidade contar a história do boi Mansinho e do Caldeirão.

Fica claro que o poeta tecerá um elogio ao misticismo, sebastianismo e a religiosidade popular. Relata os hábitos dos padres nos sertões dos anos 1850 para contextualizar o leitor das práticas desenvolvidas por esses religiosos e como foram incorporadas com o passar do tempo pelos “devotos fanáticos”.

Nesse segmento faz menção aos heróis populares e sucintamente à biografia do beato, aludindo inclusive como José Lourenço transformou-se em penitente. É um dos poucos folhetos que fala a respeito da família de Lourenço, traçando alguns momentos anteriores a sua chegada a Juazeiro do Norte.

Padim Cirço em Juazeiro,
Zé Lourenço em Caldeirão,
Santa Dica em Lagolândia,
Pau de Colhér – todos, são –
com Conselheiro em Canudos
transes sangrentos e agudos
da alma crente do Sertão.

Zé Lins, em “Pedra Bonita”,
nos mostra o sebastianismo.
Outros autores estudam
misticismo, fanatismo –
penitentes e beatos:
raízes dos mesmos fatos
que geram o cangaceirismo.

[...]

E esse sebastianismo
que aduba o pé da esperança
da grande massa explorada,
que sonha - e nunca se cansa
de esperar possa – a Justiça –
tirar o trono à Cobiça
e entronizar a Bonança...

[...]

Nos anos mil e oitocentos
e cinquenta, nos sertões
do Nordeste do Brasil
padres faziam sermões
pregando nos arraiais,
sobre as penas infernais,
nas ditas “santas missões”.

[...]

Quase todo mundo sabe
que inferno não pode haver
pior do que ver um filho
à míngua de pão morrer...
enquanto no palacete
o que sobra do banquete
se dá para o cão comer...

[...]

O negro José Lourenço
chega um dia a Juazeiro
com a família: o seu pai,
Lourenço, que era romeiro,
foi procurar com o Padrinho
Padre Cícero – um caminho,
um conselho, algum roteiro...

Pois, levava algum dinheiro
e queria trabalhar
na lavoura. Padre Cícero
aconselhou-o a arrendar
em Baixa Dantas, no Crato,
uma terra para o trato,
no que ai avalizar.
(BATISTA, 1988, p. 1 - 7).

Batista em sua narrativa diverge das outras apontadas até aqui, com relação à forma como teria ocorrido a chegada de Lourenço a Juazeiro, inclusive o encontro com Padre Cícero.

E no Sítio Baixa Dantas
Zé Lourenço se instalou
com seu pai. A mãe e os irmãos
lá na cidade deixou –

visitá-los sempre ia
na Rua Santa Luzia,
onde uma casa comprou.

Até então, Zé Lourenço
Padre Cícero não vira.
Mas, a convite da irmã,
que era beata, assistira
a um sermão do sacerdote,
que era contra o tal *chicote*
que o fanatismo instituiu.

Mas, as palavras do Padre,
de Zé Lourenço na mente
só despertaram atenção
para o efeito diferente:
dali saiu Zé Lourenço
bem curioso e propenso
a ser, também, penitente...
(BATISTA, 1988, p. 7).

É curiosa a trajetória de José Lourenço assinalada por Paulo Nunes Batista em seu cordel, que apresenta ao leitor/ouvinte uma versão diferente para a aparição de Lourenço, esse não seria aí mais um desgarrado, e sim um membro de uma família de romeiros, que possuindo algumas posses desejava morar na “Terra Santa”. Inclusive há depoimentos de remanescentes que mencionam a figura da irmã do beato, conforme Holanda e Cariry (2007).

É importante mencionar alguns aspectos acerca do lugar que o poeta ocupa, para que se possa ter um melhor campo de visão sobre sua obra. Paulo Nunes Batista nasceu em João Pessoa em 2 de agosto de 1928. Segundo Almeida e Alves Sobrinho (1978), “é poeta popular, jornalista e escritor.” Vem de uma linhagem de poetas populares, é filho de Francisco das Chagas Batista “excelente poeta, espírito crítico, romanesco e espirituoso”, irmão de Sebastião Nunes Batista, pesquisador de literatura de cordel e sobrinho de Manoel Sabino Batista, um dos “fundadores da Padaria Espiritual, em Fortaleza” (ALMEIDA e ALVES SOBRINHO, 1978, p. 88).

A formação que teve possibilitou que entrasse em contato com estudos, como o de Fátima Menezes, o qual utilizou para compor sua representação sobre o Caldeirão. A formação familiar, pessoal e profissional molda o estilo do poeta que traz a tradição da cantoria e do cordel, bem como o imaginário desses ambientes para a sua produção.

Desse modo, o momento seguinte da apreciação da poética de Batista é a narrativa do boi Mansinho, são vinte e quatro estrofes tratando do presente oferecido ao Padre Cícero por Delmiro Gouveia e que se transformou em símbolo dos romeiros, conforme Oswald

Barroso⁵⁹ apontou, e por isso também foi esquartejado, como se liquidando o boi símbolo daquele povo, o liquidasse também.

Morreu Lourenço, seu pai.
E Zé Lourenço assumiu
a direção dos trabalhos
nas terras que adquiriu
lá no Sítio Baixa Dantas.
E as colheitas foram tantas
que sua fama subiu.

Padre Cícero gostava
De Zé Lourenço, em quem via
Um lavrador dedicado
ao trabalho que fazia,
esforçado, diligente.
Que era ele um penitente
o Padre ainda não sabia.

Um dia o Padre mandou
Chamar Zé Lourenço, e disse:
- José, ganhei um garrote
que eu só queria que você visse
é zebu, da melhor raça.
Quero que um favor me faça:
trate dele, com meiguice!

[...]

Zé Lourenço, ouvindo aquilo,
ficou deslumbrado.
Disse: - Poi bem, meu Padrinho,
pode ficar descansado.
Só quero que me abençoe,
que eu vou cuidar desse boi
como nunca foi cuidado!

[...]

Devotos do Padre Cícero
vendo o boi, diziam assim:
- Ninguém viu coisa mais linda
do que “o boi de meu *Padim!*
Esse boi parece um anjo!
Tem o jeito de um arcanjo
e o olhar de um serafim!...
(BATISTA, 1988, p. 8-10).

O estopim da promoção do boi a santo é contado com semelhança entre as versões de Batista (1988) e Rodrigues (1981), a diferença é que em *O beato Zé Lourenço e o boi Mansinho ou: a chacina do Caldeirão* é um romeiro “mentiroso” que oferece o capim ao boi,

⁵⁹Oswald Barroso fala a respeito da simbologia do boi no documentário sobre o Caldeirão feito pela TV Assembleia. (ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO CEARÁ, 2009).

que por isso o rejeitou, já em *História do Boi Mansinho e do Beato José Lourenço*, a recusa se deu porque o capim estava “com catinga de sovaco”. (BATISTA, 1988, p. 11). Independente dos motivos, o que se nota é uma constante humanização do boi.

Certo dia, um lavrador
pega um feixe de capim:
trouxe – debaixo do braço –
para “o boi de meu Padim”.
Mas... o caro Boi Mansinho
virou pra lá o focinho,
achou o presente ruim...

[...]

A verdade é que “Mansinho”
pra capim tinha seu fraco.
Mas... enjeitara o capim
com catinga de sovaco...
Daí, pra que se consagre
o boi – faltava “um milagre”
pra acabar de encher o saco...
(BATISTA, 1988, p. 11).

O poeta ironiza, de certa maneira, a adoração ao Mansinho, além de demonstrar considerar “fanatizado” o povo que procedia dessa maneira, quando menciona o “remédio santificado” feito “com mijo e bosta do Boi!” (BATISTA, 1988, p. 11).

**Remédio pra dor de corno,
para espinhela caída,
arroto choco, dordóe,
bate-bate, estremecida,
dor-que-arresponde-nas costa:
basta um chá feito da bosta
do Boi – que é santa bebida!...**

[...]

O Padre, sabendo disso,
não gostou da presepada.
Mandou buscar Zé Lourenço,
deu-lhe uma prensa danada,
Lhe disse: - **Em nome de Cristo,
vocês me acabem com isto!
Boi não é santo nem nada!**

[...]

É aí que entra na história
Seu Floro Bartolomeu –
político quengo-fino
entre os que a Bahia deu.
Padre Cícero atendia
ao que Floro lhe dizia...
Foi aí que “o boi morreu”...
(BATISTA, 1988, p. 12 - 13 – grifo nosso).

Batista inova na versão da morte do boi, pois enquanto as demais narrativas, como de Abraão Batista (1990), defendem que ninguém quis provar da carne do “boi santo”, a não ser os soldados, Paulo Nunes fala que o povo todo queria “provar” de Mansinho.

Foi “Mansinho”, esquartejado,
para o açougue conduzido
e logo ao povo da praça
era aos pedaços vendido:
todos queriam levar
para casa ali provar
do *Santo* que tinha sido...

O açougueiro que matou
o “Mansinho” milagreiro –
um tal de João Araújo –
ganhou lá seu dinheiro...
Mas, foi infeliz, coitado,
pois, também morreu matado
na profissão açougueiro...
(BATISTA, 1988, p. 14 - 15).

E dessa forma termina o episódio do “boi santo” que nomeia esse cordel, tal sua importância na história do líder do Caldeirão e daqueles que o seguiam, de acordo com a visão do poeta em consideração e a dos demais que tematizaram o episódio do boi⁶⁰.

A sequência final da *História do Boi Mansinho e do Beato José Lourenço* é composta por vinte e duas estrofes. Paulo Nunes Batista, aí, fala sobre as comunidades organizadas por José Lourenço, de Baixa Dantas ao Sítio União. O poeta elenca as benfeitorias desenvolvidas, o trabalho comunitário, a divisão dos bens, a seca de 1932, faz críticas aos latifundiários, ao capitalismo, explana sobre a morte do Padre Cícero, os planos para destruição do Caldeirão e a revanche em 1937, em que o bombardeio aéreo aparece decisivo.

Sua representação, quanto a esses aspectos, é semelhante às anteriores, com a venda do Baixa Dantas e a ida para o Caldeirão, seguindo os mesmos argumentos. O que a narrativa de Paulo Nunes traz de novo é a condução dessas situações.

Caldeirão se situava
no meio de várias serras,
cercado de chapadões.
**O Beato ocupa as terras
sem nem pensar que mais tarde
a Prepotência, covarde,
contra ele faria guerras...**

⁶⁰São três as representações do cordel neste *corpus* que expõem o “boi Mansinho” em seu título: *O Beato Zé Lourenço e o Boi Mansinho*, de Rodrigues (1981), *História do Boi Mansinho e do Beato José Lourenço*, de Batista (1988) e *História do Beato José Lourenço e o Boi Mansinho*, de Abraão Batista (1990).

[...]

**Ali tudo era de todos –
não existia Patrão...
Reinava um socialismo
espiritual, cristão.
Todos ali trabalhavam
e uns aos outros se ajudavam,
nas terras do Caldeirão.**

Guardavam os víveres no
celeiro comunitário
**Toda semana, as famílias
Recebiam o necessário
ou mais, pra sua despesa,
Não havia safadeza,
FOME... latifundiário...**

A fama do Caldeirão
se espalhou sertão afora.
**E era só chegando gente
à procura de melhora –
gente sem terra, com fome,
que o Latifúndio consome
chupa o sangue e manda embora!**

**No deserto de Injustiças
Caldeirão era um oásis**
todos viviam felizes –
velhos, moças e rapazes
homens, mulheres, meninos –
nesses sertões nordestinos,
sem rapinas nem sequazes...

**Na seca de 32
as vítimas do flagelo –
centenas de camponeses –
buscavam esse lugar belo:
no Caldeirão do Beato
lhes dispensavam bom trato,
embora o viver singelo.**

(BATISTA, 1988, p. 16 - 17 – grifo nosso).

O discurso de Paulo Nunes Batista nesse momento da narrativa se aproxima ao de J. Normando Rodrigues (1981), ambos acusam os latifundiários pela exploração dos camponeses e apontam como correta a estratégia dos caldeirenses de viver sem o capitalismo. Por vezes suas representações parecem querer fazer justiça com suas palavras, por isso a escolha por expressões que demonstrem isso, como por exemplo, a recorrente “inveja dos coronéis” e “revoltante estupidez”, no caso de Batista (1988).

Todos viviam felizes
sem ladrão e sem polícia,
sem coronel, cangaceiro,
exploração nem malícia –
do capitalismo os lodos...

**Ali – tudo era de todos!
corria o mundo a notícia.**

[...]

**No ano de 34
Padre Cícero morreu.
A inveja dos coronéis
Contra o Caldeirão cresceu.
No ano de 36
O coronelismo fez
Revoltante estupidez...**

Dia 9 de setembro
de 36 – vai ficar
como mancha inapagável
da Polícia Militar
Capitão Cordeiro Neto
foi com seus homens direto
pro Caldeirão destroçar...
(BATISTA, 1988, p. 18 – grifo nosso).

Observa-se que cada representação enaltece um momento diferente da outra, a escolha se dá talvez pelo ideal do poeta ou do contexto a que ele se associa, assim, um escolhe falar de aspectos religiosos, outro de políticos ou biográficos. Um poeta responsabiliza pela destruição do Caldeirão a polícia, outro a Igreja Católica, o latifúndio. Em momentos convergem, em outros divergem.

O que de fato importa é que estão falando a respeito de um mesmo assunto, por ângulos diferentes, trazendo à tona a história do Caldeirão e do seu líder, de maneira que a representação se realize circunstancialmente através do embate dessas memórias.

Zé Lourenço se encontrava
em outra localidade.
E o Beato Severino
Tavares, na qualidade
de pregador, foi detido:
considerando-se ferido
em sua dignidade.

Solto, prometeu vingar-se.
Zé Bezerra, um capitão,
mais o Sargento Anacleto,
um cabo e um soldado – são
mortos em luta: os Beatos,
trabalhadores pacatos,
lutaram de armas na mão...

No dia 11 de maio
de 37 – chegou
Comandante Zé Macedo,
Que o lugar bombardeou:
Invadiu o Caldeirão
e à sua população
sem piedade metralhou...

[...]

**Aviões jogaram bombas
pra não ficar nem semente...
onde havia um arraial
ficaram cinzas somente...
Milhares de lavradores
morreram...: foram os louvores
para a Polícia “Valente”....**
(BATISTA, 1988, p. 19 - 20 – grifo nosso).

Paulo Nunes finaliza sua representação, usando o mesmo método que Rodrigues (1981), deixando um recado aos leitores, celebrando seu contexto histórico:

Só o POVO organizado
(cada vez mais me convenço!)
poderá contar vitória
contra terrorismo imenso
do Latifúndio daninho...
É a História do Boi Mansinho
o Beato Zé Lourenço!...
(BATISTA, 1988, p. 20).

Diante dessas representações da década de 1980, o cordel responde às transformações sociais processadas, desde o vasto período de silêncio, observado da época do fenômeno aos anos 1970, através dele mesmo, à medida em que seus autores usam o verso para recriar uma história dos anos 1930, com olhares novos correspondentes aos seus momentos de vida, estabelecendo associações, mesmo que extrínsecas à narrativa, pelas entrelinhas. Servindo-se do contexto político e social da sua época, usando uma dinâmica em que o “real” pode ser substituído pelo “efeito de real”, segundo Compagnon (1999, p. 110), quando uma coisa é contada pela memória, pela experiência, pelo contato com o outro ou pelas circunstâncias de verossimilhança resultantes do elo entre o passado e o presente, através de um código compartilhado.

4.4 Cordel para ler e aprender a história “bonita” do Caldeirão

O Beato José Lourenço e o Caldeirão foi feito pelo poeta popular Paulo de Tarso B. Gomes, em 1992, à luz do livro *Caldeirão* do historiador Régis Lopes, editado um ano antes, dando continuidade à característica observada nos cordéis da década de 1980, conforme ressalva feita anteriormente.

Inicialmente o que salta aos olhos do leitor é a leveza com que Gomes conduz sua representação. Talvez essa atribuição condiga com a finalidade dessa produção, uma vez que parece ter um ideal também didático. De modo que através dessa poesia, o leitor e/ou aprendiz

pode contemplar a história do Caldeirão, sua ideologia, a inovação da experiência comunitária, como também as desigualdades e a culminância da guerra, sem se deparar com ressentimentos.

Paulo de Tarso B. Gomes, além de poeta, é historiador e professor e se autodefine como “defensor da luta dos trabalhadores para um rumo melhor do nosso país.” (GOMES, 1997).

Vou trazer para os leitores
Uma nova poesia
Contada com muita prosa,
Com amor e alegria
“Ensinando” pra vocês
História e Filosofia

A história é bonita
Merece sua atenção
Pois agora vou falar
Dos fatos do Caldeirão
E do Beato Lourenço
Homem de bom coração.

O fato que vou narrar,
Observe meu leitor,
Foi pesquisando num livro
De um bom historiador
Meu amigo Régis Lopes
Rapaz de muito valor.
(GOMES, 1992, p, 01 – grifo nosso).

É interessante observar que enquanto para Gomes “a história é bonita”, para Alves (1984), ela “é triste”, de forma que “faz vergonha até lembrar” (ALVES, 1984, p. 1). Certamente, a beleza da história do Caldeirão, vista pelo olhar de Paulo de Tarso se refere ao estilo de vida estabelecido naquela comunidade, que como outro poeta alude era um “oásis” (BATISTA, 1988, p.17).

Por outro lado a tristeza é atribuída pela condução dos fatos que levaram a destruição do Caldeirão. Nesse ponto os autores comungam da mesma opinião, mas a expressam de maneiras diferentes.

De modo que a beleza da história de Gomes é resplandecida a partir da capa do seu cordel, em que o trabalho é ali especialmente aludido, conforme podemos observar através da ilustração abaixo:

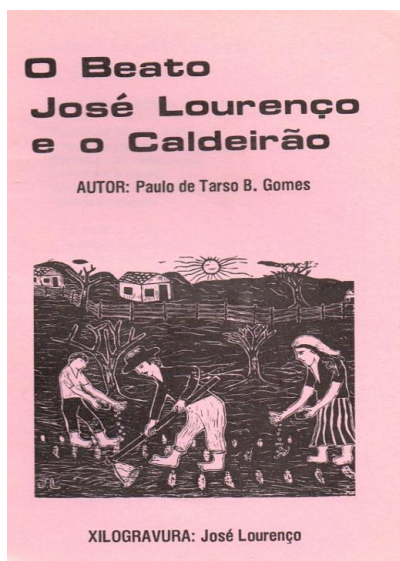


Figura 8 – Acervo: Martine Kunz

Após as apresentações, em que o poeta dialoga com o leitor, informando sobre sua produção, dá início a história do Caldeirão, abordando um assunto pouco mencionado neste *corpus*, o “Milagre de Juazeiro”:

Para narrar este fato
Preciso primeiro falar
“Milagre de Juazeiro”
Algo muito popular
Que deu início a tudo
Conforme vamos mostrar.

No ano de oitenta e nove,
Fim do século passado
O fato se tornou público
Perante todo o Estado
A hóstia que virou sangue
Sendo o “milagre” falado.

O fato repercutiu
Com muita divulgação
O povo pra Juazeiro
Corria em multidão
Pois queriam conhecer
Padre Cícero Romão.
(GOMES, 1992, p. 02).

Por conta dos episódios ocorridos em 1889, romarias se formam a caminho de Juazeiro do Norte, entre os romeiros, José Lourenço e sua família aparecem em algumas representações vistas aqui. Enquanto Batista (1988) alude a vinda de Lourenço juntamente à sua família, Gomes trata esse momento com certa diferença em seu cordel:

**Por volta de noventa e um
Chega um moço pacato**
Vindo lá da Paraíba
Para ser bem mais exato
De nome José Lourenço
Que mais tarde foi Beato.

**A procura da família
Veio o jovem paraibano**
Um moço trabalhador
Não era nenhum tirano
Apesar da pouca idade
Tinha bom senso e plano.
(GOMES, 1992, p, 02 - 03 – grifo nosso).

O poeta envereda pelos caminhos que levaram José Lourenço a Baixa Dantas, evidenciando o progresso da comunidade, utilizando expressões como “felicidade”, “união” e “harmonia” para ilustrar esses momentos até o episódio do boi Mansinho.

“Padim Ciço” tinha um boi
Deu de presente ao Beato
Mas as pessoas invejosas
Criaram um novo fato
Dizendo que o boi era santo
Espalharam o boato

O Floro Bartolomeu
No cargo de Deputado
Resolveu interferir
Pra não ser “prejudicado”
Ordenou matar o boi
E o Beato foi trancado.
(GOMES, 1992, p, 04).

O poeta em conformidade com Rodrigues (1981) também atribui a prisão e morte do boi a uma questão política, visto que Floro Bartolomeu não queria ser reconhecido como o “deputado dos fanáticos”, conforme observou Lopes (2011), em alusão feita anteriormente. Após esses acontecimentos, a narrativa segue convergindo com as demais, cita a venda do sítio Baixa Dantas, a aceitação desse fato pelo beato sem que ele faça “a menor confusão”. Recria o diálogo entre Lourenço e Padre Cícero sobre a ida para o Caldeirão e adiante enumera as benfeitorias ali acontecidas:

**O Caldeirão passa a ser
Uma terra produtiva
Comunidade bonita
Organizada e ativa
Sem nenhuma violência
Sendo bastante atrativa.**

[...]

José Lourenço e seu povo
 Tinham trabalho descente
 Por isso no Caldeirão
 Quem morava era contente
 Rezavam todos os dias
 E eram a Deus temente.
 (GOMES, 1992, p, 06 – grifo nosso).

A seca de 1932 aparece também na versão de Paulo de Tarso, aí critica o Governo e defende que o beato José Lourenço sustentou os famintos naquela ocasião. De modo que o poeta converge nesse aspecto com os demais da geração de 1980.

**No ano de trinta e dois
 Com a seca no Nordeste
 O povo passava fome
 No grande sertão Agreste
 Pois o governo safado
 Era pior que a peste.**

**Mas o Beato Lourenço
 Homem muito prevenido
 Abrigou no Caldeirão
 Quem o fazia pedido
 Fazendo sem interesse
 Pois não tinha nem partido.**
 (GOMES, 1992, p, 07 – grifo nosso).

Observando as reflexões de Lopes (2011), é possível notar semelhanças entre essas e o discurso do poeta:

Durante a seca 1932 no Cariri, houve uma outra forma de ajudar os flagelados. O Caldeirão acolheu e deu alimento a centenas de sertanejos de Pernambuco, Rio Grande do Norte e do próprio Ceará. Muitos dos que foram escapar da fome no Caldeirão acabaram ficando lá mesmo e integraram-se à comunidade. O acolhimento foi uma prática não só nos períodos de seca, mas é claro que nas secas chegavam mais gente. Em 1932, a organização do Caldeirão já estava tão bem estruturada que não houve grandes problemas no socorro dos flagelados. (LOPES, 2011, p. 79).

Seguindo a lógica historiográfica, Gomes recria em forma de versos os principais acontecimentos que após anos de bonança levaram ao fim do Caldeirão. Nesse meio tempo, o poeta apresenta uma novidade para o leitor, que diz respeito a construção da capela na comunidade e a repercussão disso entre a Igreja:

**O Caldeirão tava grande
 Que localidade bela
 Mas faltava no local
 Uma pequena capela
 Começaram o trabalho
 Com paciência e cautela**

**Mas a Igreja do Crato
Começa a fazer questão
Dizendo que não é certo
Pois aquela construção
Pode jogar seu povo
Contra a religião.**

[...]

**E os boatos começaram
Se espalhar na região
Acusam José Lourenço
De fazer profanação
Dizendo que o Beato
Tinha parte com o cão.**

(GOMES, 1992, p, 07- 08 – grifo nosso).

Destarte, Gomes tal como Rodrigues (1981) expõem a Igreja Católica no complô contra o Caldeirão.

A morte do Padre Cícero aparece nas considerações de Gomes, quando menciona o testamento do Patriarca, em que as terras do Caldeirão são deixadas para os Salesianos, “Homens de muita ambição”, que “foram tomar do Beato o Caldeirão” (GOMES, 1992, p. 09). Desse episódio, Gomes fala da expulsão dos trabalhadores, da ida para o Araripe, do conflito entre Severino Tavares “um rapaz de bom valor” (GOMES, 1992, p. 10) e Zé Bezerra, cujos terminam a batalha morrendo. Nos seus versos, com humor pune ao capitão, que teve a entrada recusada no céu e no inferno:

O Capitão Zé Bezerra
O céu também procurou
Mas foi ligeiro informado:
- São Pedro o recusou
Não há vaga pra bandido
Que muita gente matou.

[...]

Zé Bezerra no espaço
O diabo foi visitar
Mas quando chegou no inferno
Não deixaram ele entrar
Temendo que o diabo chefe
Ele viesse matar.
(GOMES, 1992, p, 12).

O discurso de Gomes pode direcionar para uma reflexão acerca da construção dos “heróis do povo”. De que maneira se fabricam esses heróis, a que memória eles são associados? No início deste trabalho, nos deparamos com uma narrativa que defendia explicitamente a honra do Capitão José Bezerra, homem ali consagrado como verdadeiro herói. Certamente o que legitimava o discurso de José Santana não era somente a testemunha

ocular da sua bravura naquela missão, como o caso da referida personagem vestida de soldado, mas todo o contexto que promoveu a destruição da comunidade do Caldeirão.

Ora, os segmentos sociais de decisão da época precisavam de um “mártir” para oferecer a sociedade em contraposição à lembrança pungente da guerra e suas repercussões. José Bezerra respondia a essa necessidade, pois conforme foi traduzido por Santana, morreu em nome da ordem e do bem da sociedade.

Com o passar do tempo e com as transformações a que a sociedade se submeteu, essa memória de mais de setenta anos atrás é reconstruída por outro viés. Conforme podemos observar na reprodução que Gomes faz dessas personagens. Enquanto nos anos 1930, a memória de Severino Tavares foi renegada, para Paulo de Tarso, ele “é um rapaz de bom valor”.

A condução dos fatos é administrada por outros princípios, quando passam a ter outras implicações. Logo, o herói da sociedade de 1936, 1937, 1938 não é o herói dos anos 1970, 1980, 1990, nem a sociedade é a mesma.

Portanto, o modo como Paulo de Tarso elabora o desfecho da participação do capitão José Bezerra na sua narrativa é diametralmente oposta a forma como, por exemplo, o cordel de José Santana retrata a vida dessa personagem. É perceptível a barreira ideológica que há entre ambos os poetas. Enquanto José Santana eleva José Bezerra ao patamar de herói, conforme salientamos anteriormente, Gomes satiriza a figura do capitão rejeitado pelo “céu” e pelo “inferno”. Da mesma forma que para o poeta remanescente, “Zé Lourenço era bandido”, na reprodução de Gomes, quem recebe essa alcunha é o próprio Zé Bezerra. O que confirma uma mudança expressiva na correspondência de valor que os poetas contemporâneos dão a essas figuras.

Através desse ritmo, o poeta historiador, “transvê” a história do Caldeirão, que segundo ele ficou por tanto tempo “obscura”⁶¹. De modo que nas vinte e duas estrofes que compõem a reta final de seu cordel, Gomes menciona inclusive a volta do beato para o Caldeirão em 1938. O retorno é aludido pelos remanescentes entrevistados por Holanda e Cariry (2007) e por Lopes (2011), como um retorno rápido, pois logo os Salesianos o expulsaria definitivamente daquelas terras.

⁶¹Referência feita pelo poeta em entrevista concedida à autora no dia 24 de outubro de 2011, durante Seminário ministrado pela Prof^a Dr^a Martine Kunz no curso de Mestrado em Literatura Comparada da Universidade Federal do Ceará. Disponível em áudio.

Certamente a irreverência emoldura os versos de Paulo de Tarso, sobretudo quando após narrar a morte do beato José Lourenço, ele cria o encontro desse com o Padre Cícero no céu:

Zé Lourenço viajava
 Coberto de proteção
 Anjos o acompanhavam
 Com grande satisfação
 No portão já encontraram
 Padre Cícero Romão.

O Beato de joelhos
 Cumprimentou o padrinho
 Que disse: - vamos ver meu filho
 Vou te mostrar o caminho
 Pois você aqui no céu
 Será meu novo vizinho.

- Mas quero pedir desculpas
 Pela grande confusão
 Dos padres Salesianos
 Com você no Caldeirão
 Eu estou arrependido
 E quero o seu perdão.

Lourenço disse: - Padrinho
 O senhor tá perdoado
 O caso do Caldeirão
É um fato já passado
Não tenho direito
de dizer quem tá errado.
 (GOMES, 1992, p, 15 – grifo nosso).

É interessante observar ainda os três últimos versos que simbolizam a fala de José Lourenço, neles o poeta deixa entrever um estado de paz entre as duas personagens, com isso mantém intocadas as “ordens celestes e terrestres”, conforme matizou Kunz⁶².

Paulo de Tarso faz da sua representação um livre quadro de versos celebrando a história que como ele diz: “Vocês precisam saber”, através do qual conclui sua missão de “devolver a história do povo para o povo”, “pois a história do povo é preciso resgatar” (GOMES, 1992, p, 16). Do seu feito, dá caminho para as narrativas do porvir.

⁶²Em reunião de orientação desta pesquisa, referindo-se especificamente a esse trecho da narrativa de Gomes (1992, p. 15).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Tudo que não invento é falso.”

(Manoel de Barros)

“[...] mais uma estória / Feita da história
afinal”

(Paulo Nunes Batista)

O professor Durval Muniz de Albuquerque Jr. (1999) em seu estudo *A invenção do Nordeste e outras artes* traz entres outras reflexões, as implicações na busca por raízes regionais, a procura por uma identidade que permite “costurar uma memória, inventar tradições, encontrar uma origem que religa os homens do presente a um passado, que atribuem um sentido a existências cada vez mais sem significado.” (ALBUQUERQUE, 1999, p. 77).

É, pois, que partindo dessa perspectiva chegamos à seção deste trabalho, que reúne sua ideia central, seus apanhados ao longo da pesquisa e o que poderíamos considerar como os elementos de conclusão acerca das *Representações do Caldeirão do beato José Lourenço na literatura de cordel*. Para isso tecemos leituras comparativas entre os folhetos reunidos, bem como com os seus respectivos contextos, associando suas implicações à ideia de *invenção* lançada por Durval Muniz.

Alcançamos este patamar comparativo após percebermos que há relações ocasionadas pela história do Caldeirão com os agentes da literatura de folhetos de cordel, isso para restringir nosso horizonte de pesquisa, visto que as associações extrapolam este último segmento. Todavia, dessas relações são construídas versões baseadas nas ideias defendidas no momento em que a criação poética é solicitada. Desse feito, poderíamos inferir que cada época escreve suas “verdades”.

Destarte, não teríamos uma verdade absoluta, nem sua busca foi o motor desta pesquisa, mas foi sim chegar ao encontro de uma literatura que representou em seus versos a história do Caldeirão do beato José Lourenço desde a época do fenômeno até os anos 1990, visando contemplar a perspectiva dos poetas nas narrativas desenvolvidas, seu lugar social, a construção das personagens e a quem eles atendiam.

No decorrer da catalogação e análise dos folhetos, alguns sinais apontavam para a formação de uma geração de poetas e folhetos que defendiam um ideal diferenciado daquele que foi o último a ser balizado sobre o Caldeirão. Isso quando falamos do cordel de José Santana, provavelmente feito em 1937, que conduzia a história do Caldeirão sob o ponto de vista do “vitorioso”, fundamentado pelas verdades defendidas pelos segmentos sociais que impuseram o fim à comunidade liderada pelo beato José Lourenço nos termos que foram. Portanto, a perspectiva contra o Caldeirão e os seus trabalhadores foi registrada pela poética popular e por cerca de trinta anos foi a única versão disponível nesse gênero sobre o fenômeno, a qual temos acesso dentro do *corpus* para essa ocasião catalogado.

Por três décadas o Caldeirão foi silenciado, alvo de repressão, tabu. Não se podia falar, não era conveniente mexer num território minado pelos poderosos de então. Os poetas da época desviavam sua lira do assunto. Talvez, não por conformidade ou resignação, à medida que o silêncio das suas trovas ultrapassou as fronteiras do tempo e ecoou em forma de “influência” no versos escritos por mãos agora, de certa forma, mais livres, visto que conforme norteia Jerusa Pires, outrora “a literatura popular sempre esteve, mais do que nenhuma outra, sob censura e mesmo perseguição policial” (FERREIRA, 1997, p.141). Já em meados de 1970, passa por transformações, bem como ocorreu com este tema.

Caldeirão não é mais combatido. Inclusive, parte daqueles o demonizaram à época, refazem suas opiniões. Nesse tempo, o cordel rompe com o paradigma de silêncio e a história do beato José Lourenço e de suas comunidades é recriada sob outros valores que não aquele último, de 1937. Ora, os tempos são outros, a sociedade rumou para caminhos que não aqueles abertos pelos que são tradicionalmente conservadores.

A “verdade” dos anos 1970 em diante não é a mesma de trinta, quarenta anos antes. Tampouco, a experiência desenvolvida no Caldeirão resplandia o mesmo estereótipo de “fanatismo” ou “incivilidade”, ao contrário, seu exemplo é almejado por setores em transformação ideológica da Igreja Católica e reconhecido por grupos de pensadores, poetas, intelectuais envolvidos numa nova conjuntura que modelava a história do Ceará, consecutivamente do Caldeirão, através de outras memórias e motivados por outros interesses.

Desse modo, a geração de cordelistas contemplada neste estudo “inventa” o seu Caldeirão. Cada época escolhe o seu elemento de combate e o poeta recria, assim temos relatos pautados em aspectos determinados: o boi Mansinho e sua simbologia, a missão de cuidar dos pobres atribuída por Padre Cícero a José Lourenço, a cruz e o furioso dragão, o trabalho comunitário, as benfeitorias desenvolvidas nas comunidades, a alusão à fartura, à abundância de água, o socorro durante a seca de 1932, os ensinamentos do beato, a ordem, a

fé, o milagre da hóstia consagrada, a igreja do Caldeirão, os romeiros, os coronéis, as relações com os demais membros da sociedade caririense, o papel do Dr. Floro Bartolomeu, os políticos, a política, o assistencialismo, o desterritorialismo, o misticismo, a divisão da comunidade pós-invasão de 1936, a participação de Severino Tavares, os embates na Serra do Araripe em 1937, a defesa da memória do capitão José Bezerra, a denúncia dos bombardeios contra os caldeirenses pelas forças policiais do governo, o poder da reconstrução pela fé e pelo trabalho etc.

Mas o que sobremaneira prevalece entre as representações acompanhadas de 1935 a 1992, é o modelo criado por José Lourenço como alternativa à miséria, à exploração e às intempéries sofridas pelo trabalhador rural sertanejo no início do século XX, e que na época foi reduzido às cinzas pela “inveja”, “ambição” e o “ódio” daqueles que oprimem, julgam e condenam aos que em um dado momento não se deixam mais subjugar, conforme depreendemos dessa poética.

O exemplo do Caldeirão é retomado pelas narrativas de cordel anos depois também para que não seja esquecido, quiçá para servir de motivação a outros grupos de camponeses em situação de miséria similar ao dos caldeirenses antes de tomar parte da comunidade, para que vislumbrem que com união e coragem é possível desatar as amarras que os impedem de ser “agentes de seus destinos”, se pensarmos na causa do padre Geraldo Oliveira Lima, por exemplo. Ou ainda quando os fins são os de promover a história do Caldeirão a parte significativa da história do Ceará ou de “devolver a história do povo para o povo”, de torná-la conhecida a quem quiser.

Seria inviável colocar as motivações dentro de um mesmo ideal, porque são narrativas provenientes de vozes, tempos e contextos diferentes, até certo ponto, pois há pelo menos entre elas algum aspecto em que se encontram, convergem e conversam sobre a mesma “coisa”, cada uma delas acrescentando sua reflexão, seu olhar sobre tal coisa e suas causas. De modo a se permitirem conjecturar sobre seu contexto, o indivíduo que a escreve e os elementos de inteligibilidade da sua mensagem.

A literatura popular em versos realiza essa mensagem, interpretada através de um código (muito rígido, estabelecido previamente), o que pode ser de interesse de algumas categorias ou grupos de pessoas, de modo a transmitir de forma sistematicamente simples e clara a história que não estava ao seu alcance ou caso contrário, elaborada de forma divergente, contemplando outros aspectos que mudam seu sentido parcial ou totalmente, quase outra história.

De qualquer modo, o que se interpretará daí é algo difícil de se definir ou absorver, somente possível que se realize através da sensibilidade de cada leitor e/ou ouvinte, que se voltar para essa literatura. Cada um terá sua própria representação das coisas, a partir de nuances pintadas por diferentes mãos em versos com pelo menos quatorze rimas específicas⁶³, por vezes parecendo compor uma exposição comum.

A busca da literatura de cordel possibilitará encontros formidáveis de tempos, ideias, espaços da história do beato José Lourenço e do Caldeirão, ou inversamente, o tempo, a ideia e o espaço buscarão a literatura e o encontro será de representações da história que contam sobre um povo que viveu irmãmente, num lugar não tão distante no tempo e no espaço, mas cujo alcance é permitido somente pela memória, pela imaginação, pela criação artística e pela “invenção” que resistem ao movimento natural da vida porque seu resultado dá o sentido dessa busca.

Lopes (2011) quando fala acerca da memória trazida para o presente pelo “naquele tempo era assim” nos direciona para uma reflexão que conversa com os aspectos deste trabalho que foram possíveis de dimensionar após idas e vindas aos textos deste *corpus* de pesquisa.

Ora, se as coisas “daquele tempo” estivessem do mesmo jeito, elas não seriam lembradas, isto é, estariam sendo, de alguma maneira, vividas. Com as transformações, ocorridas no caminhar do tempo, as lembranças são construídas através de um complexo de jogos e fatores que irão dar formas e sentidos ao lembrar. (LOPES, 2011, p. 175).

Os folhetos de cordel foram aos poucos se insinuando e permitindo-se olhar por lentes estrangeiras, vindas do presente e separadas quatro anos da última representação do Caldeirão, de 2008 e setenta e sete anos da primeira⁶⁴. Daí, encontros foram promovidos, por exemplo, entre o último poeta pertencente a este *corpus* vinculado à geração de 1980, Paulo de Tarso B. Gomes com José Bernardo da Silva, o precursor de toda esta conversa. Aí, preservadas as especificidades, sutilezas e semelhanças características de um conjunto de poetas naturalmente distintos.

⁶³O *corpus* catalogado para esta pesquisa tem dezesseis produções realizadas por catorze poetas.

⁶⁴Dados referentes a 3ª edição de *O beato José Lourenço e o Cadeirão*, de Paulo de Tarso B. Gomes, mesmo autor com o qual encerramos o ciclo de análises deste trabalho, inclusive com o mesmo folheto editado primeiramente em 1992 e à representação de 1935, de José Bernardo da Silva, *O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto*.

Meu caro leitor amigo
 carece de exatidão
 o que a história escreve
 e em muita ocasião
 torce a verdade e fato
 carecendo um destrato
 por parte do escrivão

**Falo e provo o que lhe digo
 não tenho medo de errar**
 basta pegar um livro de história
 você abrir e olhar
 quem escreve é um vencedor
 seu lado só faz gabar
 (RODRIGUES, 1981, p. 1 – grifo nosso).

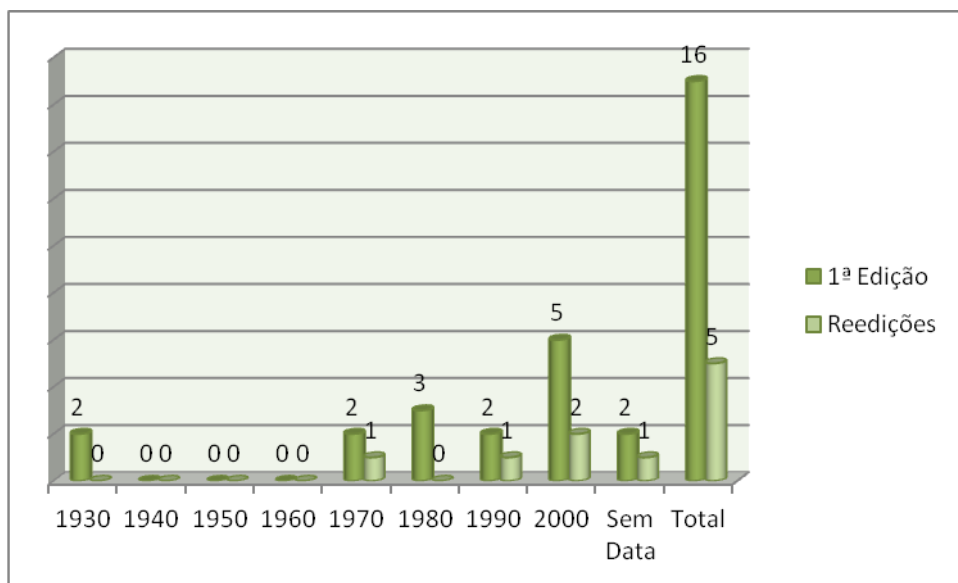
Destarte, fato particular a essa geração de poetas da década de 1980 é também comprovar o que sustentam em seus versos, de modo que para romper com a verdade “distorcida”, é imprescindível o apoio de autoridades no assunto, o que certamente distingue essa geração de poetas inseridos num ambiente cultural mais intelectualizado do que daquele poeta que viveu e retirou suas ideias do meio popular, como José Bernardo da Silva, por exemplo. Ele legitima sua versão pela (con)vivência que teve com aquele mundo, isso era o suficiente para os seus leitores e/ou ouvintes.

No entanto, para os poetas frutos da transformação processada na vida desde os anos trinta em diante, traduzir a história codificada pela escrita erudita para uma literatura popular é provavelmente sua arma de fundamentação. Se outrora o argumento era validado somente pela posição que a representação defendia, como José Santana, por exemplo, agora, isso não é por si só mais suficiente, quando se quer desenvolver narrativas que se associam às memórias de acontecimentos traumáticos e controversos como foi a situação do Caldeirão.

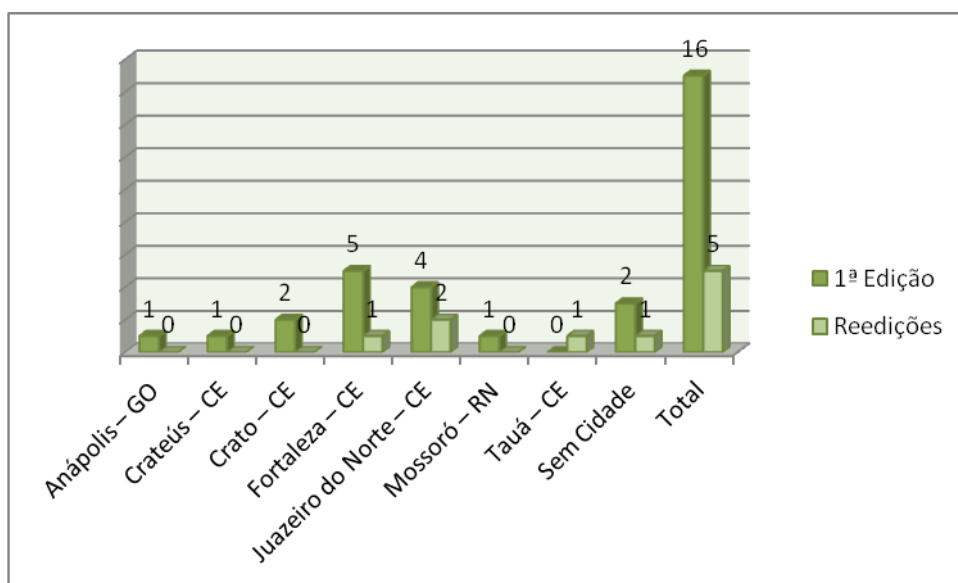
Diante disso, uma rede é tecida, fundamentada, por vezes refutada, e não concluída, está em estado de construção. De modo que seus artífices mudam o ponto quando iniciam seus trabalhos, sem que a essa circunstância cause desarmonia ou desequilíbrio, mas outra coisa, outra história, outra “invenção”.

A seguir, podemos visualizar ilustrações com os dados referentes à produção de folhetos de cordel desde os anos 1930 até a década de 2000, além de um quadro de cidades de onde são provenientes.

Representações do Caldeirão na literatura de Cordel seguindo a linha do tempo a partir do elemento produção



Representações do Caldeirão na literatura de Cordel seguindo a perspectiva de local de publicação



Com relação aos dados, verificamos que há incidência constante de folhetos a partir dos anos 1970, subsequentes às três décadas de vazio e à produção dos anos 1930. De modo que desde o período que caracterizamos como o que rompe com o paradigma do silêncio, essa produção permanece década após década, com seu ápice nos anos 2000.

Acerca do local de edição ou publicação, há uma vasta circulação dessas representações, pois contamos com sete cidades onde a história do Caldeirão do beato José

Lourenço se fez conhecer, com Fortaleza e Juazeiro do Norte aparecendo com maior número de publicações.

Esses dados certamente são apenas números e concernente à uma literatura fluída não delimitam de fato os seus horizontes, mas sinalizam para onde as representações do Caldeirão na literatura de cordel se movimentaram e com que frequência⁶⁵.

⁶⁵A relação de folhetos catalogada neste *corpus* segue em anexo, onde poderá ser contemplado além dos que foram analisados, os demais.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado das Letras / Associação de Leitura do Brasil, 2006.

AGUIAR, Cláudio. **Caldeirão**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1982.

ALVES, Francisco Artur Pinheiro. **Pequena história do Caldeirão: à guisa do romance popular**. Fortaleza: edição do autor, 1984.

_____. s/d. Disponível em:

<<http://www.movmarina.com.br/profile/FRANCISCOARTURPINHEIROALVES>>. Acesso em: 04 abril 2012.

ALVIM, Max e SALOMÃO, Neuma. **Histórias de Poder: Militares, Imprensa e Igreja**. Sesc TV e TV Cultura, Brasil, 2006. (Documentário). Disponível em: <<http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/historiasdopoder/>>. Acesso em: 12 mar. 2012.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO CEARÁ. **Caldeirão**. Brasil, 2009. (Documentário)

ALMEIDA, Átila A. F. de & ALVES SOBRINHO, José. **Dicionário Bio-Bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada**. João Pessoa: Editora Universitária, 1978.

BARROS, Manoel de. **Arranjos para assobio**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

_____. **Livro sobre nada**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000

BARROSO, Oswald. **Romeiros**. Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto – URCA, 1989.

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.

BATISTA, Abraão. **A história do beato José Lourenço e o boi Mansinho**. Juazeiro do Norte: Ed. Esp. 3M, 11/1990.

_____. **O beato da cruz**. Juazeiro do Norte: [s.n.], 1973.

_____. 2006. Site da Editora Coqueiro. Entrevista concedida a Fernanda Moura. Disponível em: <http://fotolog.terra.com.br/editora_coqueiro:496>. Acesso em: 23 fev. 2012.

BATISTA, Paulo Nunes. **História do Boi Mansinho e o Beato José Lourenço**. Juazeiro do Norte: Editor Setor Cultural da Casa do Pintor, 1988.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnabin. 7. ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v.1)

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Paulinas, 2005.

BINES, Rosana Kohl. Cotejando a dor: narrativas da barbárie. *In*: HENRIQUES, Ana Lúcia de Souza (org.). **Literatura e comparativismo**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

BRAGA, Gabriel Ferreira. **Entre o fanatismo e a utopia: a trajetória de Antônio Conselheiro e do Beato Zé Lourenço na literatura de cordel**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/BUOS-8FMH5A/1/entre_fanaticos_e_her_is_gabriel_braga.pdf>. Acesso em: 26 out. 2011.

CALASANS, José. **Cartografia de Canudos**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Conselho Estadual de Cultura / EGBA, 1997.

_____. **A guerra de Canudos na poesia popular**: Edição fac-similar. Salvador: UFBA: Centro de Estudos Baianos, 1995.

_____. **Canudos na literatura de cordel**. São Paulo: Ática, 1984.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARIRY, Rosemberg. **O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto**. Fortaleza: Cariri Filmes, 1985. Longa- metragem. Documentário. (78 min).

CARVALHO, Gilmar de. **Lyra popular: o cordel de Juazeiro**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro, 1954.

_____. **Vaqueiros e cantadores: folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará**. 3. ed. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia; Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

CATÃO, Francisco A.C. **O que é a teologia da libertação**. São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1986. 104 p.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

CORDEIRO, Domingos Sávio Almeida. **Um beato líder: narrativas memoráveis do Caldeirão**. Fortaleza: UFC, 2004.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. 9. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1993.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Tradução de Maria Yeda Linhares. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel *et al.* **Literatura popular em verso: estudos**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP; Rio de Janeiro: Fundação da Casa de Rui Barbosa, 1986.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

FERREIRA, Jerusa Pires. Canudos – As vozes perdidas. In: ABDALA JUNIOR, Benjamin e ALEXANDRE, Isabel M. M. (org.). **Canudos: palavra de Deus sonho da terra**. São Paulo: Boitempo, 1997.

FRAGOSO, Dom Antônio Batista. A prática da força transformadora que é o amor não violento. In. FRAGOSO, Dom Antônio Batista *et al.* **Igreja de Crateús (1964 – 1998)**. São Paulo: Loyola, 2005.

GOMES, Paulo de Tarso B. **O Beato José Lourenço e o Caldeirão**. 1. ed. 2M. Fortaleza: [s.n.], 1992.

_____. **O Encontro de Zé Lourenço com Conselheiro no céu**. Fortaleza: [s.n.], s/d.

GONÇALVES, Luiz Gonzaga. **Conflitos com a cultura e tradições locais**. In. FRAGOSO, Dom Antônio Batista *et al.* **Igreja de Crateús (1964 – 1998)**. São Paulo: Loyola, 2005.

HOLANDA, Firmino e CARIRY, Rosemberg. **O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto: apontamento para a história**. Fortaleza: Interarte, 2007.

HOORNAERT, Eduardo. Questões metodológicas acerca da igreja de Caldeirão (heurística e hermenêutica). In. 1º Simpósio internacional sobre o Padre Cícero e os romeiros de Juazeiro do Norte, 1., 1988, Juazeiro do Norte. **Anais...** Fortaleza: UFC, 1988. p. 88-109.

HOUAISS, Antônio. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

KUNZ, Martine: **Cordel: A voz do verso**. 2. Ed. Fortaleza: Museu do Ceará, 2011.

_____. Os milagres do milagre na voz do poeta popular. In: Caderno cultural nº 10 – **Padre Cícero**. Fortaleza: Edições Fundação Cultural de Fortaleza, janeiro/fevereiro - 1994.

_____. **Expedito Sebastião da Silva**. São Paulo: Hedra, 2000.

_____. **Rodolfo Coelho Cavalcante. Poete populaire du Nord-Est du Brésil.** Tese de doutorado do 3º ciclo. Paris: Université de la Sorbonne Nouvelle – Paris III, 1982.

LIMA, Geraldo Oliveira. **Caldeirão.** Crateús: [s.n.], dez/1979.

LOPES, José de Ribamar (org.). **Literatura de cordel; antologia.** 2. ed. Fortaleza: BNB, 1983.

LOPES, Régis e KUNZ, Martine. **Frei Tito: em nome da memória.** 2. ed. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Ceará, 2005.

LOPES, Régis. **Caldeirão: estudo histórico sobre o beato José Lourenço e suas comunidades.** 2. ed. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar/ Núcleo de Documentação Cultural – NUDOC/UFC, 2011.

_____. **No meio do mundo.** Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.

MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista.** 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MENEZES, Djacir. **O outro Nordeste: ensaios sobre a evolução social e política do Nordeste da “civilização do couro” e suas implicações históricas nos problemas gerais.** 3. ed. Fortaleza: UFC. Casa de José de Alencar Programa Editorial, 1995.

MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. **Para uma leitura sociológica da literatura de Cordel.** Revista de Ciências Sociais, UFC, v.VIII, Nº 1-2, p.7-87. 1977.

MIRANDA, Julia. **O poder e a fé; discurso e prática católicos.** Fortaleza: Edições UFC, 1987.

_____. Horizontes de bruma: os limites questionados do religioso e do político. São Paulo: Maltese, 1995.

MOLLIER, Jean-Yves. **Leitura e seu público no mundo contemporâneo – Ensaio sobre história cultural.** Trad. Eliza Nazarian. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

NICODEMOS, João. 2011. Blog A Arte de José Normando. Disponível em: <<http://aartedejosenormando.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 04 abr. 2012.

NITRINI, Sandra. **Literatura comparada: história, teoria e crítica.** 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2010.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo: Dôminus / EDUSP, 1965.

QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. 15. Ed. Rio de Janeiro: J. Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1972.

RIOS, kênia Sousa. **Campos de concentração no Ceará: isolamento e poder na seca de 1932**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2001.

RODRIGUES, J. Normando. **O beato Zé Lourenço e o boi Mansinho ou: a chacina do Caldeirão**. Crato: Gráfica ABC, junho de 1981.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. **Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1985.

SANTANA, José. A tragédia do bandido Zé Lourenço com o Capitão José Bezerra / A chegada das forças em Socorro. *In*. HOLANDA, Firmino e CARIRY, Rosemberg. **O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto: apontamento para a história**. Fortaleza: Interarte, 2007.

SANTOS, Apolônio Alves dos. **Antonio Conselheiro e a guerra de Canudos**. Rio de Janeiro: Folhetaria Santos, s.d.

SEVCENKO, Nicolau. Prefácio da edição brasileira. *In*: **Dicionário de mitos literários**. Trad. Carlos Sussekind...et al. BRUNEL, Pierre (org.). 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

SILVA, José Bernado. O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto. *In*. HOLANDA, Firmino e CARIRY, Rosemberg. **O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto: apontamento para a história**. Fortaleza: Interarte, 2007.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

ANEXOS

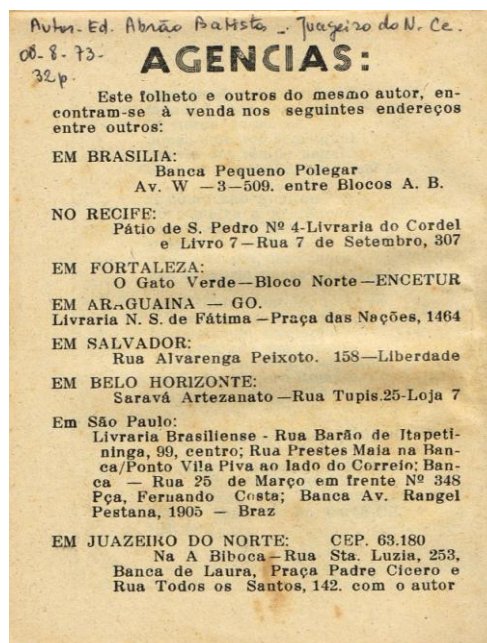
Anexo A - Lista do *corpus* catalogado

1. *O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto*, de José Bernardo da Silva (1935).
2. *A tragédia do bandido Zé Lourenço com o Capitão José Bezerra / A chegada das forças em Socorro*, de José Santana (1937).
3. *A história do beato José Lourenço e o boi Mansinho*, de Abraão Batista (1968-1973).
4. *Caldeirão*, de Geraldo Oliveira Lima (1979).
5. *O beato Zé Lourenço e o boi Mansinho ou: a chacina do Caldeirão*, de J. Normando Rodrigues (1981).
6. *Pequena história do Caldeirão: à guisa do romance popular*, de Francisco Artur Pinheiro Alves (1984).
7. *História do Boi Mansinho e o Beato José Lourenço*, de Paulo Nunes Batista (1988).
8. *O Beato José Lourenço e o Caldeirão*, de Paulo de Tarso B. Gomes (1992).
9. *O Encontro de Zé Lourenço com Conselheiro no céu*, de Paulo de Tarso B. Gomes (1997).
10. *O terrível massacre do Caldeirão do Beato Zé Lourenço*, de Geraldo Amâncio (2001).
11. *O Caldeirão e o Beato Zé Lourenço*, de Fco. Edésio Batista (2002).
12. *A comunidade do Caldeirão*, de Marcos Vinicius (2005).
13. *A guerra santa do Caldeirão*, de Audifax Rios (2006).
14. *O massacre de Caldeirão da Santa Cruz do Deserto*, de Medeiros Braga (2007).
15. *O massacre dos trabalhadores do sítio Caldeirão*, de Medeiros Braga (s/d).
16. *O Caldeirão do Beato José Lourenço*, de Prof. Maria Rosimar Araújo (s/d).

Anexo B – Capas dos folhetos



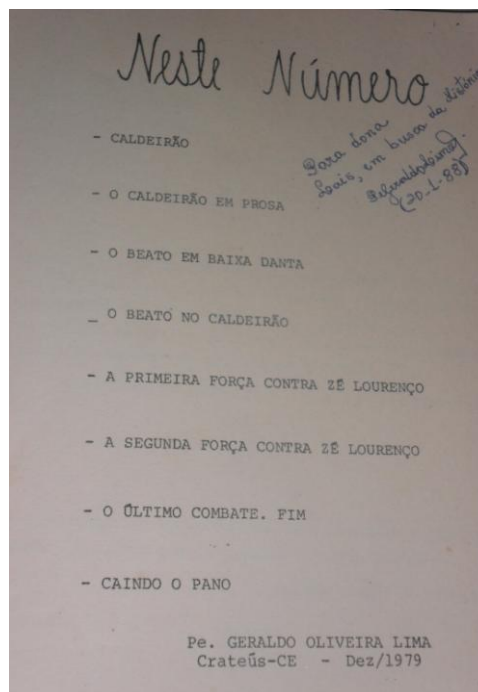
Acervo: Martine Kunz



Acervo: Martine Kunz

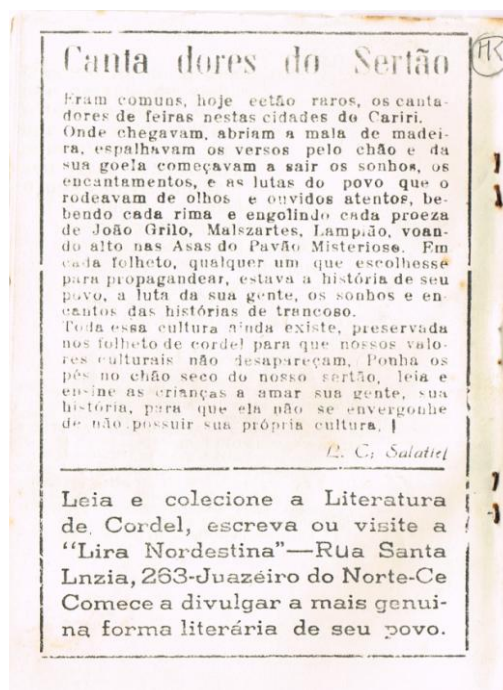


Acervo: Estefânia Martins

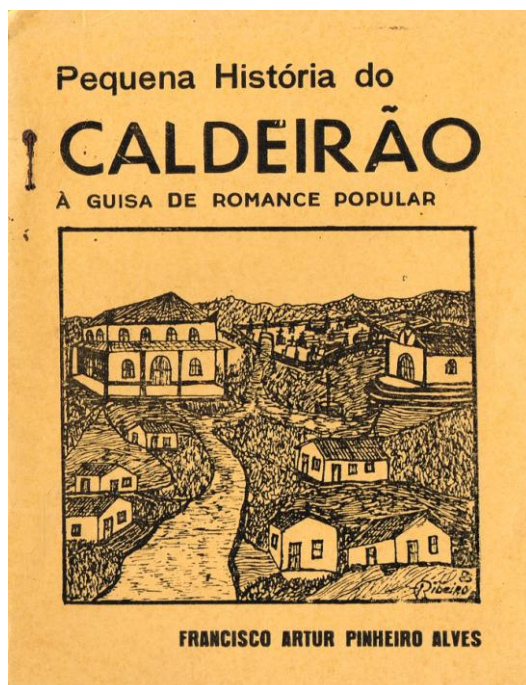




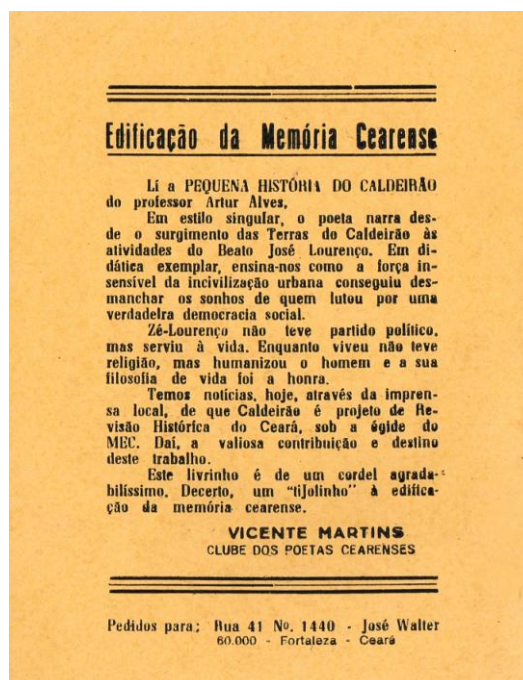
Acervo: Martine Kunz



Acervo: Martine Kunz



Acervo: Martine Kunz



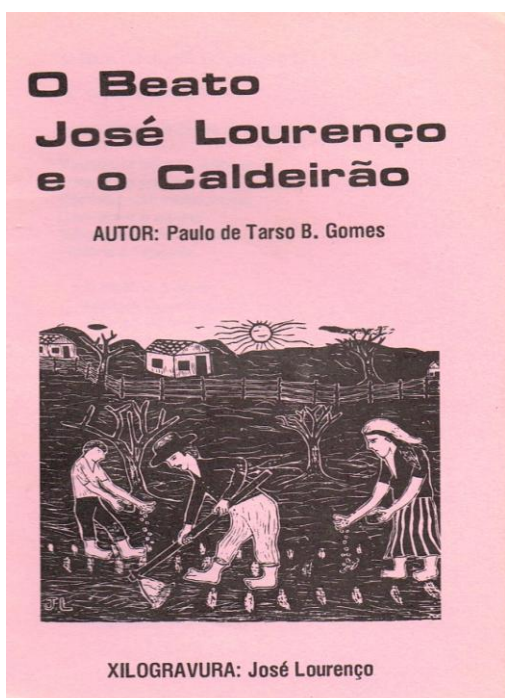
Acervo: Martine Kunz



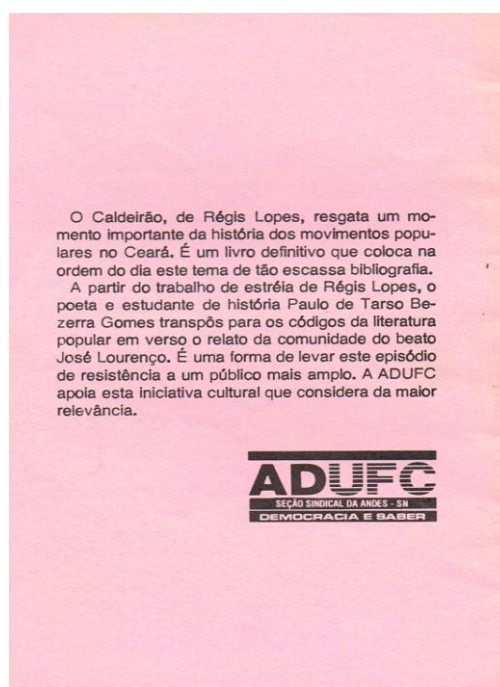
Acervo: Martine Kunz



Acervo: Martine Kunz



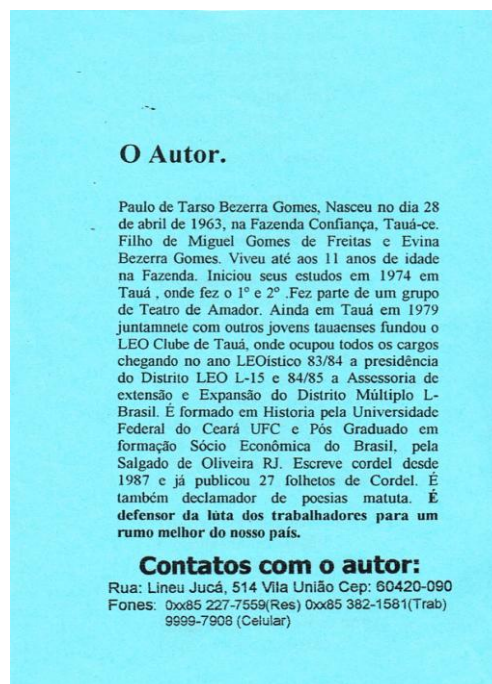
Acervo: Martine Kunz



Acervo: Martine Kunz



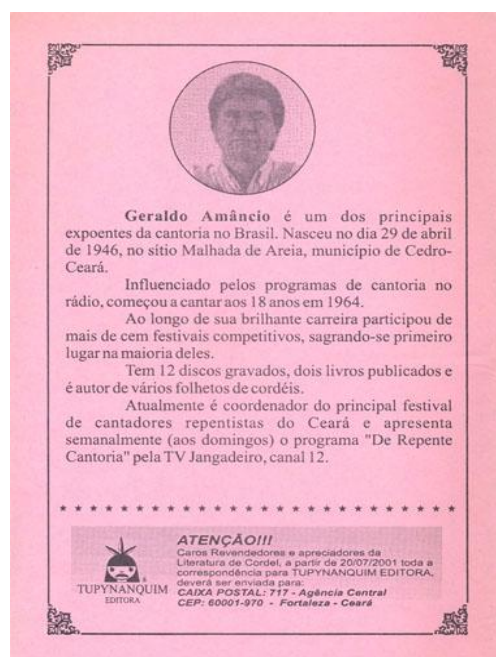
Acervo: Martine Kunz



Acervo: Martine Kunz



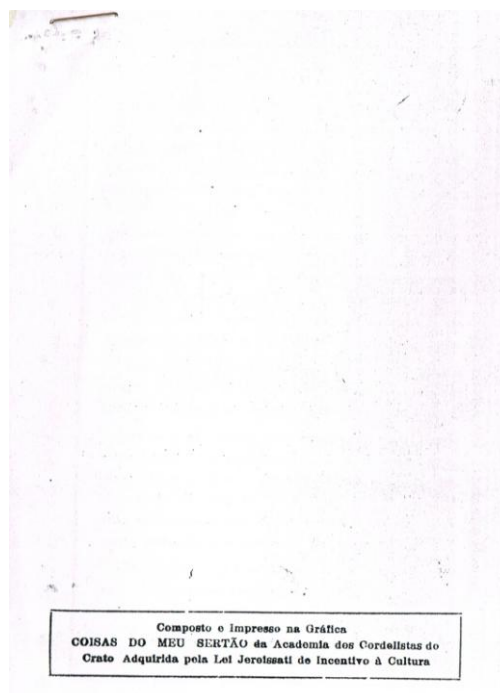
Acervo: Martine Kunz



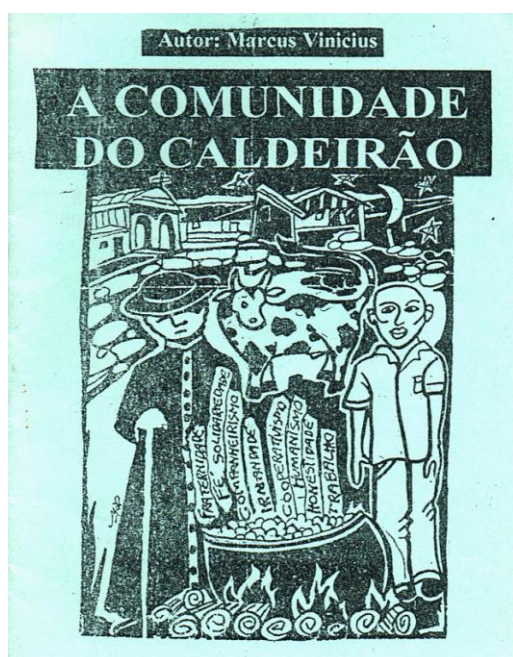
Acervo: Martine Kunz



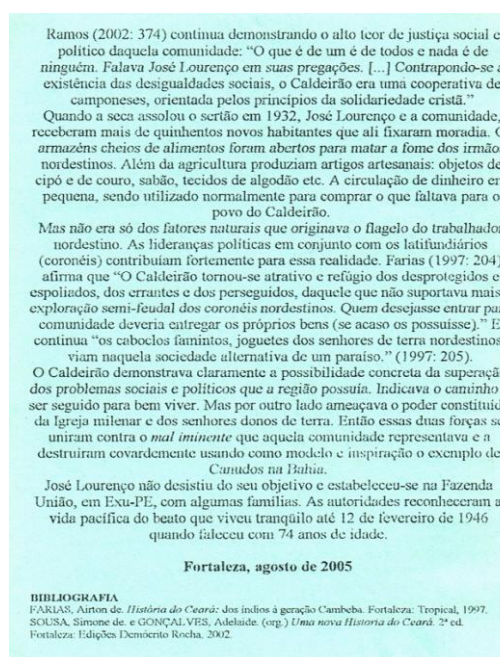
Acervo: Domingos Sávio Cordeiro



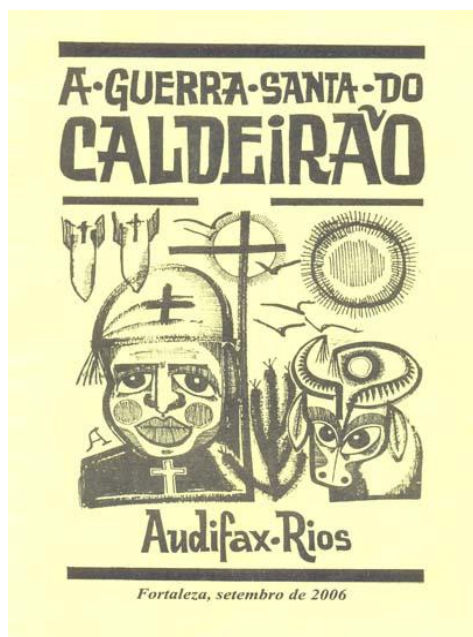
Acervo: Domingos Sávio Cordeiro



Acervo: Ana Cláudia Veras



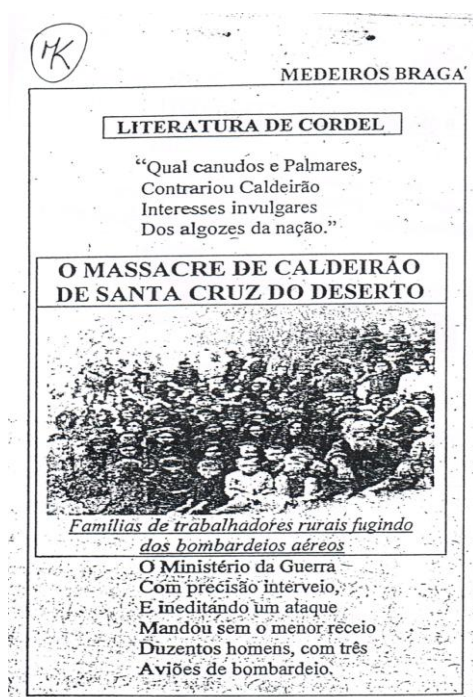
Acervo: Ana Cláudia Veras



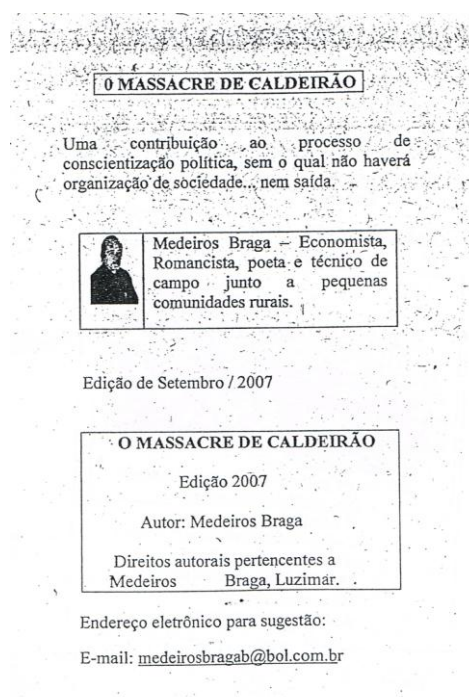
Cedido por: Silvana Bento



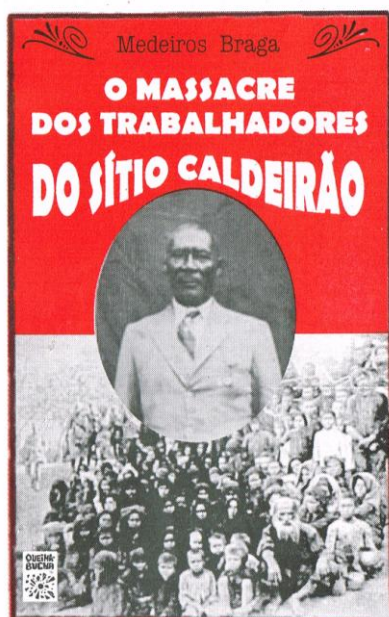
Cedido por: Silvana Bento



Acervo: Martine Kunz



Acervo: Martine Kunz



Acervo: Ana Cláudia Veras

Literatura de Cordel

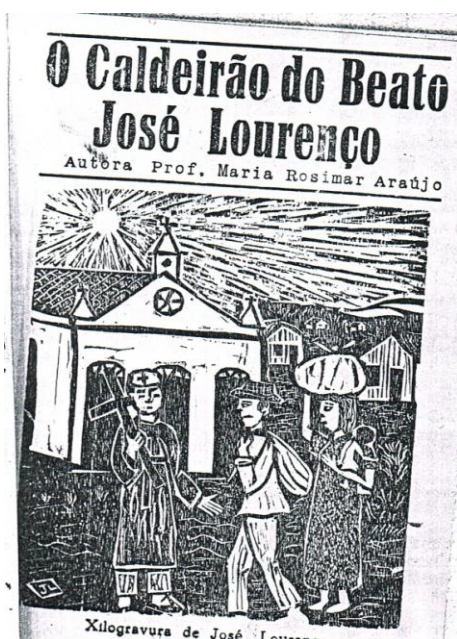
Medeiros Braga

Economista, romancista e poeta. Nasceu na cidade de Nazarezinho, Estado da Paraíba, onde cursou as primeiras letras. Desde muito cedo interessou-se em conhecer o mundo das letras, sendo que aos treze anos costumava ler os tão apreciados "folhetos de feira" em comunidades rurais para as quais era convidado. Foi aí o seu contato com a literatura popular. Quem conhece o seu trabalho há de concordar que se trata de uma poesia de cunho político-ideológico, educativa, agradável aos apreciadores, e que muito têm contribuído na formação política dos jovens. Já compôs mais de 70 títulos em cordel, a maior parte versando sobre educação política.

QUEIMA BUCHA Editora Queima-Bucha
Rua Jerônimo Rosado, 271 - Centro
Mossoró RN - 59610-020
queimabucha@uol.com.br
www.queimabucha.com

PROJETO ACORDA CORDEL
M. SILVA DE ALZA
Folhetos recomendados para uso nas escolas.

Acervo: Ana Cláudia Veras



Acervo: Domingos Sávio Cordeiro

Apoio:

Secretaria de Educação,
Cultura e Desporto de
Juazeiro do Norte — Ce.

Temos Nossa História Resgatada Através do Cordel.

Professora Maria Rosimar Araújo
Rua Santa Luzia, 1549
Bairro São Miguel
Juazeiro do Norte — Ce.

Acervo: Domingos Sávio Cordeiro